ÁLVARO MAIA

NAS TENDAS DE EMAÚS

2ª EDIÇÃO REVISTA

AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS

Nas Tendas de Emaús

2ª Edição Revista

Biblioteca Pública do Estado do Amazonas
DOAÇÃO
Feita _____
Em ____/____/____

Nas Tendas de Emaús

2ª Edição Revista

Álvaro Maia

AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS

Manaus - 1999

Os Discípulos de Emaús

"Pela tarde desse mesmo dia, Jesus apareceu também a dois discípulos que se dirigiam ao castelo de Emaús. Sem dar-se a conhecer, acompanhou-se, como se fosse um simples viajante. Ouvindo a conversa deles, perguntou-lhes de quem falavam e porque estavam tão tristes. Um deles: – "Serás acaso um forasteiro, que não sabe o que se passou em Jerusalém?" – E contaram-lhe como Jesus de Nazaré tinha sido condenado à morte e crucificado.

– Nós esperávamos, disseram, que Ele viesse salvar Israel, mas já é o terceiro dia que essas coisas sucederam. Entretanto, algumas mulheres disseram que ele ressuscitou. Então Jesus, que ainda não fora reconhecido, os censurou dizendo: – "Ó insensatos e duros de coração em crer o que foi predito pelos profetas". – E, explicando-lhes as Sagradas Escrituras, demonstrou-lhes que tinha sido profetizado que Jesus devia padecer antes de entrar na sua Glória. Chegando perto do castelo, Jesus fingiu continuar a sua jornada, mas os discípulos insistiram para que ficasse com eles, pois já se fazia tarde. Jesus aquiesceu e, quando se sentaram à mesa, tomou o pão, benzeu-o, partiu-o e deu-o aos discípulos. Nesse instante, abriram-se-lhes os olhos e O reconheceram; mas Ele desapareceu".

- Dom Bosco -

SUMÁRIO

I - Noite de Redenção..... 1

II - O Cântaro da Samaritana..... 17

III - O Clarão Solitário..... 33

IV - Etelvina, Enfermeira da Esperança..... 51

V - Bendita entre as Mulheres..... 71

VI - Água-Viva..... 87

VII - Luz no Horizonte..... 107

VIII - "Os Sãos Não Precisam de Médicos!"..... 123

IX - Clarões da Idade-Nova..... 145

X - Sal e Sol..... 169

XI - A Hora-Sexta..... 185

XII - "Vinde a Mim !"..... 205

XIII - Nas Tendas de Emaús..... 221

XIV - ... "Manarão Rios de Água-Viva"..... 235

XV - Oração de São Francisco de Assis..... 249

XVI - Laudes da Renúncia..... 263

XVII - "Levanta-te e Caminha!"..... 279

I

Noite de Redenção

Noite de Redenção

I

Após o aviso misterioso daquela noite, quando bebi um suavíssimo jorro de consolação, fui procurar ouvir, em um mirante aberto para os horizontes, as flutuações de tuas idéias encantadas. Elas ainda me volteiam na lembrança: as palavras carinhosas trazem sílabas de diamantes; são preces sincronizadas em sonoridades de órgãos, sob vitrais claros. Julguei ver-te musselinada de luar e de estrelas; falavas, talvez, por um vento acariciante, que trazia, de bem longe, os sortilégios das águas e das florestas. Os teus anos em flor, três anos de ave foragida, ressumbrante de maravilhamentos, ressurgiram como a síntese purificada de séculos, sempre em ascese de perfeição. Falavas nos mandamentos da fé, e eu te ouvia com a sensibilidade de uma criança às primeiras lições de catecismo.

Nuvens errantes cruzavam-se, e o interlúnio tecia desenhos impressionantes na penumbra. As sombras moviam-se, na aparência de mãos diáfanas de enfermeiras, e eu percebi a tua voz no meu espírito; percebi frases transubstanciadas pelo bem e pela bondade. Só, de olhos nos céus, nos clarões das lâmpadas dos casais em repouso, ou nas ruas adormecidas. Ferido e vencendo a tormenta desencadeada, ao império das reservas interiores, profundamente diminuídas, ergui a minha oração, rogando o amparo de forças construtivas. E essas forças miraculosas

deslizaram sobre mim pela misericórdia de tuas bem-aventuranças — forças espirituais de resistência, cujas raízes se abeberam na verdade. Preso a essa torrente de sol, que teceu um ritmo protetor para os meus dias, nunca mais me afastarei dos seus ensinamentos. Tenho a impressão de que desabaram muralhas inacessíveis. Houve um renascimento. Olho agora os que se batem por orgulho e ânsias de riqueza, os escravizados a ambições inúteis, os pobres prisioneiros dos preconceitos e leis falsas, que podem sujeitar corpos pelos anos inteiros de uma existência, mas não subjugam a alma por um minuto sequer.

II

Meus imperfeitos olhos materiais não permitem ver-te, embora estejamos juntos, mas já é um milagre sentir que os teus pensamentos chegam à minha escuridão, inundando-a de claridades siderais. Eu me encontrava cego e surdo, sem consolo nos livros, interrogando os rostos e os segredos das criaturas, delirante de perguntas sem respostas, quase afogado, náufrago em mares de inquietações. Adivinhava, entretanto, os murmúrios de alguma fonte maternal, que, na hora mais atribulada, me fulgiria, como um arco-íris, unindo a terra e o infinito.

III

Desesperos surgiram, faiscando relâmpagos; repetiram-se dias e anos, moendo generosidades e injustiças, elogios e calúnias, insultos,

ameaças, traições. Cresci com o prêmio de não odiar, de não saber odiar, vendo alguns semelhantes acionados pelos revides naturais de solicitações desatendidas por impossíveis, de direitos imaginários, como se agissem sob influências de excitantes ou anestésicos. Para além daquele que se perturba e esbraveja por desejos inexplicáveis, alucinado por más informações ou impulsos de temperamento, estão os seus filhos pequeninos, a sua família inocente; não lhes cabe a culpa de responder pela insensatez do pai. As crianças são preces que marcharam; as crianças que socorremos, abrem as portas para Deus. Seríamos cúmplices de um novo crime, se, obedientes a preconceitos e regulamentos rígidos, lhes tirássemos o pão, ou lhes cobríssemos os nomes de heranças mórbidas. Sentenciando, por obediência legal, e se possível nas clareiras oportunas da lei, o julgador tem a obrigação de amenizar o atentado de um indivíduo pela salvação dos seus descendentes, numa prova de amor pela grei humana. A autoridade é um instrumento para o bem público, imunizada contra paixões íntimas ou de terceiros. Deve agir superiormente, dentro de sua consciência, não cedendo jamais a sua mão ou a sua assinatura para o desafogo das paixões alheias. Tragédias profundas e altas comédias não chegam aos proscênios e escondem-se nas multidões, no recesso de uma casa. Só um pequeno número ainda foi escrito. Quando surpreendidos, os autores desandam em choro ou revolta, com a ilusão de que nunca foram vistos, quando, realmente, estão aos olhos de todos, como peixes nas montras de um aquário.

IV

A nossa vida é traçada por nossas ações, não pelos encômios ou impropérios que nos dirigem. Há quem se entonteça com os primeiros, ou se enraive com os últimos. A autoridade moral não precisa indumentárias para impor o seu prestígio: este surge insensivelmente, como o vento e o perfume. O pulso tem o dever de resistir, porque, movido pela mesquinhez e a ambição, se transformaria em gume para as vinditas dos transviados contra os fracos. Todos nós cometemos erros: nobreza é corrigi-los, não reincidir, aprendendo a lição recebida. Devemos ser gratos aos que nos mostram esses erros, não aos que os elogiam: são chavascais e pedras apostos aos nossos caminhos e, assim, andaremos com atenção e lâmpada apropriada. "Nos encômios engana o mentiroso ao mentiroso, o vaidoso ao vaidoso, o cego ao cego, o doente ao doente; e, na verdade, esses falsos louvores, aumentam a confusão". ("Imitação de Cristo", – cap. L, 7). Os conselhos fortes, movidos pelo bem, são rajadas que abrem as veredas por onde andaremos sem perigo. A pena e a palavra norteadoras são miniaturas de bússolas modeladas no céu. Procedendo assim, inspiraremos a confiança, dentro de bases cristãs, aos adversários, que preferirão a palavra imparcial, embora contrariante, às decisões levianas de amigos aparentes.

V

Desconfia para sempre daquele que pleiteia ou executa uma injustiça: e, se estiver ao teu alcance, deves repará-la, cedo ou tarde, seja o pleiteante amigo ou inimigo, e indiferente às conseqüências que possam advir dessa reparação. As forças justas, que emanam da consciência bem dirigida, não nos abandonam jamais, mesmo frente de potentados, de asfixias, de dificuldades e da própria morte. Influenciados por esses bálsamos espirituais, podemos enfrentar a treva, que se iluminará de reflexos dourados; sem essa irradiação esplêndida, os palácios e arranha-céus serão prisões torturantes, onde os possuidores se arrastarão como remorsos corporificados. Abençoa a manhã que sucedeu à noite de pranto, porque lavou os teus olhos.

VI

Estendendo o olhar ao descontente que te ofendeu ou caluniou, consegues um novo irmão, sobes um degrau para a imortalidade. Tenho a idéia que, nesses momentos, não raro condenados e incompreendidos, Jesus sorri, porque se cumprem os versículos do Evangelho. Mais de uma vez, insone ante as injustiças, abracei revoltados, que, analisando posteriormente os acontecimentos, retornaram à razão, manifestando-a por atos ou palavras. Inferi, então, que realmente, a maior resistência do homem, ao dispor do poder, não por merecimento, como geralmente se

supõe, e sim porque estava resolvido, independente de sua vontade, é transformar esse poder em tolerância, em compreensão dos seus semelhantes, em caridade para com os irmãos que fraquejam, tropeçando por falta de um apoio, como uma criança quando quer andar. Utilizar esse poder por vingança e para a vingança, ou impensadamente, sob influências insidiosas, torcendo a lei por delírio pessoal, importa em covardia, que erma o espírito de suas florações mais belas. "Fora da caridade não há salvação". Caridade de alma e de corpo, de generosidade e sacrifício. Todos os barulhos do mundo não apagam o simples vagido de uma consciência banhada pela verdade.

VII

As palavras de Jesus, na cena maravilhosa da Mádala, ante a turba brigante, ainda se encontram sem resposta. – "Quem for isento de culpa qüé lhe atire a primeira pedra". Esta palavras, de que sermões suntuosos não se aproximam, estão sem resposta há quase 2.000 anos; todas as mãos continuam verticais para o solo. E rolam milhões de pedras no solo, ao alcance de todos os ímpetos.

Os isentos de pecado, – as crianças, os santos, os puros de coração – não têm coragem de atirar essas pedras, mas de recebê-las no peito.

Cai uma criatura, nossa irmã em Deus, pelas oscilações do corpo ante a voracidade dos instintos, ante as paixões hereditárias, os erros dos

pais, — e os anátemas bradam pela punição do que errou, o encarceramento do culpado a lapidação completa. Não se lembram os acusadores de que os erros podem estar dormindo dentro de sua casa a manifestar-se, de um momento para outro, num filho, numa irmã, numa pessoa da família. Os mesmos defeitos, e até maiores, podem estar palpitando no sangue distribuído pelos seus descendentes: a detonação dependendo de uma cena ou de uma causa. Ou pensam que os seus filhos e mulheres vieram do céu, vacinados contra as culpas, especialmente nascidos e encomendados, como os antigos príncipes de sangue azul? Os erros são a febre da alma, que precisa de ar. Nenhum plano de construção feliz se alicerçará, embora passageiro, no sacrifício e no pranto alheios. Seria árvore que se plantasse sobre cimento e telhas, arrancada pela primeira ventania. A primeira chuva lavará os detritos que ficarem nos telhados. Nosso dever é pensar no doente moral e acalmar-lhe as dores. As figuras simbólicas do Nazareno — e sobre essas verdades incide a análise dos pensadores — foram os humildes, os sofredores, os chagados de corpo, mas virgens de coração. Os hipócritas podem blasfemar à vontade. A doutrina imortal não será perturbada. Ruirão governos, cidades, seitas, partidos, civilizações, códigos, doutrinas e sistemas traçados pelos homens. Uma única palavra de Jesus não se perderá, continuando a produzir consolação para milhões de vidas, dominando ritos e dogmas.

VIII

De que serve a ritualística sem a crença, a comunhão sem a confiança absoluta em Deus, as palavras contritas com o pensamento preso a bulícios profanos? Essas práticas proporcionam qualquer deslumbramento interior? Não. Medita em Deus e responde perante Aquele que tudo vê. Aproxima-te dessa verdade e procura absorver, antes de tudo, a essência da fé. Serás um forte no meio das batalhas mais atrozes. Integra-te em Deus pelas ações nobres Como podes orar com fervor, se, meia hora antes, caluniaste o teu semelhante, se blasfemaste, se recordações mundanas ainda te maculam, embriagam, e se, esquecendo o conselho de Jesus, não te reconciliaste com teu irmão?

Para os descrentes blasfemos, não há dor no sentido espiritual. Há gritos da carne farejante, há explosões de estômagos ameaçados de ficar sem pão no dia seguinte. Ante um corpo que se imobiliza, ordinariamente o primeiro brado é pelo montepio ou seguro. Circula, através do berreiro exclusivista, o valor de pecúnia. E o valor da pecúnia, graduando o padrão afetivo, estancará o pranto em dias ou meses. Há criaturas que, mesmo nos túmulos, representam uma propaganda para os descendentes: os herdeiros levantam flâmulas louvaminheiras sobre essa recordação macabra. O esqueleto é um tambor sacrílego para a propaganda desses vivos.

IX

Porque há homens aparentemente inúteis; outros se extinguem no altar do trabalho, produzindo para hoje e amanhã. O seu esforço irá além da vida material. Na cova niveladora, os restos carcomidos dos orgulhosos são iguais ao de qualquer desajustado que a tumba arrasta das indigências hospitalares. Conclui-se, então, que, muitas vezes, a alma desse desajustado é superior à do milionário egoísta. Um tirano poderá enganar massas inteiras: massas inteiras não têm poder para enganar um só espírito redimido. Encontram-se, na esquina, – vale a pena repetir essa imagem –, o coche luxuoso e a carreta sem acompanhamento. Dentro em minutos, no seio renovador da terra – máquina para a qual a matéria-prima dos cadáveres tem simplesmente uma classificação – qual a diferença entre os dois?

Nascerão os mesmos lírios ou urtigas, rastreará a mesma erva... Só a lembrança das ações, da cultura para o altruísmo, do desdobramento leal na luta, não será a mesma. Mármores riquíssimos se reduzirão aos epitáfios que ninguém lê; campas modestas de Etelvinas e frades descalços, desabrolhando em bênçãos, ficarão cobertas de flamas, acesas por desconhecidos gratos e piedosos ...

X

Depois de infiltrar-me no aspersório de tua bondade, tive a impressão de que vivia à intempérie – e encontrei, na curva da estrada, o complemento do meu espírito, a afinidade imortal para além da terra. O corpo continua a lutar pelos necessitados, a cumprir a sua missão, mas o espírito penetra em ciclos estelares, onde se haure a felicidade tranqüila, sem inveja aos demais, porque só aspira bens para distribuir pelos que precisam.

Ouço-te nas minhas horas de retraimento, aconselho-me contigo, aprendendo a estirpar os últimos elos que ainda me ligam ao materialismo. Meu coração imanta-se à luminosidade que se desprende de tua inocência invisível, mas onipresente, e adivinho um eixo de astros ante a tua grandeza e a minha pequenez. Talvez me acusem de misticismo, talvez assegurem que tudo isso é uma ilusão. Mas bendito o misticismo que vem da fé, bendita a ilusão que borbulha para o bem, sem egoísmo de espécie alguma. Enfrento as asperezas diárias, sentindo-te nos momentos de indecisão e fraqueza, pensando sempre que, nesses momentos, derramas bênçãos sobre a minha fronte. Abençôo essa proteção reconfortante, como um homem que passou dias inteiros ao sol e à chuva, em desabrigo e sem o carinho de uma sombra. Há turíbulos de perfumes em teus gestos, espalhando a doçura e o perdão. Encontro-te sempre, sempre ao meu lado, nas viagens pelas selvas, pelos mares e pelos espaços, entre os homens e as turbas, ou nas meditações mais

profundas da solidão. Teu espírito, em que se concentram afinidades irmãs, não paira neste mundo: fulge em outras esferas. Sinto-o, e é tudo, como se no meu coração rolassem universos inteiramente novos.

XI

Sei que me esperas sorrindo no outro lado da existência onde imergirei sem saudades, no silêncio da libertação. E, liberto, enfim, do cárcere onde me esforço por bem servir, penetrarei nessas espirais longínquas, a fim de aguardar novas missões na ronda eterna do determinismo espiritual. Prendendo-me à terra, faze que eu seja perenemente instrumento resignado de colaboração para os meus semelhantes, todos irmãos perante Deus. Sempre supliquei o bem para os que se consideram inimigos na transição terrena: transpostos estes anos de encanto e desencanto, volverei à paz como um soldado que lutava por fatalismos da guerra. Meu coração está aberto para os desprotegidos e os desesperados: os ímpetos e as palavras encontram abrigo nestas angras batidas de temporais.

Podeis entrar, barcos desarvorados, barcos de todas as cores! As palavras e as ações passarão sobre vós como gaivotas brancas, tontas de azul, alegres porque viestes.

XII

Foi mais ou menos assim que te senti, nessa noite tropical de outubro, em que rememorei um irmão estendido em sangue, no mármore de uma sala de operações. Mais ou menos assim as frases não podem resumir aqueles pensamentos. Voltei ao mirante ao raiar do dia e, pela primeira vez em todos os meus sonos incompletos de madrugador, vi uma lua enorme, roseada pela manhã, e um sol também enorme, equilibrados ambos nas mesmas linhas do horizonte, lado a lado, confundindo a sua luz.

A cidade boiava no sono, os sinos cantavam nas torres, que lhe situam os quadrantes. Meditei nos hospitais, nos orfanatos, nos que brotam para a vida, nos que fogem da vida, nas mulheres que vão ser mães, nos operários famintos, nos pantagruéis sem piedade, nos que tramam assassínios, nos que rezam pelos inimigos, nos cegos que têm astros dentro da alma, nos que têm olhos e não vêem. E reafirmei a minha profissão de fé e serenidade em face do destino, agradecido e deslumbrado às tuas irradiações clarividentes...

XIII

...Porque, nas horas mais agudas, consciente de minha humildade, nunca me esqueci das palavras divinas, ("Imitação de Cristo",

cap. LVI, 1) ante as quais se apagam todas as mentiras e vaidades humanas:

> – *"Segue-me: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; sem caminho não se anda, sem verdade não se conhece, sem vida não se vive. Sou o caminho, que deves seguir, a verdade, que deves crer, a vida, que deves esperar. Sou o caminho seguro, a verdade infalível, a vida interminável..."*

II

O Cântaro da Samaritana

II

O Cântaro da Samaritana

I

Linda, espírito de luz: Penetro, guiado por Ti, o Evangelho segundo São João, na sinfonia sobre a Divindade do Verbo, com o deslumbramento de quem se libertasse de noites de treva e tempestade. Abrem-se as portas salvadoras do capítulo primeiro: ouve-se, vê-se. O som e a luz, a harmonia e o esplendor.

Ouve-se: – "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus".

Vê-se: – "Era a verdadeira luz que ilumina a todo homem que vem a este mundo".

E assim, ouvindo e vendo esse testemunho clamante, releio, com os olhos interiores, o capítulo quarto, inundado de revelações sempre novas. Avolumam-se oceanos, alimentados por um simples veio sem nascentes. As águas de uma fonte derramam o dulçor da consolação para a humanidade de todos os séculos, de todos os mundos, passados e futuros, para todos os homens e desertos que têm sede.

Bastou um instante profundo. Esse instante se aprofundou na perenidade dos tempos.

II

Samaria. Sicar. Fonte de Jacó, à hora-sexta. Jesus e a mulher que "vinha tirar água". Alvoresce a lição fecunda, em que as palavras e as ações são sementes pequeninas com ventres luminosos para germinações e searas, porque abrangem as civilizações e as idades.

Repito para os humildes, que não mergulharam em alfabetos profanos, o diálogo principal, relativo à altura do poço, aos milagres da água-viva, a que sacia a sede para sempre. É a conta de coral, minúscula em tamanho, que denuncia a imensidade, em sua beleza misteriosa.

> *–"Todo aquele que bebe desta água, tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede;*
> *E a água, que Eu lhe hei-de dar, se tornará nele uma fonte de água que correrá para a vida eterna".*
> *Disse-lhe a mulher: – "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem venha aqui tirá-la. ("Ev. S. João" cap. IV, 13-16).*

III

O Cântaro da Samaritana, após a anunciação de Jesus, é o Cântaro da Verdade, e continua a escorrer a água piedosa para as gargantas, fugitivas. Mas estas, muitas vezes, não estão preparadas, não podem ou não querem sorver uma gota da linfa vitalizante. A sua

transparência lembra madrugadas diluídas, poeira de ondas largas, vaporizando a salsugem.

Bebe, meu irmão!

Tens de escolher entre os dois cântaros – o que não dessedenta, rolem por eles rios e mares, e o que ilumina o espírito, reconquistando-o para vida imortal. Mares e rios de prazeres e riquezas não amainam as tuas inquietações, não têm o poder de uma pérola solitária da água-viva, porque esta vem da alma para a alma e os demais vão dos homens para os homens.

Bendito aquele que receber e compreender uma gotícula da "fonte que correrá para a vida eterna"; jorrará sobre sua fronte atormentada, banhando-a de céus, uma das bem-aventuranças do Sermão da Montanha.

Bendito o que provar a água do Cântaro da Verdade!

IV

Milhões os que têm sede, milhares os que provocam a sede, Senhor!

Os triunfadores do mundo, orgulhosos de bens materiais, sentem no coração um areal ardente, se não o molham de caridade e doçura, de tolerância e generosidade: têm o espírito em mendicância.

Cobertos os corpos de seda e ouro, ei-los em andrajos, com os dedos em garras sobre moedas transitórias, que não proporcionam um segundo fugitivo de serenidade. Nunca se lhes aplacará a sede, porque

reservas metalizadas, extraídas ao âmago das minas por mãos e pulmões roídos, não podem comprar um cálice do Cântaro da Samaritana, se não forem mobilizadas para o calor dos que sofrem. Lembram mãos, raízes para as frondes verdes, que somente conhecem o sol. E essas criaturas incontentáveis ainda falam em infelicidade, em incompreensão, porque não foi criado um mundo à sua espécie perpetuando as macerações dos humildes pela força bruta, ou leis disfarçadas que as substituam.

Melhor possuir a paz interna, mendigo em bens e milionário no espírito, dentro da bondade construtiva, desdobrada em pão aos famintos e aos desesperados, em trigo para os anseios do corpo e da alma.

Esse não terá sede; vencerá sorrindo os embates da vida, por mais rudes que pareçam, nos campos da luta e na solidão!

V

Há a divina sede do infinito, a ânsia da perfeição pela fraternidade resignada, a sede pelo esforço em caminhos pedregosos, em que ambições e desvairos tentam sobrepor-se à consciência. Há a sede do que foi bom, ciliciou-se no dever, mas aspira por dormir um segundo – a sede justa, instigada pela coragem, como revigorante para novas caminhadas.

A alma puramente cristã só deve dormir quando não encontrar mais um sofredor. Como é possível o repouso, se teu irmão arde em febre, se órfãos não têm alimento, se enfermos apelam para tua defesa

jurídica ou ciência médica, se uma virgem poluída é escorraçada, se operários fremem por direitos ou tiritam de fome, evadidos de massas angustiadas e tiranias cegas?

Se tais sofrimentos não te acordarem, podes ficar certo de que tua sede não diminuirá, que teu pão é ácido, que teu leito deixa de ser leito para ser a antecipação de um túmulo.

Procura uma gota da fonte de Samaria, estendendo os braços àqueles que se estorcem e gemem!

Não fales, não proclames a caridade nos jornais e rádios, reeditando o fariseu e o publicano; não esperes que te batam à porta; pesca-os nos casebres e nos antros, nas penitenciárias e nos prostíbulos, nos hospitais e nos hospícios.

Todo homem, com os braços abertos corajosamente para a bondade, é sempre uma cruz, mas uma cruz ofuscante. E Cristo está sempre perto da Cruz!

VI

Enfrenta a "justiça dos injustos", que torra e calcina como a violência das secas nordestinas.

Triste daquele que provocou a sede pela prática de injustiças – sede de vingança e de repouso, sede de tranqüilidade e desencanto. Os egoístas, indivíduo ou sociedade, rasgam crateras na alma, e ela fica

bracejando em sede equatorial, que devemos mitigar com amor e sacrifício.

Sede de vingança: governante, juiz, banqueiro, industrial, sacerdote,

– escuta os gemidos que amortecem os olhos e vincam os rostos, analisa conscientemente as fórmulas abstratas, os autos áridos, os sermões amaldiçoantes, os capitais acumulados sob bases excessivas e acidentes de trabalho, de que se originam rebelados e desajustados.

Sede de repouso: dirigentes de colégios e casas, de usinas e seringais,

– os pequenos que te servem, neste ou naquele setor, trazem elos desconhecidos de fraternidades ou de provações. Por que lhes exiges, entre frases humilhantes, faina de moto-contínuo, responsabilidades enormes, nas mesmas horas em que teus descendentes, na mesma idade, folgam e vão à escola, dissipam o supérfluo que negas em conforto aos primeiros? Como podes assegurar a felicidade de teus filhos de sangue, se martirizas aqueles filhos espirituais?

Sede de tranqüilidade e desencanto: artista da palavra ou da pena, da paleta ou do escopo, privilegiado do colorido e da linha,

– não deves perturbar pelo pensamento injetado em morfina, os rosais que estão florindo em juventude, as mentes em penumbra na infância da aprendizagem.

Tremenda é a responsabilidade de pais e professores, de juízes e tutores de crianças, se, em vez de oxigênio, injetarem curare para dementar e entorpecer.

Professora virginal e inexperiente, se tens um aluno ou um órfão, (se não o tens, aceita-o!), começaste a ser mãe. Há tantos órfãos que precisam de mães na hora presente!

VII

A maternidade espiritual é uma religião. Obrigada a gerar, surpreendida em gerar, nem sempre a mulher laureou-se em mãe. Sente o filho em que se encarcera o espírito, como um intruso. – "Se Deus quiser levar que o leve!" –, como se Deus fosse executor de infanticídios. Tratar mal uma criança é apunhalar Jesus.

Choram milhares de órfãos sem roupas, cujos pais tombaram nas florestas e nas guerras, para que ainda possas viver com relativa calma. Antes do minuto supremo, quando as idéias oscilam para além da terra, eles entregaram mentalmente os filhos à tua guarda e ao teu carinho. No pranto e na fome desses órfãos, alastrando-se pelos meridianos, disfarça-se o hosana de que morreram pela ilusão de um mundo melhor, construído somente pela fraternidade e o amor.

Não permitas que esses pequeninos tenham sede. O Cântaro da Verdade está ao teu alcance; teu corpo é a fonte de Samaria; teu coração poderá ser um pêndulo vermelho ou uma ânfora ao sopro de Jesus.

VIII

Sede do mundo, sede do infinito. As duas sedes fulgem na síntese de Rabindranath Tagore.

Sede espiritual:

– "Era uma bailarina, ébria de juventude, como de vinho, coberta de jóias e envolta em um véu azul-pálido.

Baixou a lâmpada e iluminou o rosto jovem do asceta, de formosa austeridade.

– Perdoa-me, jovem asceta – disse-lhe a bailarina. Vem ao meu lar. A terra não é leito apropriado para o teu corpo.

– Vai-te, ó linda jovem! Tempo virá que eu deva visitar-te – respondeu o asceta.

Súbito, a noite tenebrosa mostrou os seus dentes em um relâmpago. A tormenta rugiu na abóbada celeste, e a mulher afastou-se amedrontada".

Sede espiritual:

"Quem era aquela mulher que jazia no chão à sombra do grande parapeito?

Atacada de peste negra, seu corpo se achava coberto de chagas e temendo fatal castigo, haviam posto a infeliz fora da cidade.

O asceta sentou-se ao seu lado, colocou a cabeça sobre os seus joelhos, molhou seus lábios com água e cobriu seu corpo com bálsamo.

– Quem és, anjo misericordioso? – perguntou a pobre mulher.

– Chegou o tempo de visitar-te, e aqui estou! – respondeu o jovem asceta".

A bailarina, na esplanada ansiosa da vida, sorriu a dezenas de jovens, cada qual, mais entusiasta.

Só o asceta, na hora do isolamento e do abandono lhe matou a sede, porque lhe verteu nos lábios uma gota do Cântaro da Samaritana.

Medita bem estas palavras, meu irmão adolescente, que esbanjas os vencimentos em uma noite de alegria e negas a espórtula ao mendicante que passa a teu lado.

Ele poderá ser o teu asceta de amanhã!

IX

Não acendas ardentias na alma livre de teu semelhante. Contenta-te com a prisão da parte material, determinada por leis humanas. Não te iludas: com o corpo bem perto do teu, ouvindo-lhe as palavras, a alma, sem as afinidades do amor e da fé, estará bem longe, encravada nas distâncias estelares.

Respeita o silêncio e a melancolia da alma que te serve e acompanha, mas não te pertence. Os galés, ferreteados aos bancos, também remaram para os senhores, mas os seus pensamentos vagavam longe, enfronhados e desfraldados nos céus.

Jamais tentes prender o teu irmão com o egoísmo e a blasfêmia, pretendendo imolar-lhe a consciência ao teu bem-estar e exibições

pessoais. A comédia da altaneria social, da felicidade burguesa, só engana os infelizes sem libertação, que não descobriram o misericordioso respiradouro da alma. Felicidade não é cartaz, nem se concentra no que proclamas a olhos maldosos ou a comentários profanos.

Está no que se ilumina para a Verdade. Se ele a vislumbra nos garimpos da fé, deixou de ser teu escravo. Iniciou-se uma segunda existência por um segundo caminho. Perdes energia em combatê-lo: não o despertarás, a marteladas de temperamento, do recanto encantado que soube erguer nas cordilheiras do espírito.

Tuas acusações são o vento da canção: a alma acusada é a pluma – foge cada vez mais.

X

Se te apresentas desnudo, como exiges que te julguem vestido? Se usas roupas vulgares, como exiges que as classifiquem de linho e seda?

Sucede o mesmo nas esferas morais: podes falar, escrever, gritar que és grande, nobre e perfeito. As ações e a conduta te despem: és o que és perante a Verdade.

Estende as mãos ao teu semelhante, ama-o em suas explicações, indiferente à pressão social. Os erros partem de todos nós. Deus não reconhece a força que leva ao crime. É forjada pelos homens, no escalão de uma falsa honra, improvisada pelos costumes e pelas épocas. Não

ignoras que antigas modalidades de honra se firmavam a poeirentos fios de barba.

Que falso amigo, ou grupo, tem o direito de te impulsionar ao crime, e depois te julga, te condena, te aniquila? Não honrarás sociedades sem honra, desonrando-te perante o Senhor. Não procedes de grupos desvairados: procedes de Deus, que anima as cinzas de teu corpo. Tira-se-lhe a alma, e as cinzas voarão com o vento para o primeiro pântano ou a primeira escarpa florida. Perdoa sempre para também mereceres perdão. E o perdão é um atributo do Mestre.

Lembra-te da síntese de Ramacrishna:

– "Quando Prahlada realizou a Deus, o Senhor lhe disse que Lhe pedisse uma graça. Prahlada respondeu":

– "Depois de Te haver eu visto, que outra graça necessito?"

O Senhor insistiu novamente no seu pedido. Ele então rogou:

– "Se Tu desejas conceder-me uma graça, perdoa aos que me têm perseguido".

Que esperas da vida, se comungas hóstias de maldade?

Poderás ser amanhã a mísera esfarrapada que treme à tua porta de mármore, ao relento e à fome. E essa mulher, maculada nos bordéis, teve berços de paina, educação em colégios religiosos, herança de nome e riqueza.

Medita, ampara-a e ainda melhor, se estiver abandonada.

Gargalhaste a noite inteira, fruíste um carnaval de delícias pelo instinto e, de toda essa lembrança bêbeda de tédio, só prenderás uma

estrela nas retinas, que nunca empalidecerá: a mulher ferida que socorreste. E ela ficará rezando para que não tenhas sede jamais!

XI

Prova da água do Cântaro da Samaritana, transfigura-te em iluminação, clarinando a boa-nova entre os humildes, os aparentemente vencidos e os orgulhosos.

Sente, com ardor e coragem, a irradiação missionária.

Não ocupes um lugar sem assentimento de tuas idéias e o batismo do teu suor. Deixa-o para outros mais necessitados, ou adaptados, e cumpre cegamente as missões de que foste incumbido. Começa a pregoar as virtudes da água eterna, embora te vaiem e apedrejem. As provações são prêmios para os que aceitam e seguem as parábolas do Mestre. O homem forte é o que tem esta força – a convicção do seu nada na convicção de Jesus, que é tudo. Deixa que assobiem e lapidem.

O espírito liberto é uma nova estrela d'alva que nunca se esconde entre os nevoeiros: os vagalhões blasfemantes se encrespam, rugem, desagregam-se em quebros e espumas, mas desaparecem, revolvidos pelas refrações que se despenham das alturas.

Esbravejam, retorcem-se, e morrem envoltos em luz.

Deves ser assim para com os que te agridem e não escutam a verdade.

XII

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos!"

Benditos, por outro lado, os que, pela redenção da caridade, impedem fome e sede de justiça, interpretando, em pleno claror, a cena da Cisterna de Sicar, em que o Mestre e a Discípula, iluminada por Ele, resumiram, em poucas palavras, um compêndio de ensinamentos para a humanidade e os credos.

Não é possível viver sem a justiça da água-viva, e raiou o tempo anunciado por Jesus à Samaritana:

"Mulher, crê-me, pois chegada é a hora em que não haveis de adorar meu Pai, nem neste mundo, nem em Jerusalém".

É chegada a hora.

A prece, água-viva do Verbo, também é o silêncio que ilumina e fala – e pode ser em qualquer recanto, onde se eleve até Deus, nos espaços, numa casa, ou num recesso da selva. Acende-se um diadema em torno à fronte que a levanta. Orando com fervor, o balbucio de uma criança isolada atinge cimos não atingidos por turbilhões dispersivos. Quantas vezes, no burburinho de um templo, apenas cem, entre mil, rezam com alma! Os novecentos restantes ouvem música e sermões, observam flores e vitrais, discutem a vida, fogem à chuva, mas não rezam. O templo transformou-se em refúgio do corpo, em distração para olhos e ouvidos; invadiu-se, profanou-se, a casa de Deus.

Repete-se o episódio bíblico dos vendilhões expulsos.

É chegada a hora...

XIII

...Porque a prece não é mecanização de frases, não é repetir, profanando o Verbo de Jesus.

– "perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores" –, sem realmente havê-los perdoado, mentindo a Deus, em diários sacrilégios premeditados, – mas a transubstanciação da alma para o Infinito e para Aquele que não nega jamais a água-viva aos próprios corações ameaçados de inapelável condenação.

Aproxima-te da fonte sagrada e, se adivinhas a Verdade, bebe uma gota do Cântaro da Samaritana! Que assim seja!

III

O Clarão Solitário

III

O clarão solitário

I

Meu irmão!

Tua infância pobre transcorreu, como a dos índios bravios e a dos pássaros selvagens, na riqueza da liberdade. Não tiveste brinquedos de Papai Noel, sonhos de Natal, folgas de Ano-Bom.

Tiveste mais do que tudo isto: – pelas madrugadas úmidas, uma estrela radiava sobre as cabeças dos pescadores, que lhe soletravam os mistérios, através às frinchas das barracas. Parecia um fragmento que o céu houvesse roubado ao sol, ou mão prodigiosa rompida dos nevoeiros com os seus cincos dedos de luz, debulhando a bondade. E essa mão jamais deixou de semear um trigal de esperanças.

Ordinariamente, às primeiras horas do dia, ainda embrulhado em sombras, alguma canoa fugitiva vencia as correntezas, ou se entregava aos balouços do rio imenso. Lembrava um altar flutuante. Os remos batiam nas falcas, feriam as águas, em impulsos musicados, escorriam diamantes em rosários.

Tudo era penumbra. Só a estrela solitária transluzia, acendendo delírios naqueles trabalhadores. Outras vezes, nos roçados, ou à borda dos barrancos, quando os filhos das solidões trocam algumas palavras antes da faina costumeira, a mesma estrela era um turíbulo de chamas. É o consolo dos seringueiros, noivos das madrugadas, a orientação dos

mateiros, a bússola dos viajantes amazônicos: nasce e morre com o homem, embala a meninice, avigora a juventude, ministra a crença para vencer.

Essa estrela foi o prenúncio do clarão solitário que flamejou sempre nos teus olhos, nas situações mais imprevistas, incompreensível a princípio, mais tarde uma verdade e uma iluminação. Recebeste, nos rios desse clarão, uma herança milionária, – a certeza do teu nada e o prêmio da humildade.

II

Volvidos anos, aos embates da luta, surgiram inquietações, ânsias de afinidades, interrogações por atitudes rebeldes.

Vivias só, embora falando a outros seres. De vez em quando, cumpridas as missões terrenas, um lutador se passava para o outro lado da vida. Começaste a caminhar entre duas colunas – uma bem viva, acionada por ambições e conquistas, por anseios e erros, e outra impalpável, embora presente, entesourando manhãs de redenção.

Os distúrbios mundanos causavam-te uma inexplicável melancolia. Passavas com indiferença em uma rua transbordante, em um palácio ardendo em luxo, e preferias a lamparina velada de uma casa modesta, onde uma desprotegida mãe surdinava para adormecer o filho, ou lhe costurava os farrapos.

Teus olhos paravam nas distâncias, buscando desesperadamente cenas invisíveis, nas horas de máximo prazer para os demais. Por que esse ímpeto de quem procura, de quem espera algum bem perdido, algum complemento de seu próprio ser? Por que essas palavras segredadas a medo, esse bandeirismo por um oeste miraculoso, por uma fronteira distante? Por que sonhar esse ponto no horizonte, nas florestas, no mar, no silêncio, no burburinho das turbas?

Um dia, após uma série de incompreensões, um tremendo golpe desabou sobre teu espírito: o coração espedaçou-se, mas nenhuma lágrima deslizava pelo rosto. O choro transformou-se interiormente em luar de resistência e de consolação. E, ressurgindo, a estrela d'alva dos anos de criança derramou, dentro do teu mundo, uma irradiação serena, que nunca mais se apagou.

Foi necessário que sangrasse para sentir o romper de uma alvorada, possivelmente comum às demais criaturas em suas horas de fé, – o clarão solitário e invencível do espírito.

III

Procura-o em ti mesmo: deve ou pode existir, provindo de lâmpada vacilante, cravada no coração. Vela os teus dias, acalenta o teu sono, aponta o norte nos temporais.

Praticas um erro, se foges aos seus reflexos; incides em remorsos, se desobedeces aos seus ensinamentos.

Se não o possuis, se não recebeste essa misericordiosa essência, és vítima de paixões, oscilando de um lado para outro, como arbusto nas correntezas. Impossível fugir à sua chama alentadora. Cedendo a vilanias e intrigas, resolves trair, apunhalar por atos e palavras, fugir ao imperativo da consciência. Durante o dia nas rodadas alegres, recebes falsos aplausos, és um caçador perdido nas selvas, castigado de chuvas, que precisa encorajar-se com a própria voz.

Lavraste a tua sentença: iniciou-se a descida para o aniquilamento, a fuga ao remorso que te acicata, porque escravizaste tua alma – falta-lhe o fulgor do clarão solitário.

IV

Atravessas, muitas vezes, uma longa vida, desenrolada em capítulos emocionantes – e esse clarão solitário não aparece. És guiado por sugestões de terceiros, curvo às indagações do mundo, sem uma resposta aos clamores erguidos nos desertos e nos tumultos.

Encontraste, de repente, respostas a perguntas formuladas em toda uma existência: sentiste forças ignoradas, dentro de ti mesmo, para vencer a escalada. Compreendeste que és um exilado entre amigos ilusórios e parentes próximos. Um hóspede bem pobre, nada mais: vens de esferas diferentes, trazes pensamentos antagônicos. Bebes o impulso das solidões, a poesia da contemplação e da ação, o isolamento de um trapista, que sintetiza e alicerça o seu mundo entre paredes nuas. Não te

interessa o barulho social, mas a diminuição da dor na sinfonia do universo. Como poderia adaptar-se a essa vida fictícia um evadido das selvas, um retardatário das cavernas? Vislumbraste antigos conhecidos em homens desconhecidos, adversários em companheiros falsos, amigos em adversários leais, que evolvem para o bem.

Vivias cego e começaste a ver. O clarão solitário situa a criatura para além deste mundo: desaparece para sempre, entregue a novas missões, ou volve para batalhas mais árduas.

V

A análise das correntes humanas obedece a polarização de critério e isenção. Há milionários altruístas como há pobres roídos de inveja: ao primeiro assiste proteção, para que possa redistribuir-se mais em benesses; o último têm os direitos que Deus não nega a qualquer ente. Não se compreendem anátemas contra os beneficiados da fortuna, desde que eles a movimentem pelo bem-estar dos seus semelhantes ou a apliquem em minorar-lhes a situação – berçários, hospitais, asilos. Proporcionando-lhes a inteligência especulativa, quis Deus experimentá-los e, não raro, tais fortunas se desfazem, ao sopro de crises e golpes improvisados.

Erro, sim, é o egoísmo, a febre desumana ao lucro, esmagando os pequeninos.

Lembra-te dos industriais, dos proprietários, dos usineiros de teu país: este auferiu alguns milhões de cruzeiros, denunciados pelo pagamento do imposto sobre rendas; adquiriu novas maquinárias e fábricas, novas terras e águas. Assim vive há dezenas de anos. Se não melhora as condições dos seus trabalhadores, se não ampara os filhos, lhes proporciona colégios, como elementos da mesma família industrial, – não sentiu ainda o fulgor do clarão solitário.

Seus depósitos poderão desaparecer – e ele ficará sozinho, sem adivinhar quem lhe amenize o sofrimento ou defenda a propriedade. Ouve-se continuamente: – este lucrou dez milhões, aquele comprou navios. Pergunta: – qual a percentagem invertida a prol dos braços e mãos calosas, que auxiliaram a acumular os dez milhões e a comprar os navios? Onde uma vila operária, uma doação, uma creche, uma escola? Recorda as exortações de São Tiago Apóstolo às doze tribos dispersas: – "O vosso ouro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará a vossa carne como um fogo. Apanhastes para vós um tesouro de ira para os últimos dias. Eis que o salário de que defraudastes os trabalhadores, que ceifavam os vossos campos, clama, e as suas vozes chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos".

Industrial, é chegada a hora: teme o Senhor dos Exércitos e fita cuidadosamente os desprotegidos, ao clarão solitário da caridade e da consciência!

VI

Observa mais demoradamente o contraste: aquele foi um educador, apontado como incréu, porque não ia aos templos; este é um médico magro de bens, que passou os anos a socorrer os seus semelhantes.

Alguns rezam, esmurrando o peito ante os altares, suplicando milagres de pecúnia, mas indiferentes à sorte dos seus irmãos. Outros não freqüentam as igrejas, mas têm a alma unida ao infinito. Há os que temem a morte, pela saudade do ouro acumulado; há os que a esperam, como uma porta de libertação.

Ninguém bateu à aldrava daquelas casas, sem que fosse ouvido e levasse o remédio para o corpo, para a alma, ou para ambos, ao mesmo tempo.

Responde, meu filho, onde está o mérito: – no que supõe enganar o Senhor, declamando preces por desencargo de consciência, ou no que foi iluminado em silêncio pela flama dessa mesma consciência? No que oferta o alfabeto e o remédio, ou no que desconta alguns óbolos por obrigação legal?

VII

Ainda é tempo de agir correndo em acelerado, ao apelo das reivindicações dos humildes, cedendo ao norteio de todo homem

verdadeiramente cristão. O poder e a riqueza têm alicerces materiais e morais, que se harmonizam para manter os travejamentos do edifício.

Fábricas com as finanças seguras, realizações, propriedades, mas amparo aos necessitados, aos operários, proporções nos lucros. Acima de fachadas e letreiros, tão seducentes para a maioria, estão os lares, as crianças, os desgraçados. Os primeiros prendem os elogios dos visitantes; os últimos falam diretamente a Deus.

A riqueza e o poder pertencem a todos, sem distinções e privilégios, porque todos lhes usufruem os benefícios, sem individualismos criminosos; a tranqüilidade envolverá dirigentes e dirigidos fundamentando a harmonia nacional. Nada se firmará definitivamente sem essa união de forças construtivas.

O clarão solitário incide sobre a nova humanidade com o fulgor dos incêndios, vivificados pela guerra, – e barreira alguma impedirá a sua ascenção, porque nada se construirá sem essas profundas influências espirituais. Indivíduos e sociedades, estados e massas, religiões e filosofias e, acima de tudo, sofrimentos e direitos congregam-se para esse fim.

VIII

Costumam tombar, à míngua de resistência, as leis que não foram traçadas às meditações do clarão solitário, moldadas, naturalmente, às contingências humanas do meio e do tempo. As coletividades têm almas:

as leis devem trazer os anseios e os mistérios dessas almas. Nenhuma lei pode atentar contra a liberdade em seu claro sentido – liberdade espiritual. Deixa de ser lei para ser uma forma de compressão, um compassivo instrumento de dogmas, na quimera de prender destinos, imolar direitos, sacrificar gerações. Essas leis canhotas fomentam discórdias, improvisam guerras, geram crimes, surgem oposições trágicas – rebelados sociais que se suicidam, sociedades que se dissolvem, povos que apelam para a solução das armas. Erro gravíssimo é subordinar problemas de consciência a prensas legais – impedir o amor baseado em afinidades, o livre arbítrio e as conquistas divinas do espírito.

Por outro lado: se o homem exorbita na impunidade tentando explorar os seus semelhantes, faz-se imprescindível a lei, que lhe aplaque o excesso, porque não é possível, depois de tanto sangue, o conforto de alguns e o desconforto de milhões, porque não é admissível a substituição da escravidão negra pela escravidão branca, do eito por usinas sujas, dos navios negreiros, pelos pátios sem ar.

É necessário que se apliquem as leis nesse sentido; sem essa verdade, deixem de ser organismos que modelam a alma do povo, transformando-se em prisões desse mesmo povo. O Estado, ao invés de coordenador coletivo, teria misteres de capitão-do-mato.

Que o clarão da justiça social ilumine os governos, os legisladores, os responsáveis na recomposição do mundo! Que as bênçãos de Jesus jorrem sobre os dirigentes na distribuição das terras, dos bens à família, da eugenia para a raça ineficiente, sem obstáculos odiosos que

sejam focos latentes de novas lutas. A legislação sobre terras merece especial cuidado. Negar trechos descultivados aos alviões e charruas representa um atentado ao lar coletivo e induz ao crime. Latifúndios sem trabalho são áreas malditas, onde se enjaulam a fome e a sede. Abram-se em produção, multipliquem-se em lotes para a fartura geral!

IX

Sem esse clarão robusto, as leis, como aparelhos errados apertando corpos novos, vão formando legiões de aleijados e desajustados. Em organismos sadios, ou aparentemente sadios, as almas gemem nas aras do sofrimento, ansiando a libertação, mesmo pelas portas proibidas da violência. Fosse plausível separar essas almas, e nós teríamos hospitais imensos, onde repousariam aos milhões, talvez sem saudades para voltar aos cárceres momentaneamente abandonados.

Será possível que essa hipocrisia permaneça tanto tempo através dos tempos? Há necessidade de meditação antes de qualquer ato que leve a uma fatalidade legal. Jovens seres enganam-se mutuamente, matrimoniam-se à primeira ilusão. Meses após, suas almas reconhecem o erro e retrocedem apavoradas. Todos sabem que suportam a vida como dois condenados: se lhes abrissem as algemas caminhariam em sentido inverso, agradecidos um ao outro, sem constrangimento. E assim nas esferas políticas, nos negócios, e até entre irmãos.

A lei não forja amizades, afinidades, reconhecimentos: esses provêm de temperamento, dos corações que se procuram.

Encontras irmãos entre estranhos, que não tem o teu sangue; encontras inimigos entre criaturas provindas dos mesmos pais e do mesmo sangue.

X

A alma da mulher deve ser um santuário de perdão, um manancial de consolações, não um potro de anátemas constantes. Aconselha toda aquela que acusa e supõe vencer pelo egoísmo, sem generosidade, sem elevação de sentimentos, aquelas que amaldiçoam os pais, os filhos, e só atiçam frases ásperas contra os inocentes, aquelas cujos lábios de cactus ferinos nunca balbuciam uma palavra de arrependimento, julgando perfeição as suas imperfeições. Bendita a que é humilde e se julga imperfeita. Ninguém constrói com blasfêmias e ódios. Almas cheias de rancores e preconceitos só se enganam a si mesmas. De que serve a falsa bondade em palavras hipócritas, a educação livresca sem a educação do exemplo? Pregas que não caluniem, e calunias; que não se embriaguem, e te embriagas; que não joguem, e jogas noites inteiras; que não odeiem, e odeias mortalmente.

Da alma da mulher deve escorrer uma cristalina fonte de ensinamentos.

Esta reflete o infinito, nas raras frases que diz ou que lhe dizes, porque ama verdadeiramente; outra inveja ou vê a felicidade nos lares alheios, nas pessoas estranhas, jamais em sua casa.

Não ama, no alto sentido do lar cristão, e só admite a felicidade nas escravizações dos sentimentos. Tudo para o seu orgulho, o seu luxo, a sua fatuidade; nada para o coração, que dá tudo, sofre e trabalha sem nada pedir, além da esmola da liberdade.

XI

O clarão solitário jamais deixa de fulgir, quando é ferida a honra da alma, em holocausto à série de honras inventadas pelos homens, para explicação de suas vaidades e misérias. Não vaciles, seja qual for o comentário que motivar tua coragem moral. É necessário possuir os nódulos do cinto missionário, dentro de tua acuidade espiritual, aberta às falanges do bem.

Os prazeres mundanos abrem avenidas claras à penetração; a dor forja muros de bronze. Resiste às primeiras, surdo aos apelos sonoros que te erguerem; quanto aos últimos, rebenta-os, esmagando e sangrando as mãos, desde que seja para semear o bem, e a verdade. O rosto fechado, as mãos ameaçadoras, os lábios cuspinhentos, o dizem, o comentam, o falam, só atemorizam os covardes.

Dizem que és fraco por haveres estendido a mão a um vencido – detento, mulher desnuda, louco;

comentam tuas atitudes de rebeldias a dogmas, estendendo os braços a um sofredor, sempre teu irmão;

falam, porque abraças os inimigos, abres o coração, como uma urna, a órfãos de todas as idades, caluniados de todas as seitas, mendigos de todas as religiões...

Sorri intimamente, inspirado pela indulgência, e bebe a resposta nos Evangelhos, jamais nos comentários dos homens, sejam quais forem as vestes que vistam, as falas que falem, os gestos que sempre gesticulem.

Para os necessitados, os infelizes, uma gota de caridade vale um oceano, – e canta com todos as suas ondas e ventos;

para os orgulhosos, as mulheres maculadas de preconceitos, toda tua vida nada vale – tens obrigação de sacrificá-la às suas vaidades, eles entendem que nasceste com esse determinismo.

Entre a honra fulgente da alma e as honras comuns dos homens, não vaciles – a primeira procede de Deus, a última é invenção acomodatícia do mundo.

XII

Na vida material, apesar das conquistas da ciência, a vista sofre males que os especialistas amenizam e resolvem. Sem esses especialistas, erros e desastres se multiplicariam.

Os quase cegos, os míopes, os daltônicos, os présbitas recebem das lentes graduadas, das côres distribuídas, uma verdadeira salvação. Há,

entretanto, os cegos, os míopes, os daltônicos, os présbitas das esferas pensamentais. Não se tratam, nada vêem, nada observam, e resolvem, com infalibilidade, qualquer assunto. E, por lhes faltarem elementos de raciocínio, esbravejam. Têm maus olhos para as conquistas imateriais. Não podem ver mais adiante. Não podem atingir horizontes que não dependem de cultura, de inteligência, de ambições – mas de fé e convicção, de merecimento e humildade.

Se os sábios confessam que nada sabem, muito sabendo, como pretendes tudo saber, pouco sabendo? Como escrever sem telescópios sobre mundos longínquos, sem cálculos de astronomia, como dissertar sobre a flora submarina sem conhecer o fundo dos mares? Dá-se o mesmo com os planos de espírito: discute, mas respeita; duvida, mas não insultes.

O homem tem o direito sagrado da sua crença, exigindo-se apenas que seja sincero e justo. A direção de famílias, de sociedades e povos não exige cartazes religiosos, mas devotamento, serenidade, isenção de julgamento para amigo ou adversário. Um católico pode governar a Índia; um protestante pode governar o Brasil. A intolerância, arma da impetuosidade, não venceu nas próprias épocas do obscurantismo. O sacerdócio, nestes tempos de volta melhor a Jesus pela dor e pelo sacrifício, estende-se a quantos praticam a verdade e a caridade. O universo mental é um círculo: Deus é o centro luminoso, para onde convergem os raios, que são os espíritos humildes e as religiões puras.

Sei que blasfemas, e sorris com aparente incredulidade, meu irmão, lendo estas palavras aos teus amigos; e sei também que, no

silêncio da noite, algum ponto interrogativo te ronda a consciência; se não estás perdido, talvez chores, suplicando que o Senhor ilumine tua vida. Quando se trata de ambições e de erros, saber renunciar é vencer.

XIII

...Porque, para felicidade dos infelizes, há seres que não experimentam alegrias nas cenas vãs do mundo, mas na visita a um enfermo de corpo ou de alma, em uma viela escura;

porque, para ventura dos desventurados, há as legiões dos monges da bondade, há expedicionários civis nas multidões e nos lares;

porque, para encanto dos desencantados, há criaturas que não podem conciliar o sono de uma noite sem a prática do bem durante o dia, que não ofertam o óbolo por medo ou para liberar a alma carregada, mas entreabrem também a flor de um sorriso para o socorrido, de espírito superior, algumas vezes, a viandantes que passam.

É chegada a grande hora, – e todos devem unir-se, pensamento erguido ao Senhor, marchando ao fulgor da caridade, que, em última análise, é o clarão solitário de todos os homens!

Assim seja!

IV

Etelvina, enfermeira da esperança

1A

Etelvina, — Enfermeira da Esperança

I

Tarde nevoenta de Natal. Cemitério de São João Batista. No retiro destas árvores, em diferentes dias e horas, a meditação e o repouso encontram respostas consoladoras às inquietações espirituais. Isolamentos de florestas, exílios de mirantes, naves desertas não condensam o silêncio construtivo deste lugar. Não se experimenta a tristeza comum por entes desaparecidos, a saudade pelos corpos que se aniquilaram, enriquecendo o solo. O vento improvisa noturnos nas folhas dos arbustos e crótons, que pontuam as lápides crivadas de inscrições.

Há sepulturas toscas, anjos em pranto estudado, santos retorcidos, pequeninas capelas de cimos cruciformes. Outras rememoram a fase culminante de uma vida – um livro, um violino, uma criança. Duas vezes por ano, excetuando as afeições raras, – dia dos mortos e aniversário do desaparecimento de cada ser, a recordação, como um cronômetro do instinto, reúne os vivos para as festas da lembrança: os mortos ressurgem nas palavras, sem defeitos nem motivos de queixa.

Reajusta-se, nesta reduzida área, uma população quase igual à população atual da cidade: mais de cem mil mortos, e apenas ventos, rumores de aviões em imensa altura, cantos de pássaros; menos barulho que os barulhos de um pátio, onde se aglomeram poucos viventes. Gradearam-se alguns trechos, como se costuma fazer aos canteiros de um

jardim – cristãos para um lado, hebraicos para outro, possivelmente na quimera de separar também as almas em outras esferas.

Homens que residiram em casas enormes, ou dominaram quarteirões, aqui se restringem às mesmas dimensões concedidas aos pobres sem pouso, cujo teto era o comprimento de bancos públicos, ou penumbras de edifícios.

Os mesmos palmos niveladores, nada mais! Os mesmos palmos, porque o mármore e o granito colorido, que os resguardam, como expressões de carinho, ou exibição espetacular, não têm o poder de impor tratamentos e rumos diversos à química subterrânea. Para aqui vieram, após as lutas e as ambições, pelo esfacelamento do organismo, ou pelo colapso de um órgão, – uns intatos e cobertos de flores, outros aos pedaços, perfurados e lacerados em crimes, acidentes ou mesas de operações.

Uma população quase igual à da cidade: um a um, na demora ou na pressa de abandonar o invólucro de carne e sangue, urna de vaidades, os mortos foram carregados em litanias pelos homens: viajaram para outras esferas e outras existências.

Meu irmão: quando descerá tua noite? Onde e quando? Rolando pelos espaços, carbonizado entre nuvens irisadas de sol, bebido pelas ondas, ou na imóvel sonolência de um leito? De repente, como um clarão, ou pingo a pingo, com o corpo transformado em ampulheta?

Para que alimentares ódios, se, em uma de suas explosões, podes tombar esclerosado, babando vencido, como qualquer esquimó, que nasceu e parou em trevas?

Reza pelos que te consideram inimigo, embora deles afastado, buscando naturalmente quantos precisam de ti. Aguarda-os na curva dos anos, onde se arrastarão mais tarde. Aguarda-os: pode ser que te surjam fatigados; estende-lhes o manto do teu coração. Tuas palavras roucas, se balsâmicas, nos momentos de desespero, incendem a sonoridade dos violinos na Ave-Maria de Gounod: inflamam Ave-Marias dentro da alma. Caridade não é somente dinheiro: há criaturas, vestidas de seda, cujas almas têm a fome dos famintos que se descarnaram nos campos de concentração.

Quando raiará tua noite estrelada? De qualquer forma, a independência, o poema imortal para a luminosidade das distâncias!

Muitas vezes, no sono do pensamento, parece que o corpo fica ao lado – preso ao sopro que oscila e quer fugir...

II

Se os sentimentos, as ambições e os desvarios, que impulsionaram milhares de criaturas, se fundissem e desabassem em tormentas, em granizo, a cidade rolaria em ruínas – com as ruas e as casas varridas pelos tufões. Quantos entusiasmos, quantas boas intenções

e misérias inúteis! Nas ânsias dessas conquistas ilusórias, o espírito, que é tudo, fica à margem, esmagado pelo instinto, que é nada.

Todos vieram do pó, mas alguns herdaram a flama do triunfo, sob diversos aspectos – mando, posição, arte, glória, riqueza. A flama é justa, quando, em suas cintilações, traz o calor do altruísmo, irmão da caridade. Esta é uma riqueza, porque entesoura para além da vida material.

Em percurso por estes caminhos prateados de margaridas agrestes, às primeiras horas da manhã, tenho verificado mármores com os epitáfios ingênuos do orgulho, sem a visita de um caminhante, até por simples curiosidade.

Para outros, brotando da relva em gradeados simples, há desconhecidos que param com um olhar de simpatia. A irradiação para além da morte. Os primeiros trancaram-se no egoísmo, amealhando para os prazeres mundanos; os últimos semearam a semente invisível que não mirra, ainda mesmo atirada aos cardos e às pedras...

III

As sepulturas bem arrumadas das irmandades, dos troncos familiares tradicionais, dos potentados não suscitam a curiosidade da ronda processional que se dirige ao túmulo de Etelvina de Alencar, tombada nas selvas de Campos Sales, aos dezessete anos. Nem a capela gótica, circundada por vitrais, que recebe um visitante, um crente, ou os acompanhantes dos enterros.

Virgens e crianças empunhando flores, velhas alquebradas encardem rosários, na liturgia das respectivas crenças. Católicos, protestantes, hebraicos, espíritas, ateus – uns balbuciando, outros em silêncio.

Formou-se a lenda, atribuindo graças e milagres à mártir nordestina. Jovens percorrem ajoelhadas a longa avenida principal do cemitério de São João Batista, dos portões ao túmulo, engatinhando e sangrando nas pedras... Recém-casadas, de cabeça baixa, vêm ali pendurar os véus, em cujas dobras há sempre frases devocionárias. É difícil ver a sepultura sem admiradores e velas acesas, deixando ali o tributo votivo à santa erigida na imaginativa popular.

IV

Etelvina não sucumbiu ao peso da fatalidade, como se costuma dizer. Não. Destinava-se a viver apenas 17 anos. Saiu dos taboleiros cearenses, na inconsciência da juventude, para adormecer nos mistérios da selva amazônica e abrir, entre as massas, essas jornadas de transfiguração. Ninguém lhe conhece um retrato, não deixou uma lembrança material, além dos despojos removidos para aquela avenida mortuária. Paupérrima, trabalhou na Colônia sob o uniforme comum, e desapareceu a tiros de rifle para dormir em ninhos de luz. Milhares, mais de cem mil corpos, transformam-se, no cemitério de São João Batista, e aqueles ossos, asilados entre os mais humildes, estilam labaredas.

Invocam-lhe o amparo decisivo os lares infelizes, nos dramas ignorados do coração, nas imperiosas necessidades da vida; o ponto de convergência é a lousa modesta, coroada por um Cristo sempre envolvido em rosas.

Na ilusão de que devem ser compensadas as graças obtidas, os beneficiados depositam oferendas e esculturas, que lhes denunciam as alegrias e os sofrimentos. Dali pendiam, até bem poucos dias, duas longas e negras tranças de menina, como parênteses prendendo um destino.

V

Milhares desses que desfilam em romaria, aos influxos de arrependimento, fugiram à consciência, fugiram à voz imutável, em que se concentram todas as verdades. Que importa sofras acusações, que importa tropeces entre dedos crispados, se aquela voz imutável te assegura a conduta superior do emancipado?

Os julgamentos injustos, os erros judiciários, as felonias não abalam um segundo. O inocente adormece no cárcere, comungando a réstia de luar que se infiltra pelas grades – e o mau juiz rola insone, em leito de paina e seda.

As sentenças, os sermões, os discursos podem derreter-se em brilhos: empalidecem no mesmo instante, se lhes faltarem os refletores da consciência forte, como infiltração de rádium.

As parábolas de Jesus, os dísticos dos apóstolos, as pregações dos iluminados, despidos de exagero verbal, resplandecem através dos séculos e, em irisações de diamantes, inspiram, de modos diferentes, cada observador.

Os verdadeiros triunfadores não são os reis egoístas do dinheiro, os surdos magnatas dos monopólios, os milionários de ações que escravizam milhões de párias em fornos subterrâneos: são os resignados, os que se venceram a si mesmos, acionando forças indomáveis para a beleza e a verdade.

VI

Lês, como através de vidros, o íntimo do velho que acaba de desfiar um rosário à borda do teu túmulo, acariciando as contas entre os dedos. Tem-se a impressão de que acarinha moedas e cédulas, solidificando em pecúnia o suor, o desespero e o esforço do próximo. Engana-se, na ilusão de que também te engana: não se reconciliou com o irmão antes de procurar-te, não purificou os lábios antes da prece. Conheces bem o que se lhe passa nos esconderijos da alma: desejos insopitados, rancores, recalques, inveja – vexilárias do ódio. Acende velas, cumpre promessas, na suposição de que cera, dinheiro, ofertas pagãs compram ou pagam os martírios de um único pensamento bom – a perfeição de si mesmo, pela caridade.

Adolescentes arrependidas também se prostram: as mãos em prece modelam os mesmos gestos das irmãs de caridade, plasmadas nos ritos conventuais. Ninguém deve esquecer esta reflexão, quando encontrar um mendigo, um hanseniano, um desesperado, uma pobre madalena envergonhada: – "o que tu és eu já fui, ou poderei ser amanhã".

Prostram-se mulheres de todos os níveis sociais – súplicas por ideais não correspondidos, por filhos enfermos ou transviados, e algumas até em maldições aos semelhantes por haverem incidido em tal ou qual deslize humano.

A meditação enlinha o espírito nas conclusões mais diversas: este censura, porque o seu semelhante resvalou num crime; aquele, porque um irmão vencido não resistiu às determinações do mundo.

Tem esposa, filhas, irmãs, e não pode assegurar, em definitivo, se um desses entes possa rolar, amanhã, em situações bem delicadas. As certidões não podem atestar a conduta interior, nem são vacinas ou amuletos contra malefícios. Triste daquele que fundamenta a sua felicidade na ambiência social, nos comentários alheios: perderá essa ruinosa felicidade na oscilação do mesmo ambiente e dos mesmos comentários.

Os corpos acotovelam-se, vivem perto um do outro; as almas estão longe, soldando laços espirituais profundos, que pairam acima das contingências humanas. Em certos lares, formados de egoístas, o olhar perquiridor, quando busca um espírito cheio de nobreza, vai descobri-lo muitas vezes, na bondosa serviçal que se esconde pelos cantos.

Evadindo-se de antros escuros, aos quais foi arremessada por tremendas dificuldades, aquele pobre ser, genuflexo ante o túmulo, possui alma cristalina, mais pura que a do blasonador da caridade, esquecido da máxima de Jesus – a mão esquerda deve esquecer o que fez a direita.

Vendo-a assim, em êxtase e abandono, lembra-te de: – "o que ela é tu já foste ou poderás ser amanhã".

VII

Todas as vidas, principalmente quando movimentadas, são encadeamentos de pequenas vidas. Choques violentos enturvam os horizontes de um ser e reaparecem em douradas perspectivas. O aniquilamento do organismo, pela morte, não é um crepúsculo definitivo. Nem a morte surge como a queda de uma árvore, numa deflagração de raios; é um desdobramento ininterrupto, uma superposição de células vitalizadoras e destruidoras. Fanada a sexualidade para o que se firmou ao materialismo do instinto, fana-se também a razão precária de sua existência. Há a morte da infância e do enlevo, a morte da mocidade e do sonho, a morte da idade-madura e da luta, a morte da velhice e da ilusão. Pouco exprime para o homem que a considera uma passagem e encara de frente os problemas da consciência; os próprios sofrimentos lapidam o coração, purificando o destino.

A morte resplandece, a estes torturados, como uma alvorada libertadora. Mas é preciso havê-la merecido, merecido de tal modo, que

seja aguardada naturalmente, – como o perfume de um rosal entreaberto, não como a decomposição e o pavor. Para os que se arrimam ao sofrimento, pelo sofrimento alheio, não é terror, mas liberdade e conquista, prestação de contas, imersão, de novo, em céus sonoros para o ressurgimento e a luta.

Saber viver para saber morrer!

VIII

Operárias humildes, profissionais domésticas depõem rosas e angélicas sobre a lápide. Os olhos filtram uma luz extraterrena, porque não são escravos. A felicidade movimenta-se e decorre dos sentimentos em borborinho interior. Importa em covarde egoísmo sacrificar a tranqüilidade alheia às conveniências individuais, submeter afinidades a ambições vulgares, porque, num impensado período da vida, pelo engano dos instintos ou falta de visão, alguém escravizou o futuro. Prender o futuro, prender almas!

Restitui a liberdade ao espírito de teu semelhante! Para que desejas um corpo algemado, se não te quer, se os seus sonhos alvejam e almejam fontes imaterializadas de paz e doçura? Abençoar-te-á, se liberto; preso, baixa a cabeça e cumpre apenas as provações. Crime não é somente assassinar, roubar, caluniar; crime é também a imolação de um ser que te acompanha por cilício, e cujos ideais se perdem nas ondas dos clarões solitários! Ele prefere a liberdade, com o frio e a fome, nos

espinhais das florestas, à gargalheira, dourada que em nada lhe interessa. Não te iludas: os elos do espírito pairam acima das leis falhas e do sangue, porque se nutrem na eternidade.

IX

Se é possível a lábios humildes, absortos ante a incompreensão das cousas imateriais, a elevação de uma prece – possam erguer essa prece pelos sentenciados, pelos incréus, pelos blasfemos, pelos que muito erraram para melhor fluir a vida;

– pelos orgulhosos e egoístas, cujas almas não sentiram o gênesis da verdadeira liberdade;

– pelos invejosos, pelos mentirosos, pelos traidores que polarizaram em mentiras e em ouro todos os seus sonhos;

– pelos que estão continuamente adormecidos e não despertam ao remorso, que não é treva, e sim farol e sirena nas cerrações da consciência;

e, depois,

– pelos insensíveis e egoístas que não podem repousar, porque as jóias empenhadas consubstanciam, quase sempre, o pranto e a ruína de famílias necessitadas;

– pelos que vegetam nas geenas do remorso, pelos que odeiam, injuriam e se atascam nas maquinações da vingança.

X

Há, nesta cidade de arquitetura uniforme, de leitos iguais, na direção do horizonte, esqueletos de milhares de entes que foram bons e tiveram a nobreza de passar pela terra distribuindo a bondade;

há corações onde se refugiaram os órfãos, os transviados, os obsessionados pelos grilhões da incerteza e da vindita;

há os que sorriram às calúnias e às cóleras, convictos da verdade, os que fecharam os olhos esperando justiça, os que partiram deixando entes queridos ao desamparo;

há os que se imolaram nos hospitais, nos orfanatos, nos leprosários, os que nunca blasfemaram, os que se contentaram com o pão de cada dia, os que não se revoltaram, porque nem sempre tiveram pão;

há as crianças que adormecem ao vagir para o mundo, atingidas no vôo inicial...

Que a irradiação de todas as preces possam fluir nesses espíritos de luz!

XI

Dentre os que se aproximaram do túmulo de Etelvina – homens desiludidos, vazios de reservas interiores, apavorados com a velhice materializada, que deveria ser uma aurora espiritual, e mulheres

insatisfeitas sem capacidade para o sofrimento, – avultam, pelo desespero do futuro, os órfãos de todas as condições.

Perderam os pais, deceparam-lhes os sustentáculos da primeira idade e poderão receber novos costumes nos orfanatos, aparecendo como enjeitados. Verão de longe, perdidos no lar perigoso das ruas, os mostruários de brinquedos – bonecas luxuosas e mobílias que representam alimento para os descalços e denudos...

XII

Encaminhem-se para o Senhor todos os órfãos!

Todos os órfãos materiais, porque, pairando-lhes à cabeça, há forças magníficas, há mãos ocultas que os guiam.

Órfãos não são, entretanto, somente os que perderam pais, os meros pais biológicos, como as ovelhas nos campos.

Há órfãos que descobrem, em famílias desconhecidas, o verdadeiro lar, animados por afeições poderosas.

Órfãos arrastam-se aos milhares, com os sonhos estrangulados, – autômatos da felicidade e da tranqüilidade, observando os insatisfeitos na riqueza e os invejosos das situações alheias...

O corpo é livre nas aparências: as mãos arrastam ferros, os olhos embebem-se longe, antevisionando a liberdade em outros mundos...

Órfãos são todos que passam na Terra sem a compreensão espiritual oriunda da bondade, da indulgência, da caridade.

Encaminhem-se ao Senhor todos os órfãos...

XIII

... Porque, norteados pelas energias cristãs da caridade, poderão derramar bênçãos que se transformarão em amparo a todos os benfeitores;

porque "feliz quem repele de si tudo o que possa manchar ou sobrecarregar a consciência";

porque "ditosa a alma que ouve, em si mesma, a voz do Senhor e recebe, dos seus lábios, palavras de consolação";

porque "venturosos os ouvidos que recebem o sopro da inspiração divina e não se lhes dão das murmurações do mundo";

porque "felizes as orelhas que se prestam atentas não às vozes, que entoam lá fora, mas à verdade que, no interior, ensina";

porque "bem-aventurados os olhos que, cerrados às cousas exteriores, ficam às internas abertos!" (Imitação de Cristo – Livro 1, cap. XXI, 2 e – Livro III – cap. I, 1.º).

Que assim seja!

NO'I'A: – Etelvina de Alencar era filha de Cosme José e Antônia Rosalina de Alencar, naturais do Ceará; nasceu em Boa-Vista do Icó, em 1884. Tendo enviuvado, embarcou Antônia para Manaus e veio trabalhar na Colônia "Campos Sales", destinada à colocação de nordestinos. Os

descendentes desses antigos agricultores ainda aí vivem em sítios e roçados, mourejando na mesma profissão dos pais.

Aos 17 anos, quando tombou assassinada, Etelvina era "formosa e franzina"; contratara-se em casa do chefe da administração, auxiliando-lhe a família em obrigações domésticas, e dormia nas dependências do alpendre. A casa erguia-se ao quilômetro 7 da estrada de Flores – Campos Sales, dirigida pelo ajudante Giovani Vezzoli, de origem italiana.

Entre os colonos, na carpintaria, trabalhava José Francisco Ribeiro, baiano, de 22 anos de idade, que se impressionara pela beleza da jovem cearense.

Não há esclarecimentos positivos quanto às causas do crime, supondo-se que fossem pela negativa de Etelvina a José Ribeiro – ciúmes doentios, impulsividades de temperamento sanguinário.

Noite de 9 de março de 1901. Dormia na casa principal o doutor Dias dos Santos, ex-administrador da Colônia, mas ainda em serviço. Auxiliava-o, como engenheiro-ajudante, o grande Alberto Rangel, que ficara em atividade até 17:30 horas daquele dia, quando se retirara para a cidade. Encarregava-se de sua montada o carpinteiro baiano José Ribeiro.

O "Comércio do Amazonas", de 10 de março de 1901, relata o crime. José Ribeiro premeditou-o para execução imediata; depois de entregar o cavalo a Alberto Rangel, comprou um rifle e balas. Voltou à administração às 20:30 horas, em noite escura; alvejou mortalmente Estevam José Coelho, Antônio Francisco Barbosa e Giovani Vezzoli.

Etelvina dormia. O tresloucado arrombou a porta do alpendre, arrastou a vítima para a floresta, abateu-a a tiros de rifle. Suicidou-se em seguida.

Foi enviada uma força de 20 homens, comandada pelo tenente Otto Knese, na suposição de que o carpinteiro ainda estivesse vivo e oferecesse resistência. Regressou após diligências improfícuas. Somente a 17 de março, nove dias depois do crime, foram os restos de Etelvina descobertos pelos colonos.

Volvidos quinze dias ("Comércio do Amazonas", edição de 25 de março de 1901), o Dr. Bonifácio de Almeida, então Prefeito de Segurança Pública, levantou um apelo para que, por subscrição popular, fosse aposta uma lápide na sepultura de Etelvina, em Campos Sales. O noticiário é veemente... "sejam (os restos) piedosamente guardados no mesmo lugar em que repousam, hoje, ao sopé das mesmas velhas árvores, as únicas testemunhas, para sempre mudas, da trágica cena daquele drama de amor e insânia...

– Obter um pequeno pedaço de mármore lavrado, para que marcado seja, na vasta terra dolorosa, o lugar onde repousam os restos sagrados de "Etelvina de Alencar".

Autoridades, intelectuais, comerciantes, populares levaram a sua contribuição imediata: Bonifácio de Almeida, Alberto Rangel, Solon Pinheiro, Amaro Bezerra, Drumond da Costa, José Castro e Costa, Virgilio Langbeck, Haníbal, Pôrto figuram na lista.

Os restos mortais de Etelvina não ficaram, entretanto, no local do crime: foram logo removidos para o cemitério de São João Batista.

Dona Antônia Rosalina Alencar, genitora de Etelvina, ainda residiu muitos anos na Colônia, em frente à atual Capela, pouco adiante da bifurcação para o Tarumã, no início da estrada para o Rio Branco.

Etelvina floreja a imaginação popular como Santa Etelvina; acendem-lhe velas, cobrem-lhe o túmulo de coroas, de flores, de véu de noivas, de esculturas em cera e madeira, de fitas, súplicas e fotografias. Ninguém sabe como se iniciou o prestígio espiritual de Etelvina, como se alastrou.

Ninguém conseguiu desviar a gratidão popular; esse prestígio cresce com os dias, arrastando crentes de todos os cultos para a sepultura pobre.

Há parentes seus em Manaus: Raimundo Ciríaco Pereira, seu sobrinho, residindo no quilômetro 20 da estrada Campos Sales; sobrevivem três sobrinhos e uma sobrinha, residentes na Colônia dos Franceses.

Fontes informativas:

– "Comércio do Amazonas" – 10-25 de março de 1901.

– "A Infeliz Etelvina em Março de 1901".

– "Os Horrores de Manaus", já em quarta edição, por Antonio Mulatinho, o cantador cearense.

– Raimundo Ciríaco Pereira e os demais sobrinhos de Etelvina de Alencar.

V

Bendita entre as mulheres

Bendita entre as mulheres

I

*B*endita entre as mulheres!

A mulher eleita, que entesoura o relicário para o desdobramento de outro ser, deve enclavinhar as mãos a Deus: inicia-se uma ascensão: sobe um altar, como privilegiada sacerdotisa da humanidade; descem-lhe em messes, pela cabeça, os dilúvios hereditários. Agitam-lhe o corpo, usina de nove meses, as idades; vai emergir um mundo. Faça-se a luz!

Nela germinará um apóstolo ou um criminoso, uma predestinada ou uma vencida. Nobrezas de berço, preconceitos de raça, atropelos de pauperismo não impedirão que seja o ente em crescimento, nas nebulosas de amanhã, industrial ou soldado, egoísta ou bom, tropeiro ou condutor de massas.

Descerra-se um poema de ternura e preocupações a todas essas mulheres, por mais iletradas ou cultas, não tanto à contração de músculos e tendões, mas pelas crises espirituais. A fecundidade torna-as mais respeitáveis; o gênesis lhes flutua nas veias; os seios, como fontes pululantes, vão fluir a energia da raça, em gotas brancas; glóbulos de sangue de milhões ali se distribuem. Vibram-lhes, nos olhos, os frêmitos da criação. Eles concentram a vida em movimento, o dínamo que não pára. Tu, homem vaidoso, foste apenas o contato que abriu o transmissor da corrente.

Sê digno e consciente desse gesto e assume a responsabilidade dessa atitude: tua fuga covarde poderá motivar infanticídios e suicídios, misérias e despenhadeiros. O instante germinativo, na mulher, assinala o desprendimento e a renúncia: não se pertence mais, julgando que, nas noites redimidas do ventre, fulgura uma constelação.

II

Se recebeste a anunciação da maternidade, agradece ao Senhor. Foste escolhida, entre milhões. Há milhões de criaturas, em que flameja a avidez materna, e não podem ou não devem ser mães, – não podem por insuficiências orgânicas, não devem por exclusivismos sociais. Há também as que não querem ser mães: esfacelam os filhos já acionados pelo sopro vital. Decepam os cordões que unem dois mundos, arremessando-os cruelmente aos abismos, onde, no silêncio, rugirão clamores. Não evitam; assassinam o filho, que mesmo sem haver nascido, já está vivendo.

Se te ofertarem, ou ofertaste o dom supremo da vitalidade, ressurges uma hora suprema, trazes os hálitos do céu, a eternidade do sangue, o fortalecimento de tua Pátria. Mesmo pobre, acendeste uma flama no coração, e milhares, estéreis ou condenadas à esterilidade, invejam o teu destino. Pensa nos milhões de sonhos mortos, de estrangulamento dos anseios femininos mais desejados, de prenúncio de velhice na adolescência, de melancolia sem remédio, e bendiz o teu

destino! Nos lábios roseados em acalantos, o idioma se transfigura, por meio de palavras comuns, em escalas de doçura e perfeição.

Esse acalanto, porque é divino, domina orquestrações, – irrompe do espírito imortal.

III

A maternidade, de tão grandiosa, não pode isolar-se a planos materiais. Uma professora devotada lhe condiciona os atributos; uma irmã de caridade, velando órfãos ou enfermos, lhe encarcera os desvelos. E, à medida que marulham as agonias do mundo, surgem falanges protetoras, embora sem hábitos, ou com os hábitos substituídos pelo avental da cruz-vermelha, pela ação em lactários, em leprosários, ou recolhendo órfãos ao seu próprio lar.

Admirável é o desdobramento secular das religiosas nos hospitais e conventos, nas urbes e solidões, após anos de experimentação vocacional; não menos admirável é o sacerdócio altruísta das enfermeiras que partem para as frentes dos exércitos, onde não há isolamentos de retaguarda, para os antros e prostíbulos, combatendo o perigo, muitas vezes sozinhas, protegidas pela consciência e por Deus. Ambas cedem aos invencíveis imperativos maternos – uma na mornidão conventual, na vigilância dos hospitais; outra na assistência aos enfermos desconhecidos, ou entre o trepidar da metralha. Apertam cabeças feridas ao seio, tão atribuladas, nessa hora, como qualquer dorotéia.

Quando passar uma professora ou enfermeira, descobre-te, como te descobres ante uma irmã-de-caridade: ambas são mães espirituais, cujo amor sublime se estende diretamente aos filhos que não trazem o seu sangue, mas trazem os fluídos eternos do espírito. Estes não se esvaziam nunca.

IV

Há mães sem as influências do parentesco, superiores às portadoras dessas influências. Supõem que produzir é produzir biologicamente e entregá-los a braços mercenários, sem cuidados pelo futuro. Deixam-nos em casa, vão para as noitadas festivas. Exibem-nos às visitas como bonecos encaracolados; são mães para o desleixo, a blasfêmia, a censura; diferencia, os rebentos do mesmo pai, semeando complexos e discórdias. Sabem que os filhos são o ressurgimento dos primeiros anos, com as mesmas qualidades e defeitos, com a boa ou má educação do lar. As mães têm direito a homenagens, mas não fogem a obrigações sagradas.

Não és mãe por haveres casado, por haveres cedido a um homem, mas pela compreensão daquele elevado determinismo, – e calcinas o sentimento, quando acusas teu filho, quando o abandonas, quando o feres e humilhas por frases ou pancadas. Sangraste-lhe o corpo e, acima de tudo, lhe sangras a alma.

Há mulheres que não deram o sangue, mas deram a alma, igual ou superior ao sangue, estabelecendo uma corrente de perene gratidão.

Deixas teu filho, por anos, com uma segunda mãe, ama verdadeiramente boa; essas amas, pretas ou caboclas, de mãos calosas, são superiores a muitas mães brancas, porque vencem pelo carinho, pela assistência, enquanto as mães brancas se esquecem...

Ouves dizer: a voz do sangue, o sangue fala; não, quem fala, que tem voz irresistível é o espírito!

V

Nessa angústia clamorosa, que a guerra verteu no mundo soluçante, às mães cabe uma enorme quota de sacrifício. Após o morticínio universal, atingindo milhões, começará a reconstrução em cidades e lares. Regressarão tropas às bases; dar-se-á o escoamento para fábricas e campos; filas e filas deixarão os quartéis, em busca de martelos, alviões e enxadas. As estatísticas assombrarão; os gráficos já representam partituras de lamentações e desespero. O prazer agitará os homens da nova era, esquecidos até dos que se imolaram. Veremos milhões de órfãos, ouviremos o coro lancinante das mães velhas, que não terão mais o milagre de gerar, – a angústia das mães valetudinárias, o retorcer da árvore seca, de galhos espectrais, sem floração, destrutível à misericórdia dos temporais.

Ampara essas mães endoloridas, máxime aquelas que só acreditam nas emoções atuais, na transitoriedade da existência terrena, essas que entregaram o filho à Pátria, como a própria vida elevada em hóstia, e pensam que não o verão jamais.

Eles voltam, mas nem sempre terão a ventura de passar as mãos desmaterializadas por aquelas frontes, onde a saudade plantou a desilusão. E ampara também, por frases piedosas, as mulheres solitárias, que nunca tiveram filhos...

VI

Escrevo para os humildes. Não para os grandes, os descrentes. Minhas palavras simples revoam, por momentos, como folhas arrancadas a um arbusto pobre. Ninguém sabe para onde voam, onde se perdem, – numa tenda, num trecho de rio, numa clareira de selva. De qualquer forma, poderão ser o húmus que escorre sobre hortos de almas ignoradas.

Escrevo para os pequeninos. Nem balões cativos, nem bóias iluminadas de algumas citações. Não vim discutir, expor doutrinas, contestar intolerâncias e flechadas anônimas. Vim espalhar estas folhas ao vento, genuflexo ante o retábulo de todas as mães. Tendo passado a vida longe da casa materna, através de muitos anos, reverencio as mães adolescentes, abraço as mães velhas, certo que, em seus corações, sempre floresce uma palavra boa para os órfãos e os sofredores. Estas folhas fogem com o vento; se pousarem, entretanto, sob olhos maternais, suas

retinas, molhadas de ansiedade e de saudade, lembrarão os filhos presentes ou distantes, talvez para sempre distantes. E esses olhos sorrirão a estas folhas e aos ventos que as conduzam.

VII

Sejam exaltadas as mães, ricas ou mendigas, em veludos ou em farrapos, nos palácios e nos casebres, nas altas civilizações ou tribos perdidas em malocas, nas salas patriarcais das fazendas ou em nomadismos de bandos ciganos.

Não aplaudas as restrições das leis antigas, felizmente corrigidas pelos códigos modernos. Como devia doer a expressão – filho ilegítimo, vergastada sobre quem não teve culpa de haver nascido! Há milhares de ilegítimos no disfarce dos lares legais: a lei, piedosamente, os declara provenientes dos mesmos pais, quando, na realidade, descendem de pais diversos. Mãe não é somente a que se consorcia, autorizada pelo sacerdote, pastor ou juiz, mas a que foi surpreendida em gerar, às vezes até por ignorância. Tudo isto deve ser evitado, em bem dos filhos. Se, entretanto, um menino se anuncia, se nasceu, só uma diretriz se impõe, social ou religiosamente, – o amparo desse inocente, o amparo de quem o gerou. Casas e até colégios costumam repeli-los; incidem em condenação e abominação. Os atestados são fórmulas legais e religiosas necessárias, mas não podem sufocar os protestos da consciência; não servem de passaportes para Deus. Desobedece à sociedade viciada que veda os

clarões da vida, resumidos num ser, ou os dogmas que aconselham esconderijos para entes a quem não faltarão as bênçãos do mesmo Deus. É possível que um desses entes vá pontificar em templos, interpretar leis, dirigir povos.

Repudiá-los, abandonar os filhos que não trouxeram letreiros, é uma injustiça e um crime. Transforme-se o governo em generoso pai-comum, impedindo rebeldes e desajustados de amanhã. Reage sempre, meu irmão, e contribui para berçários, orfanatos, aprendizados, prestando assistência a todas as mães!

VIII

Existem mães que apenas tiveram filhos; mães-árvores que apenas deixaram desprender-se o fruto; mães que tudo receberam, material e espiritualmente, – conforto, casamento, segurança de futuro. E existem mães que os expelem nas indigências, nas barracas, sem enxovais, sem olhos no porvir.

Pensa no desespero das mães-operárias, cujos salários se dividem entre a roupa e o alimento da semente ainda em gestação;

pensa nas que auferiram a ventura de vê-los a seu lado e nas que foram obrigadas à máxima das provas – afastá-los para a educação;

pensa nas mães que se sacrificaram à pobreza e ao desconforto, nas de companheiros ébrios e irresponsáveis, nas mães infelizes que se consideram felizes com a felicidade do filho ausente;

pensa nas mães tuberculosas, por haverem lutado muito, e nas mães ultrajadas, nas mães que enlouqueceram pelos filhos mortos, nas que venderam o corpo para educá-los e se ocultaram depois para não os envergonharem;

pensa nas mães heroínas que sopram a primeira respiração do filho com os últimos suspiros, que morrem ao dar à luz, ou recebem o aviso da morte e entregam esse filho a mãos estranhas.

Pensa e, quando falares às mães ou em mães, apõe uma estrela de purificação aos lábios, não consentindo que injustiças ou palavras acres lhes incidam sobre as frontes ou os nomes; suas cãs, sejam quais forem as linhas de conduta e amargura, devem resplandecer com a alvura dos anjos da guarda.

IX

As mães abnegadas não comportam nível de comparações entre as cousas humanas. Nem amigos ilusórios, nem vitórias, nem prazeres, nem criaturas, nem romances. Estes pululam às dezenas, modificam-se, sucedem-se, nos ciclos do mundo exterior ou interior; procedem de contrastes e exigências, de equilíbrios de temperamento, de simulações e ameaças, de fraternidades imaginárias. O proclamado amor, muitas vezes, decorre de compensações, até firmadas a injustiças e remorsos; não tem amor a criatura, influenciada pela maldade, que deseja sacrificar-te ao próprio egoísmo desnaturado, apunhalando os teus sentimentos. Há por

certo, os excepcionais gênios de bondade, que sabem compreender e guiar os enfermos, os artistas, os homens de trabalho; são, antes de tudo, mães. Medita nessas verdades. Lembra-te de um dever: tuas mãos fortes devem sempre estender-se sobre os cabelos de todas as mães, principalmente sobre os cabelos luarizados pela idade.

Se estiverem mortas, mesmo assim te acompanharão, e as suas recordações, ainda para os incréus, são um bálsamo consolador nas diferentes situações da vida.

Irmanam-se, desaparecidas, às figuras imortais de tua crença – anjo da guarda, bem-aventurada, santa, guia benfeitor.

Seguir-te-ão nas horas de sonambulismo, e lhes serás, continuamente uma criança que ensaia os primeiros passos, conduzida sobre pontes em abismos. Sábio, forte, inteligente, sadio, ou sem mérito de poder e cultura, enfermo ou alquebrado, tu te curvas ante seu vulto frágil, cujos olhos embaciados encerram sóis, cujas palavras arrastadas norteiam, cujas mãos trêmulas são alavancas de salvação!

X

Mais do que a terra, cujas reservas se imobilizam, mais do que as águas, cujas correntezas se avolumam para as distâncias, as mães guardam os mistérios da terra e das águas – húmus e força, pólen e dínamos motrizes.

Germinada a semente, integra-se-lhe às fibras e filamentos: durante nove meses, há um coração maduro, vitaminando um coração verde. Transmuda-se em fonte inesgotável, – é sangue, é lágrima, é leite, é suor, é a vida.

Vieste do sangue, brotas numa alvorada de sangue, levas pelo resto dos dias os seus glóbulos maravilhosos;

nos minutos de alumbramento, gritas em saudação bárbara, quer descendas de um gênio ou de um selvagem, e ela te envolve nas primeiras lágrimas, – rócio que velará tua alma contra os incêndios;

no leite, que lhe sugas, revivem famílias, gerações, pojando-lhe os seios de bem-aventurança;

seu suor, em agonia nas enfermidades e em esforço no trabalho, solda as idéias nas arrancadas pela verdade;

proporcionando-te sangue, lágrimas, leite e suor, também te proporciona a vida, pela matéria e pelo espírito!

XI

Umas destinaram-se a túmulos dos filhos, como crisálidas humanas, maximé nos sertões, onde os têm sem assistência, como irracionais; outras são refletores, que lhes iluminam os passos. Incorporam a renúncia, em nervos e alma. Decorrem os anos, e auréolas lhes circundam a fronte: argenteiam em irradiações de vontade.

Depois de rodar pelo mundo, de imergir a vista, em cenas inocentes ou pecaminosas, de errar quase sempre, é um bem encontrar a iluminação em uma casa agreste, coberta de palha comum a todos, entre gente vestida de brim, arrimada à riqueza dos próprios braços.

Depois de rodar pela vida, maior consolo íntimo não pode existir – entrar em seu lar de infância com o espírito liberto, sem as prisões ambiciosas da juventude, ouvir dominadores de roças e selvas, sentir a aproximação suave dos que partiram e nos guiam.

Depois de rodar pelas lutas, esquecer-se de si mesmo, na sinceridade de um ambiente rústico, repousar sob olhares maternos, com a convicção de que se não mudou nas linhas essenciais, de que se não desmereceu, e de que, pela cordura e o desprendimento, ainda são possíveis novas batalhas pelos nossos semelhantes.

Curva-te ante as mães que renunciaram por ti, ante as almas que, no contato da terra e da gente, insuflam a paixão da gente e da terra, – e podes partir para os embates ou para a solidão.

XII

Não é fácil descrever qual a emoção mais profunda, – se o nascimento ou a morte de Jesus, a Anunciação ou o Calvário.

Não podes precisar qual a emoção mais forte, – se a das mães que ainda vão gerar, se a das que perderam tudo.

Medita: todo lábio entreaberto em orações ao gênio materno merece bênçãos; há mães que foram obrigadas a afastar-se dos filhos, afogando-se na tormenta das distâncias. Elas os seguem, elas os envolvem contra o perigo, renunciando-os por um bem maior. Não pagarias jamais as preces pela tua vitória, as orações de que te vê sempre o filho das primeiras horas, quer conquistes ouro e posições, quer te isolem nas grades de um cárcere.

Os espíritos das mães não abandonam inteiramente a terra: não aparecem, mas rezam; não são pressentidos, mas volteiam em torno aos entes queridos.

Tens Mãe – és feliz; dispões de um templo, divinizado por governos, religiões, raças, pátrias, um templo onde poderás entrar com a treva no coração e sair banhado em auroras. Nem é necessário que rezes. Os olhos maternos são divinatórios: verão teus pesares e alegrias na inviolabilidade do silêncio, apenas pelas contrações do rosto, e, em silêncio, na denúncia de um gesto, te darão o consolo supremo que ninguém mais te dará.

Lembra-te que as Mães ignoram as expressões do egoísmo – eu te amei, ou te quis, eu te defendi: dizem sempre – te amo, eu te quero, eu te defendo.

E baixa a fronte ante a religião da maternidade, que em todas as crenças e idiomas, só admite um Deus e uma prece...

XIII

... Porque deve ser bendita a criatura que auxilia, respeita e exalta quem lhe deu o ser;

porque, em todas as horas, e máxime nesta hora, os corações maternos recolhem as mais altas dores, golpeados sem remédio;

porque, em obediência a vozes interiores, os povos e as gerações devem erguer graças às Mães, logo após as graças a Deus;

porque, sem o culto materno, esses povos e essas gerações mergulhariam no aniquilamento e na maldição;

porque vivas ou desaparecidas, as mães são a encarnação e o símbolo da renúncia: renuncia a tudo por essa Renúncia imortal.

Que assim seja!

VI

Água - Viva

Água - Viva

I

Ainda é tempo e não te esqueças: aproveitando este Natal de um ano atormentado, precisas imergir o coração no refrigério da Água-Viva, que emana para a vida eterna.

Somente as aspersões da Água-Viva, rorejante nas frontes angustiadas, atenuarão a ardentia em que te arrastas, concentrando incêndios na garganta. Há em todas as criaturas, e maximé nas que proclamam o seu desencanto, o poço de Sicar, a hora-sexta, a mulher de Samaria, – uma hora de desespero, um poço de consolação, um vulto que se aproxima.

E, bem perto, irradiante e supremo, Jesus com o mesmo sorriso, as mesmas palavras, os mesmos gestos, o mesmo agreste cântaro milionário. Não O vês, mas O sentes, se tens fé, para sentir, porque Ele está presente. O Poço de Sicar pode estar perto, e a fonte do Coração de Jesus sempre te repetirá, no borbulho embalador de suas gotas: "Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede; mas o que beber da água que eu lhe der, jamais terá sede. A água que eu lhe der virá a ser nele fonte de Água-Viva, que emana para a vida eterna".

Não é tão difícil tocar no cálice da Água-Viva: basta a crença, no húmus da humildade, e ouvir Aquele que transfiltra um Sol diuturno, por vibrar a própria Luz Onisciente.

A dúvida, em interrogações de desalento, te acicata a imaginação, amortecida pelas mil e uma noites da terra, pelo comodismo e pela mentira: – poderei beber uma gota de Água-Viva, que emana para a vida eterna?

Se interrogas, tens bondade no coração – e ninguém ainda acendeu a lâmpada que o ilumina. Todos podem asilar uma lâmpada apagada...

II

É sempre oportuno perguntar, relembrando a cena de Mádala – qual o que, ainda pela nobreza das ações, pode considerar-se puro, acusar um impuro e impedir-lhe os soros da Água-Viva?

O puro dos julgamentos sociais tem, muitas vezes as manchas do ódio, do engano, da inveja e da calúnia; o impuro nada apresenta, além das acusações oriundas de preconceitos, nulos perante a eternidade. Jesus te responde, quando os fariseus censuram a presença dos publicanos, no banquete de Levy: – "os sãos não necessitam de médicos, mas sim os enfermos. Não vim chamar à penitência os justos, mas sim os pecadores". Quais são os que se blasonam de justos?

Jesus sabe quais são os justos. Não são os que se incensam com imagináveis predicados, os que só enxergam defeito nos seus semelhantes, os que não meditam uma hora sequer sobre a sua conduta. Jesus sabe quais são os justos.

Se justos precisam menos de médicos e, assim todos podem preparar-se para bendizer a fonte da Água-Viva, – todos quantos precisam de médicos e medicamentos. Fervilham condenados na opinião dos homens, juízes condenáveis ainda mais e capazes de maior perdição, jamais para o Mestre Divino, cuja infinita bondade vê o pensamento oculto – o altruísmo ou miséria, o sacrifício ou o egoísmo. Há homens isentos de punição humana, porque seus erros não foram descobertos ou julgados, como há prisioneiros por um delito único, arrependendo-se ou pagando no cárcere, enquanto outros vivem livres, embora responsáveis por muitos crimes. Padecem inocentes nas penitenciárias com os horizontes da consciência em nevoeiros escuros; divertem-se indivíduos soltos, elogiados pela sociedade, que escondem gargalheiras na alma. Crime não é somente assaltar no quintal ou roubar bens materiais. Mais perigosos, e dignos de piedade, sãos os assassinos da alma, – os caluniadores, os injuriadores, os que seviciam crianças ou exploram órfãos, ferindo Jesus, os que maldizem o Evangelho.

Felizes os chamados à penitência, iniciação para beber a Água-Viva que emana para a vida eterna.

III

Felizes os chamados à penitência! Não são, como geralmente se pensa, os falidos e segregados da humanidade – nas prisões, nos manicômios, nos hospitais. Acima dos enfermos do corpo, e mais

alucinados, estão os enfermos do espírito, que fizeram de suas forças uma projeção – para o egoísmo, o triunfo sangrento, esmagando os fracos, pela prática da injustiça e da crueldade.

São esses os maiores enfermos, que ainda podem libertar-se pela penitência contínua, resumida numa simples palavra, que deriva do conceito do Mestre, na fonte de Sicar – servir!

Servir, sintetizando um programa elevado, não é fácil quanto se pensa. Servir sem promessas de lucros; servir sem recompensa, servir sem esperança, servir sem nada querer, servir o amigo na hora do pranto, servir o adversário na hora do abandono, servir ao abastado na hora da queda, servir a criança no instante da orfandade, – quando se lhe abrem as creches das ruas ou a escravização das casas alheias. Perdoar as injúrias mais atrozes, provindas de lábios que imaginaste generosos, receber pedras sobre pedras, colher ingratidões pelo bem praticado e continuar a servir os donos desses lábios ou dessas ingratidões; servir os egoístas, os obsessionados e desvairados, que pretendem sufocar a consciência dos demais ao conforto individual.

Servir pelo silêncio, servir pela obscuridade, sem cuidar do seu próprio benefício; servir, pela utilização das energias da inteligência e do braço em bem dos fracos, batalhar até não poder respirar, pelo conforto dos pequeninos, tombar na estrada ainda por um serviço. Servir assim é servir o espírito, iniciar a libertação, semear estrelas, mergulhar na penitência aconselhada pelo Mestre, é beber a Água-Viva, é merecer o

maravilhoso missionarismo de fonte, é ter a predestinação de fonte, é ser fonte!

IV

Ouves a água que desce do morro ou serpenteia na planície? Brota das rochas ou dos depósitos subterrâneos e, avolumada entre filtrações arenosas, roda sem parar dia e noite, silenciosa ou cantando silenciosa no chão plano, cantando, se esfacelada pelos seixos, que lhe atravancam a marcha. Atingida em sua unidade cristalina, responde aos obstáculos e agressões pelo seu único programa de fonte – cantando, agradecendo e caminhando! Dessedenta pássaros isolados e manadas perdidas; umedece a floresta, rega os jardins, ora no abandono irregular do leito, ora na geometria do cimento. Não pára: serve sempre, sem interrogar aqueles que se utilizam da água.

Há criaturas-fonte, criaturas que herdam, no destino, aparentemente amargurado, crivado de provações, o destino superior das fontes. Servem do nascimento à morte, desdobrando a vida no determinismo de ações consoladoras, no imperativo de servir.

Se arremessas uma pedra, nas águas, elas te agradecem em bênçãos de espumas; se injurias um coração-bom, ele intimamente reza por ti, porque, incidindo em remorso, lhe fizeste o bem de experimentar condições de resistência. Recorda os ensinamentos do Mestre; "E se amais os que vos amam que recompensa mereceis? Pois também os

pecadores amam aqueles que os amàm. E se fazeis bem aos que vos fazem bem, que recompensa mereceis? Pois o mesmo também os pecadores. E se emprestais aqueles de quem esperais receber, que recompensa mereceis? Pois também os pecadores emprestam aos pecadores para receberem outro tanto. Amai, pois, os vossos inimigos. Fazei bem e emprestai, dai sem daí esperar nada; e grande será a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, pois ele é benigno para com os injustos e maus". – (Lucas 6-32-36).

V

As águas perenes do espírito podem ficar imóveis, florir com serenidade ou esbravejar como as vagas oceânicas, segundo as curvas de sua movimentação. Se em silêncio, se veio subterrâneo, fertiliza as encostas para o genes da semeadura; se rugir lá fora, pode deflagrar tempestades. Mas as forças impulsivas são sempre exteriores e as águas só se movem à ação destas forças. Sem esses impulsos, são sempre tranqüilas, refletem estrelas, retratam árvores debruçadas às margens, transluzem ouro ou prata à incidência do sol ou do luar. O murmúrio, subindo em preces, convida à contemplação, à eclosão das altas reservas do espírito. Ama as águas tumultuosas ou tranqüilas. Medita, entretanto, no exemplo das águas que fluem em silêncio, moendo o bom trigo para o espírito!

Quanto às correntes violentas, procura salvar, ainda com sacrifício, os que nela se debatem, atirando-se ao mar largo, na ilusória esperança de um barco.

Quando teus pensamentos transcorrem em calma, estás em calma; quando se desarticulam, nas comoções entre os homens, são rios que se desagregam, construindo ou destruindo, sob rumos incertos.

VI

A língua, sinônimo de ímpeto criador, transforma-se em fonte, em bênção, em prece, em maldição. Os ímpetos ocultos, os ódios recalcados revelam-se pela língua; tragédias guardadas em sigilo, também por ela se revelam. Poucas palavras bastam, nas explosões do instinto, para definir-te em face do mundo, – se és escravo dos ensinamentos de Jesus, a quem tudo deves, ou se és um joguete de paixões vulgares. Nenhum coração bem formado te odiará, mas irás fundindo muralhas de gelo entre a tua pessoa, que imaginas diferente, e a maioria restante. Uma palavra clareia o que disfarças, e, embora com os traços mais perfeitos, surges envolvido em escuridão, como um pedaço de montanha, que se encrava no crepúsculo.

O egoísmo, o atentado à consciência, o assalto à dignidade alheia afloram naquelas frases, como o dejeto e a sujeira nas águas estagnadas. A língua se enobrece na humildade da prece, se humaniza no comando para salvar, se perde na ordem para desorganizar, se rebaixa na babugem

dos elogios próprios. Há línguas que fugiram da fauce dos tigres e das serpentes para a das criaturas – o mesmo urro, a mesma baba. Outros atribuem à língua funções vis, de vaporizadores de imundície contra os inocentes.

Ai de ti, ai de ti, se vês o argueiro nos olhos do vizinho e não vês as traves nos teus olhos! Ai de ti que proclamas os desvios dos desprotegidos, dos órfãos sem irmãos e não vês o escândalo da tua casa! Ai de ti que acusas a todos, que descobres culpas em todos, e só tu és inocente, só os teus erros merecem desculpas! Melhor fora que nunca falasses, que imobilizasses a língua acionada pela blasfêmia, língua sem a redenção de Samaria.

Ainda é tempo. Deixa que tuas palavras se banhem ao dulçor da Água-Viva e que tua língua seja um instrumento de eterna bondade e eterno perdão.

VII

Sim, relembra esses conselhos, e transforma a língua em veio de bondade, derramando frases boas para teus semelhantes. Ela representa a exteriorização do teu íntimo, sintoniza os seus momentos de exaltação, as suas manifestações mórbidas. Mundos contrários podem turbilhonar em teus pensamentos: domina-os e serás um bom. A fonte pode nascer de montanhas agitadas pelas tempestades e, mais adiante, corre na cadência das fontes.

– "Abstém-te, pois de murmuração, que nada aproveita e refreia a língua de detração; porque a palavra mais secreta não passará em claro e a boca que mente, mata a alma".(Livro da Sabedoria, cap. 2,11).

"Bem-aventurado aquele que está coberto de má língua, que. não passou pela ira dela, e que não atraiu para cima de si o seu jugo, e que não foi ligado com as suas cadeias. Cerca os teus ouvidos com espinhos, não queiras ouvir a língua má, e põe na tua boca uma porta e fechadura. Funde o teu ouro e a tua prata, e faze uma balança para pesares as tuas palavras, e um freio bem apertado para a tua boca. E olha, não escorregues no falar, não caias diante dos teus inimigos, e que te armam ciladas e não venha a tua queda a ser memorável e mortal". (Eclesiástico, XXVIII, 23, 28, 29 e 30).

VIII

Se não for possível a Água-Viva das palavras, guarda silêncio: importa em sabedoria e em piedade. Domina-te antes do menor comentário e pensa que as interpretações dos ouvintes são como os ciclones – aumentam nas distâncias.

"Os teus olhos são a candeia do teu corpo. Se os teus olhos forem simples, todo o teu corpo será luminoso; se porém maus, o teu corpo será tenebroso. Vê, pois, que a luz, que está em ti, não seja treva". (Lucas, II, 34, 35, 36).

O silêncio pode ser também uma fonte, com as raízes límpidas mergulhadas em teu ser, a borbotar em luzes espirituais, a falar pela doçura dos atos. O maldizente semeia veneno: grita palavras enfurecidas, espalha imperfeições, que lhe denunciam o orgulho, como a salsugem denuncia as ondas.

Fica em calma ante o seu enfurecimento, porque estão soltas as feras do instinto e a consciência desaparece em coberturas de limo. Consola-o, ou ele se destruirá liderado pela injustiça. O silêncio é uma fonte neste momento, que lavará de insultos e deixará no coração o rumor das águas feridas por uma pedra. As águas envolvem a pedra em cânticos de espuma e continuam a rolar...

IX

Há criaturas em declínio, que se esquecem de contar os poucos anos restantes de sua vida. Só Deus sabe e prevê o ciclo de cada ser. Tomba um gigante hígido, com os órgãos em clamores de saúde, e envelhece um cardíaco ou um acidentado. Cai um organismo sem uma lesão, e resiste um tórax com os pulmões esburacados pela tuberculose.

A simples parada de um motor imobiliza milhares de corações ainda jovens; octogenários, com órgãos vitais sangrados mortalmente, vivem por muitos anos. Só Deus prevê o momento exato, porque Deus evita o inevitável.

Mas, de qualquer forma, uma fonte espiritual amanheceu com o teu primeiro dia e murmurejou quando se entreabriu a flor do primeiro pensamento. Espraiou-se pelos anos afora, ao marouço das idades. Se criança ainda, não te paira a fronte o inverno suave da meditação. Se desces a esplanada, por que não te corriges? Se dobras a curva da vida, calculando os dias que te restam, por que não aceitas o arrependimento e a generosidade? Dissiparás os últimos instantes em abandono e surdez, em cegueira e indiferença? Queres partir, calcinado pelas injúrias profundas, como um terreno árido, que amedronta alimárias em fuga?

Não. Ainda é tempo. Ama a fonte escondida na alma, oferta o rosto à chuva de suas bênçãos, recompõe os anos perdidos, afastando as calúnias que arrojaste contra os teus semelhantes, cujo único mal, algumas vezes, foi o bem que te fizeram.

Olha para dentro de ti, vê que teu espírito se contorce em escolioses; engole as infâmias contra os teus irmãos – e fica certo que tuas infâmias nunca o mancharão. Não podes vencer a humildade e a caridade com a arrogância e o mal.

Escuta a fonte adormecida de teu espírito, ouve-a à noite, quando estiveres só, recompõe as horas do tumulto diário e pergunta:

– Que fiz hoje? Qual o bem, qual a caridade praticada, qual a palavra confortante, a assistência ao meu semelhante?

"Faze deixação e renuncia de ti mesmo e fruirás grande paz interna. Dá tudo por tudo; nem busques nem reclames nada; firma-te pura

e resolutamente em mim e possuir-me-ás. Terás o coração livre, sem que o deixes envolver de trevas". (Imitação de Cristo, XXXVII, 5).

X

A fonte da Água-Viva refrigera as úlceras, encoraja os aflitos, desencrava os erros ferrados na consciência, sacratiza os rumos na indecisão do caminho, acalenta, madrugada alta, os que não conseguem dormir, abertos os olhos pelas lâmpadas do remorso.

Ela não deriva somente da ciência e da sabedoria, se nas conquistas das profissões, nos atos do comando, faltam as inspirações do sacerdócio.

Fontes de Água-Viva escorrem dos olhos fatigados que vigilam nos laboratórios, dos ouvidos que interrogam as distâncias, dos cérebros que medem o infinito e aproximam os mundos.

Toda uma longa vida, poeirenta de egoísmo e vaidade, não vale uma hora dos que se debruçam ante uma chaga, acolhem um gemido, calam uma afronta, sorriem ante às abjeções com que os transviados canceram própria língua.

Bendita a fonte sem recompensa, – fonte que decorre de abnegações desconhecidas, dos assistentes dos hospitais, dos que reagem nas catequeses, dos que não se desesperam, embora atravessando circunstâncias desesperadas, dos que plantam para a colheita dos outros, dos que se imolam pelos demais e renunciam a tudo.

Olha os lábios em prece, as mãos magras enclavinhadas para o invisível e pensa que essa prece tem a força dos furacões. Quando estiveres em prece, enche-se tua boca do fulgor de uma nascente; começou a cantar a fonte da Água-Viva para os sedentos da crença.

XI

As paixões em desvarios, dissociando os homens, inspiradoras do egoísmo e do aniquilamento, morfinizam as idéias e escurecem a fonte do coração. Embebedam as criaturas, entorpecendo-lhes os restos de humanidade, e deixando-as como trapos inúteis.

A luta pela vida, os desvios na vida, as ilusões dos grandes vícios decepam ou abalam as supremas construções do espírito. E ficas só, sem resposta aos apelos levantados, julgando tudo perdido. Saneia a fonte interior, impedindo que os mananciais da ambição desnorteadora lhe toldem as águas purificadas. Recebe os veios que descem das religiões puras, decantadas no sofrimento, dos corpos imolados ao bem-estar alheio, das mães semimortas pela ausência dos filhos, dos lábios imunizados contra blasfêmias, dos que derramam bênçãos sobre maldições.

Oferece as gotas da Agua-Viva a quantos tiverem sede, sem idéias de recompensas, que representam os juros da ambição. Poderás sofrer anátemas de lábios fraternos, aviltações de irmãos egoístas, que algumas vezes, confundam afeições com interesses pessoais e querem

acorrentar-te ao carro dos seus desejos desnaturados. São escravagistas de nova espécie, porque têm a veleidade de aprisionar a tua alma inviolável e impossuível, que pertence ao Senhor.

Lembra-te sempre que a eternidade se resume para todos eles na transitoriedade material de alguns anos, na escala por um mundo de segunda ordem, degrau purificador para mundos luminosos!

XII

Precisas molhar o coração na doçura da Água-Viva, que emana para a vida eterna. "Os sãos não necessitam de médicos, mas sim os pecadores". – Teu coração será o bálsamo em que encontram cura todos os sofredores; cada sofredor deve ter um imã e será atraído para amenizar suas inquietações e torturas. Estende a mão e a sua dor diminuirá, porque ante a caridade suprema, nada está perdido e ninguém está retardado.

Sempre é tempo, mesmo nas derradeiras horas, para conseguir um momento de bondade. De que valem riquezas materiais?

Freqüentadores de cassinos, de reuniões fundadas na hipocrisia, não disfarçam o rudimentarismo de sua vida, "sem a claridade da eterna luz, que expele todas as trevas do fundo do coração". (João XVII, 5 Ps XVII, 29).

Em toda mão estendida num sorriso bom há uma centelha de redenção. Como sonhas uma fonte em tua vida, sem dedicação de tua parte? "Se amas os que te amam, que recompensa mereces". Inicia,

desde agora, a tua penitência: "a hora do insensato fere-o a ele próprio, e os seus lábios são a ruína de sua alma". (Provérbios, cap. XVIII, 8).

Não deves ser, vagando entre os homens, "o sepulcro caiado de branco, por dentro sânie e podridão", iludindo-te a ti próprio no mais pernicioso dos sonhos. O ferrete de certas frases, a injustiça de conceitos sirvam de íntimas inspirações que te encham de libertações para dias melhores.

Não afastes as dedicações isoladas, a mão humilde que te acaricia, o olhar de gratidão sem pagamento. A fonte circula montanhas, retiliniza-se na planície e, amanhã, tens necessidade de beber. Observas dedos cobertos de anéis, arremessando a pequenina moeda, em dádiva exibicionista.

Enxergas um pouco, além das formas físicas da vida. Quantas vezes, ao lado de um serviçal esfarrapado ou de um postulante, talvez se obumbre vestidos de seda, diamantes e adereços.

Não censures a conduta alheia: pode haver entre as criaturas, ligadas pelas provações terrenas, a separação de mundos. Se uma resume sua vida em ficções passageiras da matéria, outra a resume em realidade para muito além.

Já meditaste na felicidade do que venceu o ódio e marcha somente para o bem? Já meditaste na tortura do juiz, que, sob a rude obrigação dos autos, descobre, de repente, uma clareira maravilhosa para salvar um condenado? Na serenidade do que foi vilipendiado e domina os

ímpetos do seu amor próprio, subjuga a vingança, cala a resposta e abre os lábios em preces pelo seu ofensor?

Essa é a linfa cristalina da verdadeira vida! Essa poderá assegurar que a fonte interior está borbulhando mansamente e reflete os rostos das crianças, o perfil das mães, a doçura dos iniciados. Poderá rezar melhor a Jesus.

Olha para o alto, é inútil o teu ódio. Ainda que tivesses mil pulmões, mil línguas vibrando, mil idiomas, não atingirias o que se abrigou na verdade, na humildade, na caridade. Ainda é tempo: nenhum coração esta fechado. – Vem: molha o espírito no dulçor da Água-Viva, que emana para a vida eterna.

XIII

... Porque, na multiplicidade das vidas, "cada um será cheio de bens, conforme for o fruto de sua dor, e ser-lhe-á dada a retribuição, conforme forem as obras de sua mão" (Provérbios XII, 14);

porque a verdade caridade transcorre do coração antes da oferta, do olhar antes do gesto, da palavra antes da moeda, que é apenas a projeção metalizada da prece;

porque, no instante da caridade, bafejada por boa intenção, estarás sinalando pousos em que te salvarás mais tarde, sob guias de corações benfazejos;

porque a fonte interna do coração se avoluma com essas ações e se fortalece para correr, nutrir e dessedentar;

porque, "promanando da mesma criatura a prece e a maldição", porventura lança uma fonte da mesma bica água doce e água amargosa? Acaso pode a figueira dar uvas e a videira dar figos? Do mesmo modo, a fonte da água salobra não pode dar água doce". ('Tiago XIII, 9, 10, 11);

porque a língua má é serpente solta na cova da boca; ensaliva, empeçonha e seus botes envolvem, mais tarde ou mais cedo, a própria criatura, atingindo-a em proporção igual ou maior;

porque fora da caridade não há salvação, fora de Jesus, só há trevas;

porque devemos fruir a maravilha da vida que Deus proporciona a todos, mas alimentada na fonte da dor, fonte da beleza, fonte da oração, fonte da bondade, fonte do silêncio, fonte de todos os destinos, fonte da Água-Viva, que emana para vida eterna!

Que assim seja, neste Natal e sempre!

VII

Luz no Horizonte

Luz no Horizonte

"Só a virtude e os méritos, seja qual for a pessoa em quem se encontrem, obterão a recompensa da eterna felicidade.

Mais ainda: é para as classes desafortunadas que o coração de Deus parece inclinar-se mais.

Jesus Cristo chama aos pobres bem-aventurados; convida com amor a virem a Ele, a fim de consolar todos os que sofrem e que choram; abraça com uma caridade mais terna os pequenos e os oprimidos.

Estas doutrinas foram feitas, sem dúvida alguma, para humilhar a alma altiva do rico e torná-lo mais condescendente, para reanimar a coragem daqueles que sofrem e inspirar-lhes resignação".

Leão XIII ("Rerum Novarum").

I

Dezenas de séculos não eliminaram a escravidão. Homens e povos, em doloroso` pariato, sacodem gargalheiras em pleno sol. Nem mesmo a desculpa da ignorância, ou da inconsciência, resta aos negreiros de almas.

Seviciam brutal ou disfarçadamente – pela ação direta ou pelas constrições das leis, em cujos artigos se disfarçam alçapões generosos. Generosos, mas falsos, porque ocultam as negaças do embuste.

Interpretam, com rebeldias os gritos contra a fome è, sob o disfarce de velar a paz contra desordens, encarceram, supliciam e condenam. O que existe, na realidade, é fome, é insuficiência para a vida.

Sob o amparo de bandeiras orgulhosas, ainda se protegem corsários que acumulam riquezas, em explorações isoladas, ou no acorrentamento de massas. Remador de galeras, pedreiro de pirâmides, mercenário de exércitos, plebeu medieval, escafandro de minas, operário de cidades ou extrator nas florestas, com os filhos maltrapilhos, – e sempre escravo!

A escravidão não acabou. Espraia-se nas cidades tumultuosas.

Pervagam nas florestas virgens os derradeiros agrupamentos primitivistas, encurralados na tradição e na miséria. Não os procura o capitão-de-mato, como em outros tempos, porque não há finalidade de lucros. Busca-os, às vezes, forçado pela carência de braços, que produzem e não gastam, como se busca o elefante, o petróleo, o carvão. Produzir esmagando, nada mais. Palácios erguidos com o suor de milhareš; cidades de ouro e seda com a nudez de milhões; robustez dos povos ricos para o assassínio lento dos fracos, amarrados aos postos de produção.

Mas o clarão dos novos tempos abala o sistema que oscila, queimado pela justiça: atinge o indivíduo e as massas.

A mentira milenar, sob cortinas poídas pela verdade, desfaz-se.

Os cimos da Montanha Eterna flamejam, porque, "abrindo os olhos às cousas internas", raiou.

a luz no horizonte!

II

O carro avança implacável, vincando as estradas com as suas rodas de ferro; onde não há estradas, destrói as culturas. Só admite reduzida tolerância, enquanto não periga o motor, que suga combustíveis em ossos triturados. Se atravanca, mesmo de leve, é arremessado à distância, como os marujos enfermos durante os naufrágios.

Mata-se em nome da democracia; prende-se, açoita-se, em nome da lei, porque se pediu liberdade.

A caminhada não se atrasa: as gerações morrem ou se desarticulam nas guerras, nas explorações perigosas, no transporte em meio às tempestades, no esforço de todos os minutos.

Operários, aviadores, mutilados das batalhas, egressos dos incêndios, paralíticos sem residência, mendigos sem asilo, aleijados sem canto de rua, endoidecidos dos campos de concentração!

Enorme fila dos que desejam caminhar, mas não podem; vocações estranguladas, estudantes sem escolas, órfãos sem teto algum, desesperados que sentem fogo e não realizam o seu sonho. Pedem o resto abandonado que sobra dos felizes, o óbolo para esperar a noite vagarosa, enquanto passam os demais, esquecidos e vaidosos.

Suplicam, entre bênçãos, a esmola daquilo que não serve mais, porque adivinham "o pão vivo, que desce do céu e dá vida ao mundo", adivinham.

a luz no horizonte!

III

Já transpuseste, pela curiosidade de instantes, o ambiente das prisões, dos hospícios, dos hansencômios, dos sanatórios?

Quando desvarias em passeios e dias de festas, sob conforto excessivo, quando entesouras no jogo e na acumulação de lucros, quando constróis piscinas de mármore e negas contribuição para uma creche, não meditas nas crianças que dormem sem leito, nas mães que não dormem, nos tuberculosos sem cura?

Muitos fruíram a saúde e a alegria; contagiaram-se nas usinas sem ar.

Blasfemas, porque deixaste de ganhar um pouco mais. Eles, sangrados em prol da riqueza dos outros, esperam a hora suprema e não blasfemam.

Seus filhos preparam-se para a mesma onda anônima do trabalhador anônimo. O carnaval doura os cassinos flamejantes, sustentados pelos seu sacrifício. Fixam a lâmpada trêmula das enfermarias, debulham as horas das noites longas, pingando como gotas de chumbo. Depuram-se na dor, bendizem os felizes, sorriem a um ponto longínquo e vêem, "certos da breve mudança de tudo".

a luz no horizonte!

IV

Passam os cegos, acariciando o calçamento com as bengalas brancas. Cada pedra à margem é um amigo, porque é um aviso.

Sentem-se isolados, vendo pelos doze olhos dos dedos e dos ouvidos. Descortinam mundos que os videntes ignoram. Sentam-se – e o movimento interior turbilhona.

Passam os surdos, órfãos do som, filhos do silêncio. A vida é o mar-morto, salgado e sem peixes às bocas famintas.

Pássaros, ventos, cachoeiras – tudo silêncio!

Músicas, protestos, queixas – sempre silêncio.

Passam os mudos, em cujas fontes os pensamentos se encapelam e não podem sair. Revelações, criações, sempre o esmagamento sem piedade.

Passam calmos, talvez sob a tristeza maior de não poderem auxiliar os que ouvem, vêem e falam.

Passam em deslumbramento, porque, "encontrando a verdadeira paz", rezam sorrindo, vendo,

a luz no horizonte

V

Há cegos de olhos abertos: os que odeiam os inocentes, os que não vêem os órfãos, os que não visionam a justiça, os que, embuçados na sombra, escondem punhais e vitríolos no coração para ferir ou denegrir os seus semelhantes. Marca-os o egoísmo, irmão do crime, que não derrama sangue. Instilam peçonha em cada pensamento.

É a cegueira interna!

Já enxergaste de frente a tua própria alma? Se enxergaste claramente, és capaz de descrevê-la em voz alta?

Se não tens, o verdadeiro cego és tu. Os outros sabem que "a roupa vil fulgurará, que será mais exaltado o domicílio pobrezinho que o dourado palácio", porque não olvidam,

a luz no horizonte!

VI

Maldizente, insatisfeito, imerge o coração nas fontes de justiça! Escuta as vozes do alto; não sabes se amanheces, como não sabes se, hoje à noite, dormirás na integridade de tua saúde e inteligência.

Cego, surdo e mudo!

Cego, porque vês sem ver, amas sem amar.

Amor, em tua inconsciência, é um reflexo de interesses contrariados; indiferente ao sofrimento alheio e imolando os mais nobres ideais, tripudias no holocausto do teu semelhante. Este deve ser um lobo domesticado, que estraçalha os demais e executa as tuas ordens.

Surdo, porque não ouves a verdade. Só ouves a ti mesmo, na eclosão de surtos personalistas. Só tu tens direitos, só os teus objetivos merecem proteção. Só tu tens pais; irmãos, só os teus; honestidade, só a tua; família, só a tua. Censuras a casa alheia e não vês os erros de tua casa. Não encontras explicação para os atos injustos. Teu semelhante pode ser um criminoso ou vítima da maldade, das irrisões do mundo, dos desequilíbrios sociais. Em ambos os casos, merece assistência espiritual. Se também o acusas, espicaças uma ferida com pontas de fogo, ou difamas pelo sadismo de maltratar, onde os mandamentos que soletraste na infância? Não deves esquecer: "quando apontas o dedo contra o teu

semelhante, vinte outros dedos estão te apontando". Pelas mesmas culpas, hoje ou amanhã.

Mudo, porque injurias com a maior indiferença, porque imaginas que os outros foram escalados para as tuas explosões; mordes a mão que se estende sobre ti, como quem apedreja árvores enfloradas em bênçãos.

Cego, surdo e mudo, porque, olhando, ouvindo e falando materialmente, não pronuncias uma palavra boa, e só vês em teus semelhantes alvos para ignomínias, – "Se queres possuir a vida eterna, despreza a vida atual", e só então verás, chamejando esperanças,

a luz no horizonte!

VII

Que é o amor para os teus sentidos?

Cego, não é um deflagrar de egoísmo; surdo, não é recalque contra os que não se submetem aos teus furores; mudo, não é vaidade insatisfeita.

Pensas que iludes, mas, na realidade, não iludes, mesmo quando, direta ou indiretamente, desferes golpes nas sombras.

Lembras um demente, que desconhecesse a transparência do vidro. Os ímpetos de ódio e de maldição brotam dos teus gestos e atitudes, como os esgares de um louco através dos vitrais. Teus olhos e frases denunciam virulências ocultas, como os batímetros as profundidades submarinas. Por que a persistência nesse caminho do ódio?

Precisas conhecer o significado da abnegação, o encanto de servir sem recompensas, o bem de praticar o bem. Confundes o amor com a

moeda; é tua, enquanto te serve; má, nas mãos dos outros. Os atos desmentem os gestos melífluos – imitação do caçador para atrair a presa e dar-lhe o bote certeiro, carícia da serpente para o bote melhor.

Fica certo que nunca ingressarás no bem pelo mal, nem atrelarás o justo a caudas de vinganças, ainda mesmo agitando intrigas e subserviências. Alguns parecem ceder por idealismo ou provocações, a fim de evitar males e dominar obsessões. Clamas pela felicidade perdida, pela felicidade que nunca vem. Rodeado de mármores, entre repuxos de veludo, não tens a ventura de um pobre, que lava roupas ou carrega lenha para viver. Este conquistou a interna felicidade.

Reage. Não é justo que, pelas increpações de tua infelicidade, imponhas ao teu semelhante um geena de prantos e espinhos. Aprende a respeitar a liberdade de teu semelhante.

Precisas sentir o Evangelho, ouvir a interna voz, sorver o amor que não é sendal de perversidades, atingir a "liberdade do homem interior, atacar de machado a raiz e destruir a secreta e depravada inclinação, que tens por ti mesmo", e amar,

a luz no horizonte!

VIII

Impossível a salvação?

Tudo estaria perdido, se encurecesse o caminho, se não existisse o caminho. Ainda que tudo aparentemente se perdesse, tudo estaria salvo, se também se salvasse a derradeira flama evangélica no coração do derradeiro homem.

Há caminhos multiplicados, mas o caminho da caridade, mandado por Jesus, é o verdadeiro caminhó.

Nada valem castas, intolerâncias, intransigências, que os homens inventaram em nome de Deus, o Temível, quando Ele é Deus, o Pai.

Todos poderão olhar e procurar a "porta estreita". Cegos, surdos e mudos, que possuem olhos sãos, ouvidos sãos, lábios sãos, podem obter o prêmio de realmente ver, ouvir e falar.

A semente da caridade, tombando-lhes na fronte, irradiará clarões sobre a porta estreita e fará "repelir tudo o que possa manobrar ou sobrecarregar a consciência", abrir-se-á, em revoadas para novas luzes,

a luz no horizonte!

IX

Muitos verão quanto estavam cegos, porque, depois de tantos anos, enxergaram a Luz; quanto estavam surdos, porque ouviram o Verbo; quanto viviam mudos, porque, mesmo em voz baixa, murmuravam a Prece, num clamor de bem-aventuranças.

Só então perceberam, escapando a cavidades subterrâneas, os pássaros e os ventos.

Pensavam que o ruído arrastado era o som.

Só então sentiram, curados da gagueira, que as palavras escorriam dos lábios, como de uma fonte consoladora.

Pensavam que o linguajar mundano era o Verbo.

Tudo isso, porque mergulharam na prece, que evolando-se para Deus, "dá inteligência aos pequeninos, penetração às almas puras,

escondendo a sua graça dos curiosos e soberbos", e mostra, na escuridão geral,

a luz no horizonte!

X

Infelizes os que pregoam a bondade, pagando ou proclamando elogios farisaicos e não vacilam em praticar o mal.

Pobres os que exploram na caridade ou exploram a caridade, transformando-a em profissão, ilaqueando os bons, enriquecendo-se com a exibição de problemáticos sofrimentos. São os usurários da caridade. Caridade é elevação: parte do mendigo como do rico.

Inspirados pela caridade, por amor aos que sofrem, herdeiros de milhões que sofreram, cadeias de prantos através das idades, eles dispõem de forças ignoradas. Dormiam nos desvãos das consciências, como os minérios nas entranhas do solo.

O cuidado pelo sofrimento do próximo foi a chama reveladora.

Cego, será atraído pelas visões do bem; surdo, obedecerá à intimação do destino, pelo destino dos outros; mudo, espalhará a bondade, como semente para uma seara de redenção.

Nada era, porque de nada se utilizava para seus semelhantes; agora é um pouco de tudo, porque de tudo se utiliza para o mesmo fim.

Libreto pela dor, tendo descoberto na "cruz a redenção, na cruz a vida, na cruz a proteção contra os inimigos", ele caminhará, como um iluminado, para sentir

a luz no horizonte!

XI

Só então viu o caminho, ouviu a voz, falou ao destino.

– "Depois de tantas incertezas, vem comigo, missionário da liberdade! A luta é árdua, mas uma lâmpada brilha nas cerrações. Desvenda-se o teu mundo interior, até então fechado e inerte. Que te valia a vida, se eras indiferente a crianças com fome? Para que ouvido, se não percebias os uivos dos desesperados, nos hospitais e nos manicômios? Para que a voz, se não sabias proferir uma palavra de carinho, de tolerância, de arrependimento? Riscou-te a fonte a pedra da iluminação. Lapida-se o diamante perdido. Começa a cantar a ave escondida e descobres um outro dentro de ti – outro para vencer o primeiro. Agora não é preciso pressa. A dor vibra em qualquer parte. Porque a dor não é exclusividade dos que se acidentam nas guerras, se esmigalham nas máquinas, ficam cegos, surdos e mudos no esforço de cada dia. Há dor sem proteção. Dor também é dos que tiveram oportunidade para o arrependimento e não se arrependeram, mãos para a esmola e sempre as conservaram fechadas, enriquecem e as esquecem, dominam e magoam, injuriam no anonimato e ferem nas tocaias.

Estende as mãos às mãos súplices, que se desorientam nas torrentes, aos corpos e almas que, naufragam na dor; responde às vozes perdidas nas selvas da noite, ansiando pela salvação.

Age pela consciência, ouvindo somente a consciência, abeberada no Evangelho, e não aos impulsos das paixões.

Se deixaste no solo germens de vinganças ou malefícios como esperas doçuras e tranqüilidade em dias futuros?

Como frutos bons onde se plantou urtiga, ou rosas onde se fincou unha-de-gato? Brames injustiças contra os humildes e os fracos – e, imediatamente, enxertas espinhos no coração.

Lembra-te do frio: sem a proteção das folhas, aqueles espinhos surgirão no inverno, porque foste cego e surdo na primavera. Bracejarás doidamente, cada vez mais asfixiado pela areia-gulosa conseqüente das sementes más, arremessadas aos ventos!

A lâmpada do espírito bruxoleia aos pampeiros do ódio, das traições, das iniqüidades: o amor desinteressado poderá avivá-la e acendê-la na escuridão.

Acende-a!

Esse amor é a luz verdadeira, o verdadeiro "esplendor da luz eterna", a fonte de consolação,

a luz do horizonte !

XIII

...Porque te afastaste d'Aquele que fará mão árida chover graça fecunda;

porque vias "o argueiro nos olhos do vizinho e não vias a trave nos teus próprios olhos";

porque, sem a caridade, estavas plantando no coração a figueira seca, sem flores e frutos;

VIII

"Os sãos não precisam de Médicos!"

"Os sãos não precisam de médicos"

I

Quais são realmente os sãos?

Tu o disseste, Senhor:

> "Com o juízo com que julgardes, sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido, vos hão de medir a vós. É inescusável quando julgas, o homem, pois tu, que julgas, fazes o mesmo".

Sabes, Jesus, (e aconselhaste sabiamente o não julgar), quais são os que não precisam de médicos, nas esquecidas esferas espirituais.

A ciência ilude, porque, em algumas descobertas, as primeiras experimentações nascem de premissas vacilantes. Ilude-se o atleta, na exibição muscular: orgulha-se da rede elétrica dos braços e ignora que, nos trapézios do peito, o coração é um dançarino em desequilíbrio, ameaçado de tombar aos primeiros arremessos.

Qual a perfeição, quando se mensura a beleza, subordinada as balanças e cintas métricas, se pode morrer a harmonia ao influxo de germens invisíveis, infiltrados em células desprotegidas? Atestados de saúde expressam exames transitórios e situações passageiras, embora diluindo sangue, radiografando pulmões, gizando eletrocardiogramas.

Concursos de robustez selecionam os hígidos de nervos e carne, bloqueados, daí a instantes, pelas rondas de crupes e difterias: poucos dias de febre, não enfrentados com precisão, estrangulam o mais forte, asfixiando-o em estertores de afogamento.

Vacinados pelos soros, os sãos giram sob ciladas, que lhes destróem a pompa da saúde, equiparando-os aos fracos, desprovidos de reservas e reações.

II

Quais são realmente os sãos?

As crianças, as mães que são mães, os mártires, os justos, os heróis sem assassínios, os provados em torturas e comprovados em justas atrozes, os humilhados sem humilhação aos demais.

E os que se acorrentam aos conselhos de São Paulo:

> "Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque, quando estou fraco, então sou forte".

Rareiam os sãos nas batalhas hodiernas, em que se experimentam resistências, após dois mil anos de sacrifícios, Jesus.

Listram o horizonte os mesmos nevoeiros pagãos, e cruentos púlpitos se improvisam nos quadrantes avermelhados. Imobilizaram-Te

em bronze no cimo das montanhas, nos abismos submarinos, em substituição às colunatas medievais: querem ver-Te em toda a parte e, sem evolução para a luz, não Te vêem em parte alguma. Nem mesmo os que Te imaginam em alabastros, altares e catedrais.

Jerusalém, para numerosos grupos, define-se como ficção jurídica e tolerância sentimental; o Calvário acende curiosidades em turistas exóticos; Chartres inscreve-se nos catálogos dos museus de arte.

Poucos genufletem, uns balbuciam preces; muitos não se descobrem nem curvam a cabeça: avaliam granitos e mármores para reaplicação em arranha-céus; calculam a mutilação e a metalização para investimento com juros e dividendos.

No liminar da nova-idade, baseada em entendimentos ou choques entre o Oriente e o Ocidente, o mundo tropeça enfermo, incerto na arrancada para a direita ou a esquerda.

E só Tu indicas o meio-termo, o caminho, a verdade e a vida; só Tu és o Médico Imortal, cuja Dextra poderosa ressurge os lázaros e cujo olhar resplandecente imanta os humildes, suspendendo-os para a eternidade.

III

Quais são realmente os sãos?

Metralharam-se povos, imolaram-se partidos e líderes, em nome de democracias, pregando reforma e pureza entre gritos de extermínios a

execração, nos acúleos de arame farpado; assinaram-se convênios, cartas universais de direito, assegurando em nome de Deus, quase sempre ausente, a igualdade e a fraternidade entre as classes; ensaiou-se a emancipação de sub-raças, em regimes de tutelas e escravagismo; bandos ingênuos, narcotizados pela boa fé, entoaram cânticos de paz; somaram-se indenizações para auxiliar ou aguilhoar os vencidos.

De um lado, essa espiral de falsas glórias contra a ignorância; de outro, os tribunais de sangue, a guilhotina, a forca, o fuzilamento, as masmorras sem processos livres.

Ao mesmo tempo, à sombra ou em plena luz, hordas audazes surgiram, brechando as massas inquietas, enquanto nações aguerridas acionavam melhores armas, nos testes das guerras civis e das carnificinas sem remédio.

Divinizava-se o conflito, açulando povos ainda mais famintos, golpeados em defesa dos idealismos cristãos. Barreiras de resistência, consideradas invencíveis, esbarrondaram-se à invasão de vanguardas tenazes, entre o holocausto de mártires, às vezes renegados à própria sorte, sob apupos de circos.

Os sãos de organismo derrubaram os sãos de espírito, – e a Tua Cruz, Senhor, fulgira apenas no pescoço dos feridos, após dias e noites de fogo e ferro, jorrados do solo e dos céus.

A crença isolou-se e isolou-se medrosamente, no ádito dos corações, que se transformaram, aljofrados de sangue, em retiros medievais.

Quais os sãos? – Jamais os que aparentemente subjugaram mais da metade do globo, tentando erradicar-Te às consciências dos que não traíram, no holocausto de milhares, sem culpas de injustiças ou crimes individuais e coletivos.

IV

"Os sãos não precisam de médicos".

Alastram-se epidemias e sacrilégios. Atentados e sangueiras não fervem somente em exércitos enfurecidos, nas frentes tumultuosas das batalhas. Arregimentam-se dentro de cada país, cada cidade, cada agrupamento. Anemizam a unidade, o comando, a defesa; corroem e canceram o organismo.

Segregados em cavernas de sentimentos estéreis, vazando ultrajes, certos transformistas não aprestam o ouvido aos clamores das multidões famintas, que enegrecem o espaço. Essas multidões, nos encadeamentos subversivos, são invisíveis, como as forças dos dínamos, que escorrem pelos fios, mas ardem em rebeldias e, mais tarde, hoje ou amanhã, deflagrarão nas ruas e nos campos, nas usinas e nos navios, convertidos em arenas de combate e reivindicação. Eles não vêem, não ouvem, não pressentem as explosões, desviados pelas calmarias deste momento ilusório.

E, quando reboar o grito definitivo para a reação, como poderá mover-se o soldado, em suas energias integrais, se não poderão obedecer os membros às ordens de marcha para a salvação comum?

Não se alteia o corpo desvitalizado; não funciona o órgão enfraquecido pela decomposição. Quais são, à margem os iniciados da renúncia, os que não precisam de médicos?

E a renúncia é a posse e a reconquista de si mesmo, porta aureolada da completa emancipação.

V

Renunciar, quando não vibra o sofrimento, que é um estágio de imortalização; renunciar, quando angústias e sedes não engasgam povos inteiros; renunciar, quando falecem elementos conclusivos para a luta, sem vestígios de vitória, redundando em suicídios e mortandades.

Nesse caso, renunciar é ascender, é vigilar pela prece, é abandonar a vida material por vidas luminosas, é repovoar o mundo interior pelas magias construtivas da solidão.

Não se admite, todavia, a renúncia, quando erram crianças sem teto, enfermos sem leito, cerrações mentais sem os clarões da verdade, olhos cegos ao sol, como em tundras siberianas, seres que regrediram aos instintos primários da ameaça e eliminação dos seus semelhantes. Não é possível a renúncia, quando há tantos enfermos, Senhor!

Os enfermos do ódio, ou pelo ódio podem iludir a todos, mas uma vez calcinadas as perturbações dos sentidos, não se iludem, nem iludem por um segundo.

As aflições acicatam-lhe o coração, como um sino implacável, e serão felizes, se entenderem ainda essas ressonâncias rememorativas, corrigindo-se para futuros procedimentos. Provimos, ainda humílimos, de irradiações universais, e não temos o direito de imolar a alegria e a liberdade alheias aos nossos interesses e temperamento. Os carrilhões dobrarão horas e horas, num rigor e vigor de sentenças, anunciando que a tranqüilidade não ocorre de ímpetos desencadeados, porém da inspiração sorvida nos Teus Evangelhos e da obrigação de servir sem olhar a quem.

Pregaste a doçura, a misericórdia, e feliz daquele que não se afasta, para ser agradável a manifestações egoístas, do caminho, da verdade e da vida!

VI

Depois de atravessar nevoaças e temporais, entre injustiças e insultos, como um irracional lanhado pelos chicotes, e naturalmente os mereceu em prêmio às suas imperfeições, o caminhante observa que se entrecerra um ciclo da existência e tenta adivinhar o destino.

Olha em redor, com as interrogações comuns às criaturas sangrantes, e sente que foi expulso e condenado: fecharam-lhe as portas,

caíram as aldravas, tatalaram as matracas, empurrando-o para longe dos limites urbanos.

Era o aviso trágico aos hansenianos da Idade-Média, por meras suposições condenatórias e negativas: – "Imundo! Imundo!"

Ninguém quer ouvi-lo, ninguém admite explorações: a trabalheira de anos seguidos, a assistência diuturna, o devotamento aos semelhantes, tudo desapareceu sob pedradas e ruídos de aniquilamento. Fora lançado às feras, num estádio vociferante, ou num poço de imolações a deuses pagãos. Enfermo, sem direito a repouso, sorriu interiormente à sanha dos reformistas e volveu os olhos alucinados, sem queixas nem protesto, para a Eterna Bondade.

Mestre Compassivo: pareces longe, algumas vezes, nas alegrias turbulentas, mas estás perto dos que Te buscam em oração e Te enxergam em silêncio.

"Se pedirdes alguma cousa em meu nome, Eu o farei".

Respondes sempre, curas sempre e salvas sempre. Médico Divino!

As fascinações de Tua Misericórdia, irisando as furnas, a que somos acorrentados, o céu se entreabre em corolas: dentro de sua pequenez e desamparo, a criatura visiona flamas condolentes de Pentecostes.

Cerra-se uma vereda, esmaecida em conquistas inglórias, e outra se oferta luminosamente, como um jorro sidéreo, que se despenhasse de vulcões de cristal.

Compreende-se, em sintonias flamejantes, o simbolismo do passeio no Lago, em suave levitação: à liturgia dessas chamas, o espírito, aparentemente caído, vence as ondas da maldade, transplanta-se à praias diferentes, onde alvorece um novo futuro, humilde mas tranqüilo, com tudo quanto deriva de Ti, Médico Divino!

VII

Os doentes precisam de Médicos.

Vim sentir-Te melhor num templo agreste, sanatório verde, em que o vento, antes de revolver o chão, se purifica e perfuma nas ramagens de árvores centenárias: veio dos Andes, correu por chapadões e campos gerais, esfriou nas serranias, e se aquece agora nas selvas, incendiadas de sol.

Convulsiona as nuvens, em relâmpagos e estrondos, e desaparece nos arrepios das águas, deixando a chuva dos fins de verão, que fecunda as terras, e também se esvai, entre as litanias da passarada livre.

Mais tarde, a noite antiga, em sua intensidade primitiva, ressurge nas folhas lucilantes de vaga-lumes, – e apenas o céu claro, lavado pelos aguaceiros da tarde, e apenas sombras de sumaúmas, que retratam as trevas.

Cedros e cedroramas balançam as copas verdes, herdeiros dos cedros milenares batizados pelas salsugens mediterrâneas, a cujas

sombras borbulharam, em meditações e sofrimentos, versículos dos Evangelhos.

Embebido nesse panteísmo invencível, penetrando os mais difíceis esconderijos do espírito, penso em Ti e relembro:

> – "Quando rezares, não imites os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, mas, se quiseres conversar com Deus, retira-te ao teu quarto, e, fechadas as portas, ora em segredo ao Pai Celeste, que vê as coisas ocultas e Te recompensará".

Poucos cenários sagrados para rezar com tanto fervor: a natureza vestiu-se de túnica verde-escura e, aos restos de luar, desfeito em rastilhos de discos voadores, o rio lembra um cinturão de prata, respingado de astros, preparando-se para os mistérios desta hora de ressurreição.

Dentro de Teus mandamentos, escapando às misérias de minha miséria, é permitido conversar com Deus, orar em segredo ao Pai Celeste, que vê as coisas ocultas para a natural recompensa, transubstanciada na eucaristia da resignação e da renúncia.

VIII

"Os sãos não precisam de Médicos".

Tens o direito de orar, porque o Senhor te concedeu esse direito e não vens implorar proventos mundanos. Ele vê todas as coisas ocultas e

sabe que nunca transformaste as palavras e as intenções em instrumentos de maldição, nem desejas o esfacelamento e a desgraça dos teus semelhantes. Procuraste seguir, nos meandros da imperfeição e na insanidade das fraquezas humanas, o conselho bíblico.

"Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem é sujo suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda".

E, a seqüência desses postulados, nesta noite fervente de constelações, podes elevar a tua prece emocional, suplicando Jesus ampare as crianças, ilumine os transviados, preservando-os contra males e traições. Enganam-se muitos ante a ficção do ódio e da ambição. Os corações, como os diamantes, revelam as facetas na lapidação do fogo. Precisam orar.

A prece não é somente um rosário de vocábulos, sussurrados em atos oficiais, mas a fonte marulhante, que brota da alma: quantas vezes, o mendigo, a quem negas um olhar e uma esmola, está implorando a tua saúde e a de teus filhos; quantas vezes, as vítimas, apunhaladas pelas tuas agressões, não suplicam a Deus pelas tuas metamorfoses interiores.

Olha para a frente, em hosanas cristãs ao porvir!

Não pares nas vanglorias deste mundo, com o fim de apedrejar a estrada percorrida, nem instiles a peçonha do ódio em vencedores ou vencidos.

E fita a Jesus: Ele estende as Mãos translúcidas a todos os que precisam de médicos!

IX

Mestre Perfeito

– às infiltrações de Tua Medicina Celeste, os Apóstolos, desdobrados em discípulos através dos tempos, vêm trabalhando, pela tremenda coragem da não violência, nos templos e nos laboratórios, no tumulto e na solitude, nos lares e nas cátedras.

Tanta é a desconfiança, tamanha é a descrença, tão virulenta é a maldade, que muitos zombam da fé imareável dos fanatizados pela Tua Doutrina de Redenção. Lêem, prestam juramentos, esmurram o peito, em demonstração de crença, e, ante os primeiros impulsos da vaidade, extravasam sânie, como se aleitassem serpentários raivosos.

Onde o evangeliário que aprenderam? Como ouvir as frases que proferem, gotejando a desavença e o extermínio? Precisam de médicos, Senhor!

Precisam aprender, antes de empedernidos, que a existência é distribuída igualmente para todos, – mães e filhos de carvoeiros e milionários, de dominadores e dominados ante as leis do mundo. A Tua Misericórdia despertará os que se afastaram das fulgurações do Verbo. Teus Apóstolos levaram, como um escudo inamolgável, os rumos seguros.

"Envio-vos como cordeiros na mão dos lobos. Aprendei de mim a ser mansos; se vos baterem numa face, apresentai a outra, e se vos tirarem a túnica, abandonai também o manto".

Que somos nós, paupérrimos esmoleres, ante a grandeza dos Teus Apóstolos? Teremos de ser cordeiros, ser tranqüilos, suportar as bastonadas nas faces, perder a túnica e entregar o manto.

Precisamos de médicos, porque não somos sãos.

X

Tão aviltante quanto as bastonadas nas faces, é a irrisão feroz, atentando contra as conquistas superiores da luta: a túnica, nos dias atuais, é o patrimônio, que reveste a criatura, tecido através de esforços, estudos e meditações.

Antes da parte concludente da Parábola, pregaste a mansidão dos cordeiros, em meio a lobos famintos; acima da mansidão dos cordeiros, mandaste que aprendêssemos em Ti a ser mansos, que suportássemos mais, até o martírio e a crucificação.

Quanto esforço para modelar e torcer o barro, de que nascemos, o barro que abriga, em sua estruturação, a saliva sadia ou venenosa das águas e a síntese do solo, por onde se despenham chuvas, geadas e furacões.

O barro animou-se, recebeu o sopro, modificou-se em vida, mas vida com os impulsos das virgindades telúricas, não amainadas, durante milênios, pela cultura, quando sob o domínio da barbárie, e pela inteligência, quando nas hostes do mal.

Aqui está a face,
aqui está a túnica,
aqui está o manto!

Podeis agredi-la, podeis levá-la, irmãos em transvio, porque Ele mandou.

Agindo assim, não se precisa de médicos: cantará o espírito, para além dos mundos, as suas gestas libertárias, sentindo infiltrações da eternidade nas angústias deste instante, – gotas de granizo em arco-íris, que se desprendem e desaparecem maravilhosamente, dentro da luz, em oceanos de nuvens.

Aqui está a face,
aqui está a túnica,
aqui está o manto.

A primeira foi espancada sucessivamente, sem reações nem revides; a segunda rasgou-a a irreflexão das penas sem julgamento.

A terceira, o manto ainda não foi rompido, – e, pelas noites e dias solitários, quando a criatura se reduz ao nada de si mesma, ou medita melhor, ele se pontilha de vias-lácteas e recobre a nudez da vida, reconfortada e tranqüila...

...Porque o manto vem de Ti, Salvador!

XI

As enfermidades e as impiedades dessoram povos e continentes. A sede, que só Tu mitigas, abrasa milhões de gargantas. Acorrem pressurosamente e encontram estorricado, em areia e seixos, o Poço de Samaria. Caminham mais e não há pescado e pão, vinho e água, que se multipliquem.

Porque os corações, mananciais daquele Poço, se estiaram em egoísmo e materialismo, sob ardentias de catástrofes intermináveis. Porque vinho e água, peixe e pão, perderam a energia vitalizadora dos idos bíblicos, – diminuição, em vez de multiplicação.

Porque a felicidade, se predomina totalmente, não assenta suas colunas em riquezas exteriores, mas no mundo redimido de cada um.

Candelabros, arcos voltaicos, geradores e usinas não aclaram a consciência, se é escura ou se escureceu. Inúteis feixes e condutores: em meio à intensidade da luz, sentirás a treva dentro de ti.

Ao contrário: tateias em procelosa noite equatorial, quando nenhuma estrela lucila e a escuridão amedronta as feras.

Inúteis, entretanto, as trevas, os pavores da sombra: em meio à escuridão, verás que permanente luzerna norteia os teus passos.

E sairás cantando, vitorioso no isolamento.

Longe de atrocidades e enfermidades, Jesus habita em tua consciência e sabes que, embora invisível, está onipresente.

Até ouves os Divinos Passos, leves como este ar de verão, decantado pelo sol e pelas florações tropicais, que se entrefalam no zumbido das abelhas.

Em meio às cerrações, surges, Mestre Supremo, como um relicário de excelsa bondade, em cuja doçura se aninham e dulcificam os deserdados e desiludidos: és a sempiterna salvação e não a masmorra punitiva, onde escribas farisaicos anotam ou imaginam castigos e vinganças. Erram os que Te invocam antes do perdão aos demais, amoldando a sua mentalidade a turbilhões de ódios, sem repercussão no infinito.

Volverás um dia, na mesma escala de serenidade e de amor.

"Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e na terra consternação dos povos por causa do ruído confuso do mar e das ondas. Os homens secarão de terror, na expectativa do que há-de acontecer a todo o universo, porque as virtudes do céu se abalarão"...

Já se enxergam os sinais, já se ouve a prodigiosa sinfonia da Tua Vinda!

XII

"Se alguém tem sede, venha a mim e beba!" E acrescentavas, naqueles dias das primeiras catequeses, que rios de água-viva correriam de quantos acreditassem em Tuas Palavras.

Os rios corrigiram os leitos, avolumaram-se nos bebedouros das nascentes; linfas borbulharam das cordilheiras e formaram lagos, engrossados por vertentes e degelos; chuvas rolaram em torrentes, inundando campos e florestas; açudes transbordaram e arrastaram as represas, argamassadas por maquinárias pesadas.

O homem, no sentido das águas, perfura rios subterrâneos, dissolve as nuvens e molha os desertos. Afasta os mares, no plenidomínio das áreas agricultáveis, drena as charnecas, retifica a natureza. Dirige dilúvios metodizados. Vence as distâncias, mergulha nos oceanos, anexa os pólos a bandeiras imperialistas, anuncia a descoberta de mundos diferentes, embrulhados nas estratosferas, pelas viagens interplanetárias.

Mas não estancou, e antes aumentou, a sede da alma. E felizes os que tem sede, porque há infelizes sem a salvação da sede, deslumbrados com egoísmos, que se dissipam aos ventos. Desvairam, e os rostos se lhes transformam em fauces de tigres ante o sangue, aos impulsos primitivos dos instintos.

E todos uivam de sede, – sede de tranqüilidade e de paz, de direito e amor, sede de dormir sem olhos abertos durante o sono, de sonhar sem imergir nos duros realismos da matéria.

– "Se alguém tem sede, venha a Mim e beba !"

XIII

Mestre Divino:

Todas as criaturas, ainda obscuras e humildes, têm modestos ou altos deveres missionários, – e nós os esperamos tranqüilamente.

Aqui estamos, Senhor; queremos beber a água-viva, queremos cumprir os nossos pequeninos deveres, pelo mínimo nada que representamos.

"Os sãos não precisam de médicos", mas nós precisamos auxiliar-nos e auxiliar os que não têm saúde na alma e no corpo.

Partem gritos desvairados de milhões de lábios ressequidos, em desvãos e cidades do mundo inteiro.

Poderás acender jordões de luz em nosso coração e, assim armados de armas brancas, marcharemos para as grandes jornadas pela Cruz, para além de mosteiros, catedrais, templos, sinagogas e pagodes.

Queremos partir, Médico Supremo! Aguardamos as ordens: só Tu conheces a oportunidade para a hora da libertação da Liberdade; hienas famulentas, refocilando em ossuários e carnagens, desconhecem a missão das procelárias, que, embora sem forças, anunciam os litorais salvadores aos navegantes, entre os bramidos das borrascas.

No Sermão da Montanha, nos apólogos, nas palestras, nos exemplos, sempre postulaste em serenidade, quase em sussurros, e sempre padeceste, sem acusações aos agressores, até na última degradação.

Desabaram impérios, sucederam-se idades, caíram os orgulhos, emudeceram os dementados, voltaram ao pó os blasfemos, – e o Teu

Sussurro fremiu como um ciclone, e as Tuas Bem-aventuranças ressoaram para além de todos os códigos inventados pelo homem.

A estrada é longa, mas existe a porta estreita por onde escaparão falanges de enfermeiros e soldados para os que precisarem de médicos.

A Tua Mão predestinada, fosforescente de auroras dentro da noite, aponta os rumos para a porta estreita da ação.

Porque – "se alguém tem sede, venha a Mim e beba!"; porque,

"nem do Oriente, nem do Ocidente, nem do deserto vem a exaltação. Mas Deus é o Juiz: a um abate e a outro exalta";

porque, onipresente ante os corações crentes e resignados, poderemos repetir que,

"se eu somente tocar o Teu vestido, ficarei são";

porque, se ouvirmos cegamente os Teus Ensinamentos,
vemos claramente a vida
e entraremos para a Eterna Vida,
nesta ou em outras Vidas!
Assim seja!

IX

Clarões da Idade - Nova

Clarões da Idade-Nova

I

Volvidos milhares de anos, com as gerações em lutas pela liberdade de agir e viver, surgiste, Líder Divino, e espalhaste, aos séculos áridos, as sementeiras da igualdade e da doçura. Sucedem-se as raças e civilizações, defendendo a paz entre as sangueiras de ódios e conflitos, que acentuavam mais e mais, findas as batalhas, os limites da separação entre os homens.

Haviam recebido a herança punitiva e salvadora – "ganharás o pão com o suor do teu rosto". Cultivar a inteligência, lavrar a terra, submeter florestas e oceanos aos imperativos da economia. Os domínios da cultura, de atividades, de orgulhos e ambições, impediram se cumprisse integralmente o dogma bíblico, – e minorias audaciosas agrilhoaram maiorias escravizadas, desde os primeiros milênios até hoje, diretamente pelas conflagrações, ou, indiretamente, pelas cadeias ocultas do imperialismo financeiro. Nem todos charruam o solo e ganham o pão com o suor do seu rosto; nem todos se tuberculizam nas minas ou nos trabalhos noturnos. Muitos desperdiçam ou furtam o pão evangélico, levedado com o suor de milhões. Tressuar pelos necessitados, cair de inanição pelas crianças, morrer pelos inválidos, desaparecer pelas mães pobres. Esse é um dever . Há o reverso. Milhões e milhões de miseráveis emagrecem e tropegam para que alguns milhares tripudiem, assegurando

revoltantes domínios pelas armas, mantidas, por sua vez, pelos trabalhadores das usinas e dos campos. Liqüefazem-se em suor, pelas necessidades da vida, e soldam as moedas destinadas às próprias algemas.

Assim, nos velhos tempos; assim, nos tempos modernos; assim, nas justas primitivas; assim, nas desintegrações atômicas. Mercantilizando os mais nobres sentimentos, minorias felizes transformam o heroísmo, tecido de coragens, em motivos de agressão: multidões se estiolaram para que elas sobrevivessem, cada vez mais prósperas, nadando no sangue e na miséria coletivos. Órfãos e viúvas desfilam, enlutando as ruas, para que os grupos aufiram maiores dividendos nas conflagrações movidas pela injustiça. Sempre as promessas de liberdade e de igualdade; sempre, após a vitória das minorias, a derrota das maiorias, sacrificadas nos mínimos padrões de vida. "Ganharás o pão com o suor do teu rosto".

Expulsos do paraíso, os primeiros repudiados debulharam o trigo magro com o suor do seu rosto. Logo depois, nos ciclos posteriores, foram imolando tudo a favor do pão e do desperdício alheios. Quando se improvisavam protestos, a morte devastava, em nome do direito.

Imolaram-Te, Líder Divino; imolaram os Teus Apóstolos; imolaram os que Te servem, desde Espártaco até os cativos atuais, acidentados por nascimento, sem heranças de metal. Ninguém pode implantar o reino da igualdade, – um trabalha por cem, mil desaparecem por um, mas todos devem aspirar a misericórdia na distribuição equânime das riquezas da terra.

II

Um dia, exatamente neste Natal, que pobres e ricos celebram, às cintilações de presépios multicolores, nascias em Nazaré e eras "a verdadeira luz, que ilumina a todo homem, que vem a este mundo".(São João, I). Verdadeira Luz, porque trazias, da manjedoura ao Calvário, as bênçãos eternas do perdão e do holocausto; verdadeira Luz, porque trazias a redenção para todos e pregavas a tolerância infinita: – "na vossa paciência possuireis as vossas almas".

Morreste para ressurgir, desapareceste para viver: pregaste a ressurreição e a vida de novas humanidades, em que o bem venceria o mal, terras e águas seriam patrimônio comum, vivificando e fortalecendo raças e sub-raças. Transcorreram os séculos. Dividiram-se águas e terras, limitaram-se às camadas aéreas, nos fatalismos da conquista, até aonde a ambição possa atingir, e continuou a desigualdade entre as criaturas, separadas ou irmanadas pelo domínio do ouro.

Venceram os hipócritas e os filisteus, "que levaram as casas das viúvas, fungando largas orações".

Venceram as "regras talares", impondo o preconceito do dinheiro e da força. "Ganhar o pão com o suor do teu rosto" ressoa como frase de língua morta. Ninguém compreende, ou se compreende, interpreta a seu modo, como uma parábola metálica de azinhavre. Ganhar o pão com o suor do teu rosto, – e o infalível vozear dos sibaritas, cujas noitadas espetaculares comem a fortuna de um instante no infortúnio dos

desajustados, cujo super conforto se apoia ao martírio de seres acidentados, ou mumificados no âmago sem claridade das florestas, nas solidões dos campos e no braseiro das fornalhas.

Teu Natal, Líder dos Humildes, não representa apenas o nascimento divino, mas a renovação das gerações no sentido revolucionário da não-violência, que iria derrubar tronos e governos, rasgando a entrada para o entendimento entre os homens. A violência é a assinatura da derrota; a não-violência, mesmo nos derrotados, é a vitória de amanhã.

Natal de Deus, adormecido no estábulo, ante o qual se curvaram reis e pastores, Natal do direito de ser livre, Natal de um mundo novo, forjado nas fogueiras de velhos mundos, Natal do Homem-Deus, que viria salvar os criminosos pelas tábuas da lei, derramando a redenção da vida, sem as explorações do homem pelo homem.

III

Com o fim de neutralizar a exploração do homem pelo homem, "preservar as gerações futuras do flagelo da guerra, proclamar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos do homem e mulheres", "criar condições necessárias ao mantenimento da justiça", "fomentar o progresso social e instaurar melhores condições de vida com liberdade mais ampla", praticando a tolerância e reconhecendo a igualdade de

condições, sem preconceitos de raça, cor, cultura, religião, – foram assinadas cartas jurídicas entre povos e constituições internas de cada povo. Eram, de qualquer modo, promessas dogmáticas, porque derivantes de conflitos universais e continentais com representação de todas as classes, que modificariam as relações entre as sociedades das nações e dos indivíduos, firmando escolas definitivas, embora não definitivas para a vida.

Eram processos formais, que seriam posteriormente regulamentados, socializando recursos para a articulação da Idade-Nova, clara nos horizontes, garantidos por soldados-operários, procedentes dos campos e das usinas. Morreram, aos milhões por essas conquistas, deixando por testamentos, resignação nas famílias órfãs e errantes, ou jazem estropiados nos quatro cantos do mundo, como trementes legiões de fantasmas, sem braços ou sem pernas, cegos ou alienados.

Promessas vãs, somente promessas, e a verdade esclareceu as consciências: as leis não foram cumpridas e as gentes, que as reivindicam, premidas pelos textos regulamentares, são banidas do convívio social e encurraladas nas enxovias. Têm o crime único de crer na liberdade, lutar pela lei e pelo exercício dos mesmos direitos.

A Carta fala na "preservação das gerações futuras contra o flagelo da guerra" e sopra a guerra nas entrelinhas; proclama a fé nos direitos fundamentais do homem, e são repelidos os que pregam ou defendem esses direitos; especifica a dignidade e o valor da pessoa humana, a igualdade de direitos de homens e mulheres, e não se

reconheceu plenamente essa dignidade, esse valor e essa igualdade, mesmo nas frágeis estruturações democráticas, em que predominam as prerrogativas do assalto, da injúria, da eliminação dos adversários de idéias e programas.

Em condições diferentes, impera a tirania das vontades conturbadas pela cegueira, o desenfreio das falsas democracias, continuando, assim, a exploração do homem pelo homem.

IV

As guerras, as opressões, os extermínios não oporão resistência suficiente às idéias em marcha, cimentando, na convicção de milhões, a Idade-Nova, em que o Evangelho triunfará neste mundo exausto, em crises de crescimento e colapsos de depressão. Nenhuma força, seja da direita ou da esquerda, deterá o advento maravilhoso. Já se lhe pressentem os clarões em todos os povos, mesmo de índole conservadora, sujeitos a dilemas fatais, – ou cedem por medidas suasórias, preparando os degraus evolutivos dessa época próxima, ou cedem pelos golpes subversivos, que lhes minam e corroem os alicerces; pelas coordenações entre governantes e governados, ou pelos desentendimentos de sangue; pelos acordos entre administradores e administrados, mediante leis de amparo mútuo, ou pelo bombardeio de muralhas seculares, ainda em pé, à falta de oportunidade e decisão para o ataque final. Ou entreabrir os portões, fraternizando os homens entre jardins não mais escondidos, ou o

fragor das bastilhas derrubadas, de qualquer forma para uma camaradagem à ponta de lanças. Mudou o ambiente, às lições do engano e do sofrimento, mutilados sem pão, pracinhas sem teto. Soldados, marinheiros e aviadores querem conhecer as causas das novas guerras, dos testes da Coréia, de Formosa, da Indo-China, da América Central, – por que vão matar ou morrer, invadir terras alheias e ver as suas terras invadidas, incendiar cidades e assistir o incêndio de suas cidades natais. Existem templos e escolas de um e outro lado; lares florejam ou agonizam nos continentes; amor à pátria não se circunscreve a um povo, ou a uma bandeira; Deus, seja qual for a designação, não é propriedade de grupos. Por que matar, por que morrer, quando se enfraquecem os velhos idealismos, desfeitos em ilusões, se prosperam os ricos após as conflagrações, se mais dura é a miséria para os pequenos, se a fome se universalizou e devora mais do que mil batalhas? Por que não solucionar as controvérsias em távola-redonda de paz, salvando a humanidade desvairada, trêmula de medo e surpresas, humanidade que desconhece o dia seguinte.

V

Não cessaram os desajustamentos da última guerra. A conferência da paz não implantou a paz, porque desprezou tradições para acobertar interesses. Separou povos unidos com delimitações imaginárias, talando suas cidades e terras de norte-sul, e tentou modificar governos

milenares com a ficção de alguns anos de ocupações militares. A Alemanha e o Japão conservam, na mentalidade imutável, a sua estruturação ancestral. Urdiu bloqueios imperialistas, empobrecendo regiões populosas com os desequilíbrios cambiais e as rações na importação dos seus produtos, estabelecendo a lenta asfixia dos povos enfraquecidos. Pequenos conflitos, em que os fortes vibram os golpes mortais, são testes do grande conflito. Não cessaram as conseqüências das invasões e bombardeios: bandos famintos erram pelos caminhos e não podem transpor os postos de certas fronteiras, onde expulsos pela fuzilaria, abandonaram casas e plantações. Em cidades imensas, chamariz das hortas batidas pela intempérie, erram milhares de sem-teto, de sem-emprego, de sem-alimento e sem-roupas: abarrancam-se nos morros, em caminhões adernados e aguardam as horas para os assaltos noturnos. Não para matar, esbordoar, e sim para atenuar a fome. Os filhos arrastam-se em nudez, à retaguarda dos barracos entreabertos, às escadarias dos templos; ou mendigando restos nos hotéis e arranha-céus.

Pragas de gafanhotos devastam os trigais; enchentes e secas, geadas e ventanias destroem as lavouras; os produtos, à carência de transportes, se deterioram nos armazenamentos ferroviários; o intermediarismo multiplica os preços. São os petardos para o entrincheiramento interno, armando as consciências contra qualquer deliberação, que não teorize e utilize o bem geral. Não para golpes transitórios, mas para movimentos de profundidade.

Ante a congérie de perturbações, que mutilam os governos, os responsáveis escoram-se em paliativos de leis e comissões, sofismando providências em promessas e números, distantes do realismo das massas.

Há momentos de inquietação: nas ruas, em surdos vozerios de protestos, fremem barricadas revolucionárias; as multidões lembram reservas esfaimadas, que esperam uma chamada para marchar sem uniforme. Marchar para onde for comandada, talvez sem direção. Marchar seja para onde for, para qualquer caminho, desde que fulgurem flamas de liberdade e melhoria de vida.

1792 começa a cantar nas praças públicas e nos campos: são os clarões da Idade-Nova, incendiando os horizontes para a libertação do Homem.

VI

Ela despertará em harmonia radiosa, apesar de tantos sentimentos desencontrados e tantas angústias sem remédio, se os homens reagirem às ambições corvejantes e cederem ao bom senso, em defesa de todos. Superados os descontentamentos internos por atos de brandura, cairá sobre o povo a obrigação de resistir ao mal, fraternizado por medidas de prudência e salvação comum. Irradiará a justiça social, como um sol de assistência e perdão, atenuando as lutas de classes, acalmadas a solução dos seus problemas vitais.

Processar-se-á lentamente a evolução para essa padronização de atividades, ganhando cada um o pão com o suor do seu rosto, ou o filtro de sua inteligência, sem exploração do homem pelo homem.

Assistência para todos, remuneração condigna para todos, privilégios para ninguém, monopólio para ninguém, favoritismo para ninguém. E raiará a alvorada cristã, demorada e sem sangue. Sem esses entendimentos, convém reler São Marcos, nos trechos do capítulo XIII:

"E ao sair Jesus do Templo, disse-Lhe um dos seus discípulos: olha, Mestre, que pedras e que construção! E respondendo, Jesus lhe disse: Vês todos estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada. . . Porém é preciso antes que o Evangelho seja pregado a todas as Nações. . . Então, um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho; e os filhos se levantarão contra os pais e lhes darão a morte".

É a palavra sobre a ruína de Jerusalém. Poderá estender-se ao mundo e ser a ruína do mundo, enlouquecendo coletividades e povos.

As lavras dessa transformação escorrem subterraneamente a indivíduos e classes, atiçando as labaredas candentes do ciclo econômico-social, cujos calores irmanarão as criaturas, finalizando a divisão entre ricos e não-ricos, miliardários e escravos da gleba.

VII

Mergulhadas nos abismos da inquietação, as gerações modernas, aos influxos de duas guerras, estonteiam em dispersões subversivas,

como numerosos cardumes, que se espalhassem a dispersão de dinamites e errassem os esconderijos entre pedras e musgos.

Voluntários e reservistas foram dispensados dos empregos, dos quais se afastaram para a mobilização, e esmolam nas ruas; fábricas reduziram as horas de tarefa, sob o imperativo de salários aumentados, gerando o inflacionismo; órfãos erram pelos arrabaldes das grandes urbes, corpos expostos pelos rasgões de vestidos andrajosos. Patrões anunciam o fechamento das usinas, cessando aquisição de matérias-primas; lavouras e extrativismos restringem ao mínimo de produção; roceiros e marginais invadem as cidades, aboletam-se nas favelas sem profissão técnica, em carência de trabalho pelos próprios regulamentos trabalhistas. Perseguir irmãos do mesmo sangue, arrojar milhares de braços à fome, fechar escolas constituem programas de governos.

Relaxa-se a disciplina nos templos, nos departamentos oficiais; pais, sacerdotes de vários credos, professores provocam risos de mofa mesmo quando silenciam as idéias.

Só os uniformes militares inspiram ainda relativo respeito, pelas forças incisivas das armas e insígnias da corporação. Guardas magros, com pistola e metralhadora às ilhargas, impõem mais disciplina que monges encanecidos: o brado de ordem suplanta a lógica do sermão.

As normas da amizade, que irmanaram criaturas de outras épocas até o sacrifício, desaparecem às primeiras manifestações de interesse. A moeda antes do sentimento, a posição antes da gratidão. O egoísmo acima da coletividade, o eu acima do grupo.

Esse, o panorama sombrio; esse, o fermento da dissolução; esse, o estopim, que poderá acender o facho para as detonações.

Salvaram-se os redutos rurais, as poupanças dos lares sertanejos, das conquistas sócio-religiosas, defendidas a ferro e fogo. Também se amoleceram, à pressão de tantas angústias, e se esvaem na mesma queda e para o mesmo precipício.

Procissões e outros atos passaram a ser, em certos momentos, carnavais da liturgia; feriados e dias santificados servem para as licenciosidades e a desenvoltura.

São os resultados de duas guerras, pesando nos ombros fatigados das gerações, que pretendem libertar e libertar-se por uma renovação de princípios, mas executados em prazos fatais e intransferíveis, em ambientes de paz ou pelas revoluções, sujeitas ao sangue e ao fogo, ou, ainda, por governos de exceção.

Não poderão resistir, por muito tempo, essas oscilações, em que ninguém sabe como amanhecerá no dia seguinte. Nem se resolve o impasse sem ação construtiva: acusações pouco resolvem, embora corrijam, se provadas. Todos são culpados, em gradações de culpa, porque todos pertencem às mesmas épocas de transição e transformação.

Salvam-se sem culpa, somente as crianças e os justos.

VIII

Esses anseios de renovação, desenvolvidos estoicamente no tumulto de todas as horas, não induzem e conduzem os verdadeiros líderes dessas gerações às vitórias pelo sangue.

Não se consideram verdadeiros líderes os que tal se intitulam, os que pretendem subir ou triunfar, pregando ou praticando a chacina, a humilhação e a violência.

Esses, dementados pelas paixões corrosivas, arrastam-se nas babas do ódio, como os sáurios sedentos: não acenam as flamas coletivas, mas o interesse individual e os interesses insuflados pelo egoísmo; não auscultam as aspirações populares, não lhes pressentem os objetivos, mas exploram as massas, como uma jazida de paixões. Retroagem aos processos medievais de execrações e vinganças, improvisando valas de separação entre os grupos; o poder, embora transitório, é uma clava de extermínio.

Ora, somente pode considerar-se guia, condutor de pensamentos e sentimentos, quem tenta adivinhar e coordenar forças invisíveis e deflagrá-las no momento preciso, em benefício geral.

Verdade seja que, por muitas vezes, aproveitando as correntes e os ímpetos das multidões, conseguem apresentar vitórias, que, entretanto, sem profundidade em problemas vitais, se desarticulam aos primeiros embates.

Esse é o aspecto mundial, porque, em realidade, o homem quer a paz, somente a paz, com o fim de viver com segurança, sem retaguardas belicosas, para que se firme a paz de todos e não as ambições de pequenos grupos.

A supremacia de grupos eivados de exclusivismos pressupõe o aparecimento de outros grupos, em rodízios caudilheiros, à maneira de

certas nacionalidades jovens, sem alicerces históricos, que não se orientam em rumo de bússola, por onde terão de caminhar.

Esforça-se o advento de governos de igualdade entre os homens, em que, na medida do possível, a lei acoberta os cidadãos, em suas malhas protetoras. Leis de feição protecionista, carreando a pobreza das maiorias para a riqueza das minorias, perdem as prerrogativas de lei.

Há, certamente, vacilantes motivos históricos, em que os megalômanos tentam explicar a superioridade de suas pátrias com o esfacelamento das pequenas pátrias, apegados aos tabus sofismáveis de idiomas e de raças. Repete-se a mesma experimentação totalitária, inadmissível nestes dias.

Confunde-se governo forte com leis fortes, suprimindo as manifestações livres de pensamento e religião. Para essa supremacia, para a qual são votados orçamentos fabulosos e criminosos, em detrimento das necessidades reais do povo, esquecem os dias que vivemos e retroagem a ciclos de subversões e rapinas.

IX

As supremacias das pátrias, fugindo às defesas peculiares aos limites e ao respeito às aspirações do povo, não encontram bases concretas que sugiram ou expliquem novas guerras. Só se admitem acordos de acautelamento, nunca de agressão. Votar orçamentos fabulosos para o saque de nações inermes, em detrimento de hospitais e escolas, rodovias e órgãos culturais, é menosprezo e desafio à vontade e à

súplica incessante das massas. É um retrocesso às horas que vivemos, uma volta aos séculos das rapinagens legais.

O veto às aventuras de sangue irrompe das multidões das cidades e campos que, ainda feridas em seu direito, limitam os protestos a greves silenciosas, justificadas pelo encarecimento da vida. A cortina de ferro contra as guerras ergue-se em cada país. Greves contra o encarecimento, a desunião, o monopólio, o assalto, em nome da democracia. Jamais greves de conquistas, de invasões, de incêndios e destruições.

Deve-se meditar, por outro lado, que os militares, embora à margem de competições políticas, são sentinelas do regime e não constituem forças irresponsáveis: reconhecem, em primeiro lugar, os direitos do povo. Nada contra o povo, nem contra os povos que vivem em paz.

São atingidos também pelos nós do encarecimento, e com a agravante de não fruírem folgas para outras atividades reprodutivas, como em certos quadros civis. Afigura-se precária, por essas razões primárias, a convicção de que, automatizados por alguns clarins, empunham fuzis e granadas cegamente para trucidar os irmãos que lutam pela fraternidade humana e mantêm os órgãos econômicos da Nação, nos campos e nas usinas. Com heranças e mutilações de guerras, aferem, mais do que muitos, o valor da fraternidade e do respeito humano.

Arregimentar-se-ão contra a desordem, a iniquidade, a insegurança; as armas detonarão contra a tirania, onde estiver, e contra o atentado à tranqüilidade do povo.

Talados no sofrimento, os cidadãos, armados ou sem armas, não desejam invadir terras agricultadas e destruir templos; aprenderam, com os exemplos do sangue, que as bandeiras acobertam homens livres, capitais libertos, usinas socializadas pelo trabalho, e não as transformam em feudos odientos, que justifiquem atentados à miséria proletária e ameaças à autonomia de estados fracos.

Sem essas garantias, as conferências e as mesas redondas são trabalhos para mercadejar a falência das coletividades, a inércia do direito e o funeral das nações, que não se iludem com os sonhos promissores da Carta de São Francisco e a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Campeia a mesma desconfiança na vida interna das democracias em crescimento: ferem-se as leis, desrespeitam-se as instituições; os partidos políticos, colunas de arregimentação e educação, fogem aos estatutos e os seus responsáveis, prejudicando as instituições, aliciam grupos contra os companheiros, forjam dissidências, emaranham-se às adesões fáceis, atrelados aos carros dos triunfadores, na mais desoladora demonstração de incultura republicana e menosprezo popular.

X

Não pode falar em liberdade, nem inspirar consideração quem, ao citar o seu nome, se restringe aos próprios egoísmos; não pode falar em liberdade quem não respeita a liberdade e o patrimônio moral do seu próximo, por mais humilde, mais fraco e mais perseguido. Não é

apanágio da sânie às fauces das hienas, da lama arrancada à sarjeta, arremessada aos caminhantes, mas o resplendor que deriva da Cruz, numa hora sagrada, em que, novamente, "se pintam as paredes do templo", entre trovões e raios, e ela ressurge em bênçãos estelares por todos os povos e todos os homens.

A conquista desse prêmio divino tem conduzido as criaturas em procissões alucinadas, desde a imolação solitária pela prece até o desencadear das energias nucleares

As nacionalidades, como as sociedades, preparam-se para assistir às surdas ameaças dos incontentados.

São inúteis, entretanto, os desenfreios e o açaimo dos imperialismo externos e internos que, perdendo a escravidão negra e a escravidão amarela, tentam novas formas de escravidão branca pelas explorações do colonialismo industrial e agrário.

Liberdade é disciplina dos sentidos e dos instintos: foge dos que não se disciplinam. Só os disciplinados podem disciplinar. Liberdade de pensamento, de religião, de conduta, liberdade de ação, de trabalho, de cultura, liberdade eterna do espírito, enquanto as mãos se endurecem nas galés, pela liberdade do espírito nas prisões injustas e falta de liberdade no homem aparentemente livre, que a imolou por excesso de poder e domínio de sentimentos ancestrais.

Essa liberdade é um clarão da Idade-Nova, o seu mais intenso clarão, e, pelo seu advento, jorrou sangue e sofrimento por mais de dois mil anos. O terceiro milênio anuncia-se nesses postulados evangélicos.

Esse advento exigirá ainda a imolação de milhões, nas batalhas espirituais. Haverá o convênio da violência e da não-violência, – bombardeio nos céus e na terra, nos mares e nas profundidades, e a resistência sombria e invencível dos pacíficos, na tessitura do Ciclo do Evangelho.

Aqueles desaparecerão em torrentes de ferro candente, esmagados no mesmo minuto da deflagração, e os outros terão de atenuar ímpetos humanos, ainda vergastados nas faces. Sairão fortes, caldeados pelo fogo, e olharão os adversários com tolerância construtiva, como transviados que vagassem à solta pelas ruas, arremessando balas e pedras contra os transeuntes pacatos.

A liberdade do Terceiro Milênio exigirá provas de resistência e abnegação: preparam-se milhões para morrer; preparam-se milhões para os vandalismos deflagrados pelos detentores dos últimos apocalipses.

XI

Quando as incompreensões religiosas se repartiram, – cada seita imbuída pela tentativa de ser a proprietária da razão –, Teu Nome, Jesus, serviu de motivo para evitar ou propulsionar novas conflagrações. Somente as forças religiosas contornaram os impasses virulentos para o regresso aos alicerces de um mundo bárbaro.

Nenhum cedia, nem o Oriente, nem o Ocidente; nem o mundo grego, representando Roma, nem o mundo islâmico, representando

Constantinopla. Foram beber alívio e inspiração em Teu Sacrifício, embora o exemplo do Sacrifício não impedisse e coordenasse as catástrofes das legiões com fome e sede. Fase de domínio sobre os fracos e, consequentemente, de sangue para cimentar esse domínio.

"Jesus é a terceira pessoa do singular de um verbo semítico e Cristo é o particípio passado de um verbo grego. O duplo nome atesta que o Cristianismo nasceu neste mundo para o envolver de ambas as culturas". (Arnold Toynbee).

Enovelam-se os tempos, as idades históricas, impulsionadas pelas guerras, e não se executa aquele sonho sobre-humano. Após dois mil anos, surgem os mesmos anseios, em dilema fatal, – a paz com a paz, ou a paz com a guerra, mas, em sofrimento maior ou menor, sempre a paz, condição e alvorada do Terceiro Milênio.

"Teu Nome, como naqueles idos, vem conjugar o Oriente e o Ocidente. O greco-romano e o hebraico-islâmico. O saxônio e o moscovita. Em meio a esses embates, o Continente Americano, representando a civilização nova.

"O próprio islamismo ainda é criação do Ocidente, que os mongóis aproveitam para arremessar contra as trincheiras ocidentais". (Toynbee).

Criação cega, sem energia encadeada contra os que não cedem e não compreendem. Vários são os caminhos e somente Deus sabe quais os

desígnios máximos para executar o programa da salvação humana, em experimentação durante muitos séculos.

Uma catástrofe não salvaria nem o Oriente nem o Ocidente: aniquilaria as forças e o orgulho dos dois. A Idade-Nova surge apesar de tudo, da fraqueza e desorganização dos mundos, dos mares revolvidos em atóis lamacentos, onde os homens, os que restassem, se arrastariam em ruínas.

Homens ou sáurios desfigurados, fruto do holocausto dos novos tempos.

XII

Repete-se a palestra entre o Forasteiro Divino e Cleófas, na estrada de Emaús.

Apareces, Mestre Visível e Invisível, em todos os caminhos e veredas:

"Que significam estas conversas, que trocais entre ambos pelo caminho e por que estais tristes?"

Mais do que tristes, milhões se arrastam em desesperos e insatisfações. Alvoram um gesto de salvação. Os discípulos do convite de Emaús ouviram a Tua Voz. E nós A ouvimos, e ouviremos, nesta hora suprema, que é fatal Hora-Sexta. Vemos em todas as massas, que repartes o Trigo sagrado, florindo nos textos do Evangelho.

Em meio à perdição universal, em meio ao transvio nas babéis das ambições, caminham os novos discípulos de Emaús e há sempre um Cleófas piedoso, que responde às interrogações. Não as ouvem, certamente, os felizardos do ouro, os bêbedos do materialismo milionário, os poderosos do câmbio, nas casas de diversões, nos carnavais, nas noitadas de devassidão. Esses já encontraram sua ilusória felicidade, fruída nos sentidos e na incredulidade.

Escuta Essa voz e sabe interpretá-La um monge pobre, Abade Pierre, em Paris, enfermo e num catre, abalando milionários e parlamentos; sabe interpretá-La, e escuta essa Voz, Pietro Ubaldi, no misticismo empolgante da Umbria, traduzindo-o em páginas imortais.

Os discípulos de Emaús, aguardando a voz de comando, espalham-se nas cavernas, nas florestas, nos aviões, nos conventos, templos e universidades. Essa é a luz joeirante que iluminará o mundo.

Por que morrer sob o ódio, para justificar a ficção de felicidade para reduzir número? Por que a supremacia em proveito dos poderosos, que ficarão à retaguarda para discutir a paz entre milhões de mortos?

A guerra pela paz, sim; a guerra pelo imperialismo, jamais. Surgirá, assim, a Idade-Nova, joeirando a verdadeira justiça, entre tantas falsidades, e a verdadeira liberdade, entre tantas misérias.

XIII

Porque a "hora de espadas e varapaus" vai passar e não passou o "poder das trevas";

porque rugem os trovões das bombas de hidrogênio, das granadas, das explosões, prenunciam os clarões da Idade-Nova, cessando a escravidão do homem pelo homem;

porque os disfarces do Direito, através de leis confusas e incumpríveis com o fim de solapar a dignidade humana, serão substituídos pela Verdade;

porque muitos séculos de sacrifícios bastam para argamassar o bem para os humildes do Terceiro Milênio;

porque, escutando os ritmos inconfundíveis dessa Idade, as nações começam a entender-se, ouvindo as vozes dos seus jurisdicionados, convictas da inutilidade de declarações de novas guerras;

porque a Liberdade não servirá de degraus de escalada aos maus, aos que se utilizam do seu nome para denegrir os dias em que vivem;

porque celebraremos todos os sacrifícios por essa vitória, – vitória dos humildes, dos bons, dos pequeninos, que também têm direito à vida;

porque Ele virá novamente multiplicar os pães, ameigando, Solitário, as sarças do espírito humano;

porque, em verdade, os discípulos de Emaús ouviram a Tua Voz, interpretaram a Tuas Palavras, e as levarão, como forças da Idade-Nova, pela qual vivemos, em Ti e por Ti, Jesus!

Assim seja !

X

Sal e Sol

Sal e Sol

I

– "Vós sois o sal da terra.

Se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar?

Para alguma coisa ficará servindo, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens". (São Mateus, cap. X, 13).

– Vós sois a luz do mundo. (São Mateus, cap. X, 14).

– Transfiguram-se dentro dele.

"E o seu rosto fica radiante, como o Sol; e as suas vestes fizeram-se brancas como a neve".(Idem, cap. XIII, 2).

"E logo depois da aflição daqueles dias, escurecer-se-á o sol e a lua não dará a sua claridade, e as vertentes do céu serão abaladas". (Idem, XXIV, 29).

Sal da Terra, Luz do mundo – falava Jesus, dirigindo-se ao homem. Sal da Terra e Luz do mundo, dentro dos princípios emanados do Evangelho.

Para além desses princípios cristalinos, entregue às contorções do egoísmo, perderá a força, será lançado fora e pisado pelos viandantes.

Luz do mundo, sal do mundo, à sombra do Mestre. Sem essa imensurável Sombra, tombará o Sol, cairá a Lua, os céus serão abalados.

Nem sal, nem Sol, nem vida !

II

Em Tua visão do infinito, definiste o homem, pequeno e pobre, com os termos de maior potencialidade, existentes nos idiomas, compreensíveis à sua inteligência, – és o sal da terra e a luz do mundo, síntese de oceanos e sal de universos, sal e sol!

Um não pode dominar sem o outro: confundem-se para gerar a beleza e a força, unem-se para conduzir o espírito, na rapidez de sua passagem pelo organismo.

O sal evita a corrupção; a luz revela essa mesma corrução. Um surge em gotas que se avolumam em dunas, alvejando as praias; o outro abraça o mundo, entornando calorias nos pontos mais escondidos. O sal corre no sangue; o sangue corre para fortalecer o cérebro, onde se asila o sol.

És o sal da terra e a luz do mundo.

E. avisas logo, prevenindo enganos: perdendo força, será pisoteado pelos homens; na aceitação do mal, o sol se escurece, e vence a treva. O homem, que é um pequeno mundo, será fragmentado em nebulosas, perdendo a sua unidade para imergir no vácuo. Não compreende os sortilégios do sal e do sol, os benefícios das imensidades, nos oceanos e nos espaços. Fecha o espírito às emanações, que lhe deste, consubstanciado naquela síntese prodigiosa.

Nem é sal, nem é sol, nem é luz !

III

O sal e o sol são fontes, que derivam de um rio encantado, ouro que desce constantemente de uma cordilheira divina, – o Evangelho. Não é preciso tocá-las, basta segui-las. Não necessitas comentá-las diariamente: basta que sigas a sua inspiração suprema e única, projetadas das palavras do Mestre.

Lendo ou seguindo esses ensinamentos, Jesus, parecemos ouvir a sonoridade de Tua voz.

Parecemos ouvir, sonhamos ouvir, ouvimos realmente. Nossa frágil imaginação busca sintonizar as partituras dos ventos, musicando planícies e montanhas, improvisando sinfonias nas cristas das ondas e no bojo das nuvens.

Porque os sentimentos não humanos não puderam ainda sintonizar essa Voz, porque as orquestrações mais puras não podem definir os seus ritmos.

Mas nós os percebemos, quando os corações estão voltados para Ti; estão voltados quando Te evocam e resistem em fé, quando se abstêm de egoísmo e orgulhos.

Quando abençoamos os pequeninos, quando abraçamos os humildes, quando não ferimos os subordinados, quando sabemos desculpar e perdoar, quando sabemos o que é servir.

Nesses momentos valemos sal e sol, ouvimos Tua Voz, Mestre de todos os instantes !

– "Aquele que não ama permanece na morte. Quem odeia seu irmão é homicida. E sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si". (São João, 3-15).

IV

A luz imortal origina-se do sal e do sol, espelhados em teu ser, circulando em teu sangue, volatizando-se do teu espírito ! Sem as suas irisações, imergirás na escuridão sem ver, sem ouvir, sem sentir !

"Os teus olhos são a candeia do teu corpo.

Vê, pois, que a luz, que está em ti não seja treva". (São Lucas – II – 35-36).

Afasta-se quando também te afastas dos dísticos divinos, quando esqueces as frases de Sicar, de Samaria, de Genezaré, quando não ouves, batendo nos ouvidos, os suspiros eternos na marcha para o Calvário.

Ai de ti, quando ficas surdo a essas vozes misteriosas !

Ai de ti, quando fechas os olhos às palavras do Evangelho do Mestre !

Ai de ti, quando tiras o pão, quando semeias a fome, quando persegues e blasfemas, pensando que o gládio da justiça é um facão de cangaço !

Escondes, nas forjas da perdição, forças nucleares, que poderão siderar a tua própria vida, não esta vida de poucos anos, mas a vida através de mundos e intermundos.

Porque a porta estreita se trancará a teus passos, porque a espiral ascensionária ficará sem degraus ! Caiu em poeira o teu mundo interior, – desertos desolados cobertos de cinzas, sem possibilidade ou indícios de ressurgimento, se não volveres às pressas à estrada inicial, se não receberes a misericórdia da estrada de Damasco.

O sal encontra-se a teu alcance, em salinas infindáveis; a luz, misto de sol e luar, paira à tua frente.

Ambos fortalecendo, ambos iluminando, ambos redimindo para o eterno Caminho !

V

Dirás, blasonando orgulhoso: não serei lançado fora, não serei pisado pelos homens, não cairei em trevas.

Quando pronunciaste tais conceitos, ou quando estes esvoaçam em teus pensamentos, como negras asas invisíveis, já estavas fora da verdade da vida, já estavas sendo pisado, já te encontravas em intermináveis noites polares.

Quando pensaste assim, já te desintegraras da bondade, que irmana e imanta as criaturas.

Quando agiste assim, já estavas nos tórculos do egoísmo, materializado para a vida imortal, sem consolar e ser consolado.

Aceitaste os mandamentos rubros do mal para caluniar, chicotear, humilhar, esquecido da eternidade do bem pela transitoriedade de ambições e vinganç.

Caíste em blasfêmia, no esbravejamento, na sem-razão, nas malhas do egoísmo, julgando todos abaixo de ti. Tremes nos apertos da cólera, extravasando vinditas contra os pequeninos; julgas os serviçais teus escravos, foges às responsabilidades decorrentes dos superiores atos da existência.

Perdeste o sal e o sol.

Não podes absorver a luz, porque confundiste, – luz verdadeira com os clarões sociais e mundanos.

Tua cabeça gira em torno de infantilidades, passadas e presentes, e fraco para a libertação, não entenderás o isolamento dos fortes na prece por Jesus e para Jesus.

VI

Fugiste ao sol, perdeste os grânulos de sal ao vento. Esqueceste o Evangelho. Olvidaste os irmãos que emagrecem nos catres, nas esquinas das ruas, mendigando e chorando. Julgas quando não podes julgar, prendes quando não podes prender, presidindo tribunais contra inocentes.

Pensas calar o remorso, dando esmola de alguns cruzeiros, entre sorrisos de falsa caridade, desviando os olhos do mendigo.

Essas moedas não te serão creditadas. Esmola, em sentido geral, é moeda à-toa ou vã palavra, para justificar eclosões virulentas. Nas farras, em que se bebem milhões, em jorros de champanhe ou de uísque, alguém se lembra de correr uma bolsa para os desajustados. Uma esmola para os que se encontram nos sanatórios, nos cárceres ou nas ruas.

Esmola? Não pagas sequer os juros do que deves a esses humildes gloriosos. Tuberculinizaram-se por ti nas oficinas, seus pais morreram em acidentes de trabalho, com as mãos decepadas, a vista perdida, os pulmões comidos. Bebes, em duas taças, o salário de mãos decepadas em meses e anos.

Onde esmola? Risque-se essa palavra, que enodoa os arrostos sociais. João Batista, se redivivo em sangue, vibraria em anátemas fulgentes e candentes, mais do que seus idos bíblicos.

Quando muito, um remuneração, uma explicação aos vencidos e repudiados, – "não me esqueci de ti !"

Esqueceste as dúvidas comuns, porque te lembraste apenas nessa hora de desvairamento, em que as almas se escondem, cobertos de opróbrios, e os corpos se desnudam, retornando aos triclínios pagãos.

VII

– "Vós sois o sal da terra
Vós sois a luz do mundo !"

O sal e a luz sorvem o combustível na caridade, mas na caridade do altruísmo: esmola é humilhação, altruísmo é elevação; esmola decorre da cédula atirada ao esmoler, com as pernas expostas para exibir as feridas e provocar a piedade; altruísmo decorre da alma para a alma dos teus semelhantes.

Esmola é tentar iludir a consciência em um gesto de rua, publicado no jornal; altruísmo é não dormir e não almoçar bem, quando se pensa no vizinho com fome, numa criança com os olhos arregalados e vestes em farrapos. Esmola é exibição, indiferente nos clamores das almas em desesperos. Altruísmo é compreender essas almas, dizer-lhes que todos estamos sujeitos aos mesmos tormentos, aos mesmos erros, e que nenhuma consolação existe fora dos ensinamentos do Mestre.

Contribui para os berçários, para as mães desajustadas, para os orfanatos; estende o manto de misericórdia aos que estão com frio, no abandono e na degradação.

Mais: se podes, se sobra do teu prato ou do teu bolso, leva um órfão para tua casa ou um colégio. Alimenta-o, veste-o, educa-o. Lembra-te que não tem pais. E não leves jamais ao seu rosto ou dos transeuntes o bem que estás praticando.

Serás, assim, um protetor na família espiritual, às vezes mais poderosa do que as famílias de sangue.

VIII

Cada criatura, mesmo a mais próxima de ti, é um mundo em miniatura: observa-a cuidadosamente, porque não a conheces bem. Há

recantos e rudezas, conflitos e sentimentos irrevelados. Sorri e está preparando golpes e traições. Pronuncia frases encomiásticas, simula atenções, e, no mesmo dia, pratica atos que as desmentem. Observa-a bem, cala-te ante os seus ímpetos, e jamais cedas ao seu domínio ou escravizamento.

Principalmente, quando verificares se age sob as contorções do ódio. Demonstra, nesse momento, o que representa perante a vida. Não deves vacilar; traça os rumos do teu destino, praticando sempre o bem, sempre inflexível às imposições, partam de onde partirem, partam de um gesto ou uma carícia. E maior cuidado quando te exigir o mal, a vingança, a compreensão dos teus semelhantes, quando não tem piedade dos que sofrem e lutam. Não discutas, não grites, mas não cedas um segundo. Poderás desencarnar daí a pouco, e eles ficarão sorrindo ou chorando, nas tempestades do seus desesperos.

Porque retrocederias em tua evolução, levando cargas do mundo, e ninguém tem o direito de sacrificar a tua consciência, abastardando rudimentares princípios de caridade.

Observa, age e reage. Sem violências, sem precipitações, sempre cordato e bom, sempre humilhado e calado, certo de que estás mitigando os desesperos alheios.

Encaminhar esses transviados para o bem é tua razão na vida, mas encaminhá-los sem imolar a ninguém.

Ela compreenderá, mais tarde, a caminhada dentro do Evangelho, entre o sal da terra e a luz do mundo.

IX

Quantas vezes não tens silenciado ante as explosões de ódio, quantas vezes não estás sentindo a simulação e a falta de humanidade !

Quantas vezes não falas em caridade, e não estendes o auxílio às criaturas que se acabam com fome, sem uma rude e derradeira esperança, tombada num leito escuro !

Quantas vezes não pregas a liberdade e esqueces a liberdade dos teus semelhantes, estrangulando os seus idealismos, esmagando-lhes o destino, simplesmente pelo prazer de estrangular e esmagar !

Praguejas, escarras em teu irmão, e, no dia seguinte, exiges a sua presença a teu lado, na mais flagrante manifestação de maldade !

Vives do seu suor, bebes o seu esforço e vociferas contra a alimária humilde presa ao carro que te conduz, ferindo-a com alicates de ferro.

Ela, sangrenta e vilipendiada, cala-se e te deseja o bem. Considera-te um espírito fraterno, embora afastado e obscurecido pelo ódio e pela felonia; pertences aos obsedados e aos "espíritos imundos", que rolam para o mar. Sorri em divertimentos, gargalha em horas alegres, enquanto o teu irmão atravessa noites de insônia, rezando por ti.

Deixa-o em plena liberdade, que é tudo para ele, sendo nada para ti. Deixa-lhe a liberdade de servir, de seguir o seu idealismo, embora abrindo as comportas materiais da moeda e do conforto.

A Liberdade, para ele, é sal e sol!

X

– "Vós sois o sal da terra.

Vós sois a luz do mundo".

O sal e a luz surgem ou fremem nas expressões do teu egoísmo, que te distancia da iniciação para a vida superior, para a qual perdeste a força e os olhos.

As aparências não iludem mais: estão morrendo para as ondas imortais do espírito.

Tudo é falso em ti. Queres que o espírito obscuro se adapte às conveniências e renegas a verdade. Sentindo o acicate das injustiças, cego e surdo às realidades, cedes algumas vezes, não por bondade, mas pelo medo de futuros remorsos.

Pagarás, por essas indecisões, nas estradas sombrias, onde os pássaros não cantam, porque os expulsam exatamente nestes dias de asceses do coração.

Sem sal e sem sol, traças em teu mundo interior, refeito de cintilações da altura, uma invencível separação.

Que importa estejam prósperos os organismos, nos aspectos físicos, se o espírito paira longe, bem longe, habitando esferas prodigiosas, perdido nas distâncias e no tempo?

Procura cingir o destino à iluminação da caridade, não sacrifiques o caminho material, que dá para a porta estreita.

E respeita o silêncio dos ofendidos, quando os insultas, porque esse silêncio ainda é uma prova concentrada em teu favor dirigida ao Mestre Supremo.

XI

Sonho estes conceitos em manhã nevoenta, sem o sol e sem o sal da terra, perdido nos infinitos e nas profundidades do espaço, com o sol e o sal dos céus. O avião corta o azul, a cinco mil e quinhentos metros, dominando as distâncias enormes, onde pelejam multidões alegres ou aflitas.

Uma prece entre as nuvens e a estas alturas, distante do bulício humano, está mais próxima de Jesus, pela própria intensidade do pensamento. Tempo calmo, embalado por ventos sem ameaças, que varrem carinhosamente as nuvens para longe.

O avião parece saltar entre as pontas das formações brancas, revolvidas pelos motores, no anseio de velocidade.

Nestas imensidades, como nos recantos das florestas e dos mares, no isolamento de um campo ou de um aposento solitário, é que Te vemos melhor, Senhor ! Distante do barulho das massas, dos salões e das ruas, pareces estar ouvindo melhor os nossos anseios.

E nessa prece se alteia pelos que se angustiam nas aperturas do mundo, pelos que olvidam os arremessos da vida, cujo fim está perto, hoje ou amanhã, amanhã ou neste instante.

Procuramos sentir as palavras divinas. E parece ser uma partícula do sal da terra e a luz do mundo para distribuir a todas as criaturas, distribuí-las a quantos nos julgam inimigos e dizer-lhes que, somente pela bondade, conseguirão ver-Te, Mestre dos Mestres!

XII

Assim como o sal mantém a defesa contra a deterioração, o pensamento puro, banhado de generosidade, te conduz às altas esferas da iluminação: assim como o sol espanta as trevas nos caminhos, a idéia pura, liberta de misérias, te impulsiona às formas imateriais da vida.

Vem procurar o sal, vem receber o sal, nas estradas certas, em que engatinhas os passos para o desenvolvimento !

Vem banhar-te às suas gotas, plenas de elevação e caminharás para a Eterna Bondade !

Nenhuma conquista maior, nesta hora de preparação para a libertação do que semear a paz, não trucidar a liberdade alheia, não impor sentimentos, sob falso pressionismos.

Nenhuma conquista maior do que dar sem procurar receber, do que sacrificar-se sem esperar recompensas; nenhuma vitória maior do que olhar-se para dentro de si mesmo, ter a consciência de ser nada, saber o nada do seu valimento; nenhum triunfo maior do que estender as mãos a todos os transviados, todos os enfermos, todos os que se consideram inimigos.

Esta passagem é tão rápida !

E o grande erro é supores demorada essa passagem, entorpecido na glória vã do mundo !

Purifica a tua vida com sal e sol, defendendo-a contra os assaltos da ambição e de abismos insondáveis.

XIII

Porque "Vós sois o sal da terra";

porque "Vós sois a luz do mundo";

porque será sal e sol, se beberes as suas irisações nas fontes eternas do Evangelho;

porque chegou o tempo de arrancá-los aos ventos e aos mares, a fim de que o mundo não retorne ao caos;

porque, sem compreender as palavras do Mestre, jamais serás sal e jamais serás sol, e, perdendo a força oriunda do Evangelho, "já estás sendo lançado fora e pisado pelos homens";

porque, esquecendo Jesus, o sol desaparecerá e cairá a escuridão na Terra;

porque, para evitar esse declínio, deves imergir na Bondade, lutar pelo Evangelho, uma luta dentro da luz, vencendo em Jesus!

Assim seja!

XI

A Hora - Sexta

A Hora-Sexta

I

Parei ali, naquele recanto da cidade e da baía em festas. Flâmulas coloriam os ares, agitadas como línguas de cada país, representando as nacionalidades cristãs. Quatro séculos de história brasileira desfilavam. Milhares de vozes retiniam, coordenando os anseios de milhões, dispersos nas planícies e nos antros do mundo.

Cânticos e súplicas erguiam-se em vários idiomas, vivos e mortos. Refletores astravam os horizontes, fraternizados às cintilações das belonaves nas águas em tropel. Hosanas e lamentos perdiam-se no infinito. Comungavam, nos gestos sacerdotais, o Oriente e o Ocidente. Cardeais com vestes suntuosas e sacerdotes com batinas poídas, empoeiradas nos sertões. Hora das solenidades demoradas e das liturgias, ao fulgor de ostensórios de ouro, em torno ao Crucifixo magro, entre flores e luminárias. O mundo arrependido não se redimiu, no pranto de vinte séculos, do crime contra o Grande Inocente.

Ali radiavas, Mestre Supremo, nos entendimentos das crianças e das multidões.

Parei de novo num meio-dia, quando o anfiteatro estava quase deserto. Raras pessoas, entre a terra avermelhada, revolvida pelos ventos, à sombra das árvores. Pedras agudas das construções feriam o espaço; as vagas, como milhares de bilros, teciam rendas e ofertavam hóstias de

espumas. Fechei os olhos em oração, evoquei-Te, em minha miséria sem fim. Os céus transfiguravam-se, povoando-se de iluminados e santos que Te seguiram os passos. Ali Te encontravas, não no altar vazio, mas ensinando à beira-mar, caminhando na Judéia, sentado à borda do Poço de Sicar. Como na fuga de Santo Hilário às massas errantes, as estradas estuavam em rosas, atestando a Tua passagem divina. Não Te isolavas nos altares, nos monumentos, nas fulgurações. Resplandecias para os humildes e os humilhados, os perseguidos e os resignados.

Prometias a água-viva, que flui para a eternidade; realvorava, dois mil anos depois, a Hora-Sexta, esperada pelo mundo !

II

. . . "Chegou pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, junto das terras que Jacó deu a seu filho José. Ora, ali havia o Poço de Jacó. E Jesus, fatigado da viagem, sentou-se à beira do poço. Era cerca da Hora-Sexta". (São João, III, 5).

Ao meio-dia, depois de percorrer a estrada da Samaria, sentaste pensativo, Senhor, aguardando os discípulos, que tinham ido mariscar provisões. Fatigado da viagem, com a fome e a sede decorrentes do tempo cálido, proferiste, em rápidas palavras, num cenário imortal, a promessa da água espiritualizada, que dessedenta para sempre.

Prometeste-a através de uma desconhecida criatura do povo, pertencente a grupos malsinados, naquele diálogo em poucas frases,

estabelecendo diferença entre a água do poço e a água do coração, entre o materialismo e o idealismo.

A água do poço escachoa em rios e oceanos, suspende-se nos ares, em dilúvios destruidores ou fecundantes, espadana nas corredeiras e nas gargantas das montanhas. Bebe-se todos os dias, na calma ou na febre, tão necessária quanto o ar e o pão.

Movimenta energias sobrenaturais, aciona usinas e conduz frotas nos dorsos verdes, esconde tesouros e jazidas. Mesmo em turbilhões, desabando nas cordilheiras, improvisa forças para enriquecer cidades e vales, movimentar indústrias e multiplicar a economia dos povos. Levanta-se em tempestades, nos braços das ventanias, defende selvas e sertões contra secas e geadas.

Bebe-se, num copo, a sonoridade dos caminhos, os mistérios das brenhas, o limo das pedras, a sedução das distâncias, de onde ela escorre, carregando a poesia das solidões para a imensidade dos mares e dos temporais.

Tudo isto, sim, mas nenhum minuto da tranqüilidade, que borbulha nas gotas da água-viva de Samaria !

Tudo isto, sim, mas nenhum remédio para os sentidos conturbados do espírito.

Meu irmão: – Tu passas pela vida, solitária ou tumultuosamente, em busca dessa última consolação, face aos desesperos em que te agitas. Inundado pelos mananciais do mundo, estiolas pela carência de uma gota no coração e para o coração.

ferido e sangrando, defende as sementeiras para amigos ou inimigos, irmãos na humanidade. E há os que não semeiam, explorando searas e pomares, cultivados por outrem, e ainda lhes atiram pedras.

– Quem plantou? A semente não estava boa. Por que não corrigiu o raquitismo da planta? Deveria responder pela aridez da terra.

De nada entende, ou tudo atrapalha, porque entende pouco. Deixa o joio entre as árvores verdejantes; não arranca as ervas de passarinho aos galhos, que celebram a glória da natureza.

Imagina-se predestinado para enfrentar os erros da criação e pensa que tem as rédeas do evolucionismo ao seu arbítrio.

Lança a culpa de tudo aos demais, – culpa de ciclone, de catástrofes, culpa telúrica dos invernos e verões prolongados.

Esses não têm direito à vida, – só ao insulto, à perseguição e à degradação.

V

Não se resolvem problemas com agressões e detrações; não se salva o barco, retorcido pelos temporais uivantes, em desatinos contra os pilotos de outros barcos, ou contra os que os antecederam no comando. Matá-los ou amarrá-los à proa, aos porões e aos mastros, praguejando contra os elementos, não aciona as máquinas e as hélices contra as correntezas, nem revira o leme para o norte e a calmaria.

Não se movimentam as velas com os ventos que se foram, cantando em selvas e campos diferentes, nem os dínamos com o óleo consumido em viagens anteriores. Não se justifica um pecado pela referência aos pecados alheios, ou alvejando os marujos a pedradas, principalmente os desaparecidos, sem forças de reação.

Nem o agricultor explica a diminuição, ou perda de safras, com a dormência do vizinho, se existe realmente, mas agindo, construindo e harmonizando. O horticultor, que assim proceder, – invectivando em vez de podar e blasfemando em vez de regar, – cairá em inércia, decorrente dos seus próprios atos. Ou tomará rumos enérgicos, ou sacrificará a estação da semeadura. Verá, então, o prejuízo do tempo perdido, as horas da embarcação sem norte, sem disciplina, com os ponteiros da bússola desviados pelas ferrugens do ódio. Muitos viajantes cairão nas águas, nadando para terra, ou em procura de outros barcos.

– Para diante e para trás! Para bombordo e estibordo! Esfria e esquenta os motores! Afasta o piloto e prende o maquinista!

O barco range, em danças torcicolantes, sem ritmos, e começa a tremer, rodando nos redemoinhos das águas e dos ventos.

Para onde irá? Ou até onde irá?

VI

Todas essas inconstâncias e violências, Mestre, porque Te esqueceram. Todo esse destrambelho dos sentidos, porque não beberam

uma gota da água-viva, que dessedenta cada criatura. Nasceu em Teu coração, jorrou com a própria vida.

Na Hora-Sexta, quando sentiste sede e pediste de beber, davas água-viva por todos os homens; a fonte perene estava e está dentro de cada ser. É só ouvir o seu murmulho, nos instantes mais trágicos: basta uma gotícula para iluminar a vida.

– Por que não vens beber essa gota, por que não cedes ao seu sabor e à sua redenção?

Podes iludir os ingênuos e os receosos com os teus delírios, mas não iludes nem mesmo aos bons que te ouvem e cercam. Nada dizem, porque não desejam falar, mas, em suas vigílias, vêem os erros e os clarões que aparecem na maior treva, apagando ou acendendo a alegria.

Olha em redor, em momentos calmos, e medita sem ressentimentos: sorri às crianças, na dupla inocência da idade e dos acontecimentos. Baixa a fronte, pelo menos uma vez, e pensa: tens prazer em plantar espinheiros e urtigas para a geração dessas criaturas, que também, poderão sofrer amanhã e sentir fome de justiça, que nasceram para viver tranqüilamente, como os demais nasceram?

Os outros seres também tiveram mães, têm filhos, irmãos, amigos. Por que atingi-los nas reservas sagradas da dignidade e da alma?

Não! Não poderás continuar nesse caminho incerto. Vibra, no esplendor de novos rumos, pontilhados de piedade cristã, arremessando esperança e confiança. Ou te consideras uma exceção perene? Ninguém conhece os minutos da suprema clarinada após longas enfermidades, no

relâmpago de um acidente ou colapso; seja qual for a idade, sejam quais forem as circunstâncias, principalmente no crepúsculo definitivo, luta e procede para que ela te surja em hinos de libertação e jamais em casquinadas de arlequins, em prêmio ao bem ou mal que praticaste.

Não poderás persistir nesse caminho, ou te perderás nas selvas sem sol. Ainda não tens sede, deslumbrado com policromias passageiras, mas poderás vir a tê-la, sem a misericórdia de uma fonte.

Bebe, sem tardança, uma gota da água de Sicar e compreende a lição da Hora-Sexta!

VII

Observa, em pensamento, as ruas das cidades pobres, em qualquer ângulo do mundo: em barracas à chuva, quadriculando salas desnudas, gira a roda implacável da vida.

Como vivem as crianças, sem rastilho de conforto? Como se arrasta o pai desajustado, sem fogo e sem pão? Como resistirá aquele enfermo sem assistência?

Eles não estarão abandonados, no final do ajuste transitório, verão o cântaro resplendente e a visão da Samaritana lhes dará um pouco d'água. Sem água e pão materiais, encontrarão, entretanto, dentro das almas, a senda eterna, rica de trabalho e liberdade. Ajoelhar-se-ão, apegados a essa esperança, que não falta aos mártires dardeados pelas iras, imolados nos cárceres pagãos. Nunca lhes faltará a fonte

recompensadora, porque, para além das contingências humanas, eles terão o milagre do Sopro Divino, que sempre orienta e transfigura, apondo a oração acima da lei e a bondade acima da violência.

Meu Irmão: Tu, que sofres e és detratado, educa teus descendentes no afastamento e esquecimento do mal, no ideário do perdão e da bondade. Não lhes transmitas a herança do teu próprio sofrimento, do ódio e da ignomínia. Os filhos dos perseguidos também freqüentam escolas: educar-se-ão, transporão os degraus da vida, na mesma proporção dos poderosos; serão juízes amanhã, poderão ser juízes dos teus inimigos ou dos filhos dos teus inimigos. Sem essa educação, quem impedirá a lembrança do mal haurido neste momento? O bem é arreio fugitivo entre seixos polidos; o mal é chanfradura em mármore ou aço. O primeiro desaparece no instante em que passa, desfeito em pérolas; o último permanece para os séculos.

Sorri, sem reações contraproducentes, e pensa: és normal e bom, errando, talvez, sob impressões do momento. Não esqueças o conselho de Erasmo, há mais de quatro séculos, em relação aos "arquiloucos", que desejam passar por sensatos humanos.

É mister guiar a juventude, entre os macaréus que esfacelam as penedias, – guiá-la na formação cultural, lembrando o herói de Cervantes, entregue aos confucionismos do tempo, sem direção e sem mestres, – "de ler muito e pouco dormir, secou o cérebro".

Ensina-a a cultivar a amizade, mesmo perdida, e a ser leal na inimizade, respeitando os acontecimentos vividos, somente revelados por

situações especiais de confiança entre os seres. Podes no escalonamento de interesses, modificar amigos e ideais. Delatar segredos do amigo afastado, porque adverso, e do partidário, porque em outros campos, é uma felonia à consciência e à ética entre os homens, em todos os tempos.

Molda-lhe a personalidade em linhas austeras; combate o personalismo. A personalidade é a afirmação do caráter; o personalismo faculta vacilações de atitudes, a fuga aos compromissos, porque traduz as manifestações egoístas do individualismo.

VIII

Conhecido é o método de imolar centenas para atingir alguns, desde as matanças de Nero até os tribunais de Nuremberg. A justiça pura flui na serenidade, e é perigoso executá-la entre o desencadear das paixões, que poderão atingir inocentes. Esmaecidas as ondas de insânia, concluem certos inquisidores quão intemperantes foram e como imergiram em situações dramáticas, originando ciclos de intranqüilidade e desunião. Esses ímpetos do triunfo apagam-se e essas manchas da história são efêmeras, relembradas apenas para efeito de repulsa e condenação. Porque não pode ser juiz quem tripudia em sacrilégios, mas o que orienta no sentido da verdade. E deixa de ser intangível, em qualquer situação, aquele que manuseia a lei para agradar os poderosos, aquele que injuria ou extravasa sânie em suas funções e aproveita as circunstâncias para exaltar os autores da infâmia.

Os atos dos injustos decorrem dos instintos desencadeados; interpretam a lei, esquecendo e violando a toga; esquadrinham os regulamentos com o sabor de vinganças; intimidam testemunhas indecisas, transformando-lhes os interrogatórios em caldos de cultura para libelos truculentos.

Sem as muralhas das opiniões, que importam em julgamento, e sem o impasse das instâncias superiores, eles atravancariam as sociedades, improvisando a desagregação e a desconfiança entre os seus elementos e ensinando, talvez, as normas de sentenciar aos futuros julgados.

Os verdadeiros juízes, – e o são em maioria, mercê de Deus! – interpretam imparcialmente as leis humanas, tranformáveis e falíveis, iluminando-as ao clarão do Evangelho, e não esquecem a lâmpada pequenina, acesa no coração pelo Justo de Samaria. Não esquecem a Hora-Sexta, fatal aos homens das várias latitudes, até os últimos instantes de todas as suas horas mortais.

IX

Os minutos da Hora-Sexta! Quando sentado às bordas da cisterna da vida, tens cântaros às mãos e negas uma gota d'água! A ampulheta em pé, caindo a areia grânulo a grânulo, a teus olhos satisfeitos, enquanto as vítimas arregalam os olhos bem diferentes, espantados ante ameaças irredutíveis!

Transformas a língua em áspide de Satã, a garganta em jorro de maldição, e julgas haver aniquilado para sempre teus semelhantes. Quanta ilusão! Não houve ainda quem elidisse as idéias sãs, fluentes de humanidade e de bondade. O temporal de um dia não apaga a luz, as tempestades de um minuto não eliminam os rios, as perseguições não crestam a consciência.

Lembras um índio, alheio às estações e ao Sol, que, murado numa caverna, gritasse, – venci a luz!

E relembras a lenda do emirado oriental. Após anos de correrias, de razias sem fim, o emir aferrou as gargalheiras ao caminhante humilde, cujo erro supremo era assegurar que, sem liberdade, não haveria paz.

Estava doido, – tornava-se mister espezinhá-lo ou matá-lo, porque lapidado já fora. Mas era difícil, porque ele se apegava a forças interiores, – a convicção da inutilidade do mal, a certeza do triunfo pelo bem e da Hora-Sexta nos quadrantes do mundo, – sede eterna ou tranqüilidade eterna!

X

Sempre velhas histórias para interpretações sempre novas! Prendê-lo violentamente seria fácil, porque o frágil organismo, minado por enfermidades, não reagiria; justificar-lhe prisão não se tornaria irrealizável. Quase tudo é possível, quando se tem a força e os demais estão desarmados. Quase tudo. Frente a frente, profunda diferença entre o

emir, senhor de caravanas armadas, e o caminhante, escravo de sua própria alma. A luta deflagrou-se mas não surgiu ainda quem prendesse uma única alma pela truculência, embora havendo quem prenda milhões pela compreensão e a tolerância. O emir forjicou provas, aduzia testemunhas contra o condenado. Um dia, – tudo é admissível neste mundo! –, foi a vítima arrastada aos cárceres, entre assuadas de curiosos. Como em toda descida e queda, mesmo no Calvário, lá estavam conhecidos, que somente o bem haviam recebido.

– Vinguei-me! Conforme prometi, estás entre muros, com as cadeias nos pulsos e nos tornozelos! Finalmente, morto civilmente para sempre!

– Tende calma. Não nego a morte, a que vos referis. Continuo livre, embora entre grades. Quanto a vós, estais preso. Irei dormir sobre pedras, sem lençol, embrulhado em saio presidiário. Irei dormir. Dormireis em vosso palácio, se tendes consciência? Não podeis fitar os inocentes olhos de vossos filhos: furam como bisturis flambados. Ficareis acordado e eu dormirei.

– Fosse permitido, e eu te reduziria à mudez!

– Já o conseguistes, em parte. Não calareis a idéia, nem a resistência da renúncia e da resignação. Não calais as palavras santas: – "Não temais o que mata o corpo e não pode matar a alma!"

– Impostor, todos me seguem e me endeusam, aplaudindo meus atos!

– Ninguém o nega, nobre Emir! Sabeis, entretanto, que tudo passa. Somente Deus pode distribuir benesses para sempre e não sois divino.

– Cala-te!

– Vós o mandais. Há silêncios que troam, parecendo vozes altas. Volto ao silêncio. Outros, mais fortes, falarão...

O emir enraiveceu-se. Havia um pouco de razão naquele humilde de espírito, bem o sabia. Para que servem, entretanto, os castigos? Os processos medievais podem ressurgir, embora disfarçados.

Não são admitidos as tenazes, os agrilhões inquisitórias, os suplícios chineses, os salões de gás e eletrocussão.

Mas a lei, em mãos injustas e hábeis, faculta o amordaçamento da liberdade: as tenazes rubras de aço transformam-se no soro da verdade, nos inquéritos suicidantes, que podem induzir o paciente ao desespero e à loucura. Felizmente, constituem exceção, mesmo do domínio dos exércitos invasores, nas ocupações de guerras...

XI

O apólogo oriental aplica-se a quantos injetam sofrimentos em seus semelhantes, ou os suicidam pelas extorsões de sadismo. Ninguém, relembrando as palavras do Mestre, deve perder a esperança. Não é em vão que O recordam com os braços abertos, nas montanhas, nos templos, nos mares, como símbolo de consolação aos que não desanimam.

Imagina a oração do aviador, oração sem muitas frases, com os motores do avião parados a seis mil metros, nos Andes, e vê, rompendo as brumas, o monumento do Cristo, dominando a cordilheira!

Imagina o pescador envolvido pelas tempestades atlânticas com os lemes partidos e os motores quebrados, que enxerga a cintilação de Braços em cruz no Corcovado!

Imagina o mergulhador que, semidesmaiado nos peraus do Mediterrâneo, divisa o Salvador, entre algas e esponjas, clareando os mares.

Imagina tudo isto e espera!

Ele está presente, estendendo o milagre e a resignação. Ele nunca se afasta de ti, nos momentos mais agudos da existência, e destrói, pela força do pensamento, as cadeias inventadas pelos homens. E, quando tudo parece falhar, a luz cintila, enviando e semeando a paciência e a esperança.

Isola-te no Evangelho: os que te insultam, conhecidos ou não, beneficiados ou não, prestam inolvidáveis serviços ao teu espírito, lapidando-o pelas provações da dor.

Sim, fica em silêncio, porque, no final de tudo, estás pensando e sarando enfermos: escravizam-se, por esses procedimentos, a este e a outros mundos, enquanto te propiciam a suprema libertação. Humilha-te, porque nada és. É a Hora-Sexta e Ele está sentado à borda do Poço de Samaria.

XII

"Vinde a mim todos os que viveis sobrecarregados e oprimidos de trabalho, e Eu vos restaurarei as forças; vinde e encontrareis paz e conforto às vossas almas!"

Olha em redor: nada se perdeu, tudo é transitório.

Ora e espera. Todos caminham, rapidamente ou devagar. Como na evocação de Dante no Purgatório, "ninguém pára, embora o passo seja tão lento, que não parece estar andando".

Não parece estar andando, mas o espírito venceu léguas; arrependeu-se dos erros cometidos com o esquecimento do Mestre. O corpo, imobilizado ou em passos lentos, já se prepara para a conquista do que pareceu perdido.

"Vinde a mim todos os que viveis sobrecarregados e oprimidos de trabalho!"

Em meio aos desesperos, a Voz ressoou nos sinos e nas alvoradas, no rumor das penumbras e no balbucio das crianças.

Discutem os grandes cidadãos o destino dos povos, mantê-los na paz, ou mandá-los para a guerra; discutem outros nas reuniões ministeriais, o destino das criaturas, – deixá-las também em paz, ou cercear-lhes o repouso e a tranqüilidade.

Enquanto discutem, sem axiomar rumos, um Vulto se aproxima de cada barraco sem luz, de cada mendigo sem vestuário, de cada

alumbramento sem leito, de cada criança sem riso, de cada vilipendiado com o direito de não ter direitos.

Estende os Braços, repletos de infinitos, e repete, entre a angústia e a desesperança dos que se consideram perdidos:

..."Eu vos restaurarei as forças; vinde e encontrareis paz e conforto às vossas almas!"

Resplende o Poço de Sicar, as Vestes também resplendem, enquanto Sua Mão perdoa e abençoa, salva e fortalece, mostrando o caminho, a verdade e a vida...

XIII

Porque, sem fadigas nesta viagem de dois mil anos, novamente estás sentado à bordo do Poço da Vida, Mestre Divino!

Porque é a Hora-Sexta, em que se aglomeram multidões mais sedentas; corações mais ressequidos, cérebros mais atormentados;

porque não te situas entre os maus e os orgulhosos, mas entre os humildes e os pequeninos;

porque, sem a água-viva, embora em preces a altas vozes, em latim e aramaico, em grego e siríaco, em idiomas puros e dialetos selvagens, ninguém está rezando verdadeiramente;

porque, à ressonância da água-viva, embora em silêncio, qualquer um reza pelo pensamento;

porque, na parábola sobre o "juiz iníquo", Tu o disseste:

"Ouvi o que diz este juiz injusto. Não fará, pois, Deus justiça aos seus escolhidos, que estão clamando por Ele dia e noite, e tardará em socorrê-los? Digo-vos que depressa lhes fará justiça"(São Lucas, XVIII, 5).

Porque, segundo São Paulo, em epístola aos Gálatas, "quem pensa ser alguma cousa, não sendo nada, engana-se a si mesmo";

porque, Mestre Compassivo, tudo valemos neste mundo sem valor, quando integrados à fonte de Samaria, e nada valemos sem a misericórdia da Tua Verdade, que nos abre o caminho para a vida!

Que assim seja!

XII

"Vinde a Mim!"

Vinde a mim !"

I

"*V*inde a mim todos os que padeceis, e vos achais acabrunhados e eu vos aliviarei: Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis o descanso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve". (S. Mateus, XI, 28).

Se realmente milhões ouvissem e compreendessem, formariam rios humanos, cujas ondas se amorteceriam a Teus pés, soluçando os mesmos desesperos, avolumados em dois mil anos.

Os que não se "sobrecarregaram e oprimiram de trabalho", e são outros milhões, julgam que não perderam as forças, não perderam paz e conforto, e não virão a Teus pés. Julgam erradamente, porque as forças espirituais já estarão perdidas; blasonam, apoiados às energias físicas, fugitivas ao primeiro embate. Esqueceram-Te nas horas de alegria e até invocam as Tuas parábolas para justificativa dos próprios erros e do próprio orgulho. Repetem os Teus ensinamentos, querem proferir o Sermão da Montanha, mas não reconhecem o sacrifício e o púlpito.

E, se a humanidade inteira haurisse a felicidade material seriam ainda menores os anseios pelo Teu auxílio, uma vez que, em sua opinião, desnecessitariam de paz e conforto, pelo menos durante a ilusão da riqueza.

"Vinde a mim!" – E todos foram ao Teu encontro, na marcha vital, entre hosanas e palmas.

"Vinde a mim!" – E quase todos falharam na escalada íngreme para a Crucificação. Estavam "sobrecarregados e oprimidos de trabalho", mas o apelo significava uma clarinada cirenaica, precipitando-se ao sacrifício e à morte.

II

"Vinde a mim!"

No aceso da luta, quando se ferem as batalhas, a fúria do ataque e o instinto da defesa fazem esquecer a conclamação divina; nos dias de júbilo tumultuante, quando se entrechocam vaidades, nunca Te chamam e nunca Te vêem presente. É preciso que a dor lhes bata à porta, que a desesperança lhes fira os ouvidos, que a enfermidade lhes ataque os membros; que as injustiças, gerando o desencanto, lhes quebrem o orgulho e a indiferença. Voltam-se para todos os lados, sem portas de salvação, como um aeronauta bloqueado por tempestades e os motores parados; não vêem irradiações na escuridão, não divisam o norte na bússola perdida e na agulha sem fixação de quadrante. Nessas ocasiões, quando os ventos do infortúnio se desembestam, governar é desgovernar, porque se rebentam as normas para uma rota segura. Recordam-se, às vezes, da suprema salvação e ouvem, badalando nas tempestades, no silêncio e no deserto:

"Vinde a Mim!"

III

"Vinde a Mim, e vos farei pescadores de homens!"

Os quatro apóstolos pescadores, que se encontravam consertando as redes, ou lançando-as aos mares da Galiléia, Te seguiram ao primeiro aceno, quando ainda pregavas a penitência, como escalada para o reino dos Céus.

Ainda eras uma interrogação revolucionária, sem as cicatrizes do sacrifício e poderias parecer um líder das aspirações populares, no sentido amplo de conquistas humanas, quando ambições e desigualdades já improvisavam desentendimentos entre as classes. Assim mesmo, pela influência da causa divina e humana, eles abandonaram as redes e Te seguiram.

Deste os testemunhos do sacrifício; as tuas parábolas inspiraram milhares de intérpretes; volumes entopem ou formam bibliotecas; casas de orações erguem-se nos quadrantes do mundo; ondas de missionários e leigos se espalham, há vinte séculos, pregando a vida melhor para os humildes e os miseráveis.

"Vinde a mim, e Eu vos farei pescadores de homens!" Levantaram-se, seguiram-Te; outros pescadores levantaram-se, no desenrolar dos tempos, seguiram-Te também.

Multidões e multidões permaneceram sentadas, ou buscaram rumos errados, "sobrecarregando-se de opressões e trabalhos". Negam-Te outros, expulsando a Tua lembrança dos templos, das escolas e das ruas. Mas não conseguiram eliminar-Te das consciências, – , e onde houver um sofredor, baqueado nas ambições frustradas ou desesperos invencíveis, lá estarão as Tuas palavras:

"Vinde a Mim!"

IV

"Vinde a Mim os pequeninos!"

Deixai os pequeninos e não os "impeçais que venham a Mim; porque deles é o reino dos céus".

Nos distúrbios sócio-econômicos, e principalmente após as guerras, houve quem sonhasse a paz entre os povos, pela renovação e transformação da mentalidade juvenil. Milhares de crianças eram arrancadas aos braços maternos e sitiadas em campos de concentração, onde beberiam as lições do homem forte. Gerações enérgicas, sem-Deus, nasceriam dali e viriam a ser pilares da nova doutrina, filtrada no orgulho e na ambição.

Surgiram, entretanto, nos subterrâneos primitivos, disfarçados em prisioneiros, os que levavam a Cruz sobre o peito e narravam a história da Tua Vida.

Quando se viram mais livres, correram para o Teu Vulto, apesar de lhes ser invisível, e descobriram as próprias almas, que os desatinados tentaram conspurcar. E ouviram, mesmo os surdos e os cegos, ouviram dentro das almas, – "Vinde a Mim!"

Já havias entreaberto fontes de perdão e misericórdia, pelas bem-aventuranças, aos pequeninos de espírito. Estavas falando aos pequeninos nos anos da vida material.

Nenhum pequenino, por mais afastado dos ensinamentos verdadeiros do Evangelho, poderia fugir ao caminho da verdade, quando ouvisse, mesmo partindo de lábios sem fé:

– "Vinde a Mim!"

V

Quando Te sentaste para o Sermão da Montanha, acompanhado pelas multidões da Síria e da Galiléia, que Te seguiram por onde passavas, já unias o coração aos mansos, aos desconsolados, aos famintos, aos misericordiosos, aos puros, aos pacíficos e aos sofredores.

Abrias o Coração aos pequeninos grandes da Terra, antes da ordem aos discípulos para não increparem contra os grandes pequeninos. Ambos, os pequenos nos julgamentos do mundo e os pequeninos na idade, porque ainda fora do mundo, esconderam-se em Teus Braços, estendidos em Cruz para os que sofrem e sentem.

"Vinde a Mim !"

Pequenos, porque não se orgulham; pequenos, porque são mansos, porque estão chorando; pequenos, porque têm fome e sede de justiça; pequenos, porque são misericordiosos; pequenos, porque têm pureza no coração; pequenos, porque são pacíficos; pequenos, porque sofrem perseguições; pequenos porque são caluniados e injuriados sem protestos e vinditas.

Abrias o Coração aos pequenos e aos pequeninos, – e a Tua Vida começava a fluir perenes fontes de consolação a todos quantos vivem feridos pelas perseguições e perversidades dos transitórios detentores do poder e da riqueza.

VI

"Se alguém tem sede, venha a mim e beba !"

(S. João, VII – 37).

Abriste o Coração aos humildes e pequenos na escolha dos apóstolos, no perdão à adúltera, na bênção a Maria Madalena, na proteção aos enfermos que precisavam de médicos, na tolerância aos conspurcados pela vida. Quando o moço rico se aproximou, não quis ouvir o "Segue-me", porque não pretendia abandonar os seus bens.

Mestre: quem nos explicará, nestes dias, as parábolas eternas pelo prodígio de Tua Vida?

Quando retornará esse tempo maravilhoso, em que os Apóstolos Te diziam:

– "Explica-nos a parábola do joio nos campos?"

Respondias, comparando o mundo a um campo:

–"Abrirei a minha boca em parábolas, revelarei coisas ocultas desde a criação do mundo !"

Verberavas o orgulho, a calúnia, a riqueza, o pecado, o escândalo, os que destroem ou tentam destruir, nas labaredas do ódio, o patrimônio moral dos seus semelhantes, os que tripudiam sobre a inocência e inventam contra os fracos.

Sempre Divino, admitiste, entretanto, a autocondenação aos que escandalizassem os pequeninos:

– "seria melhor prender-lhe ao pescoço uma pedra e submergi-lo no fundo do mar".

VII

"Vinde a Mim !", naquele tempo, dirigia-se aos atormentados, resumido, entretanto numa reduzida região, talada pelas lutas, mas imunizada aos sofrimentos maiores, que surgiam com a multiplicação dos povos.

Os continentes dormiam; as raças também dormiam, em primitivismo milenar, civilizações haviam desaparecido, sem as crueldades sociais, que deflagrariam das guerras e das super-populações.

Sistemas filosóficos e religiões, formas de governo e catástrofes, enfermidades e psicoses não haviam dementado os homens. Raças

modificaram-se, diluíram-se nestes dois mil anos, arrastando um passado luminoso, mas eivado, em muitos casos, de cruas ignomínias. O espaço vital tornou-se asfixiante; o solo não basta às necessidades dos povos, em bilhões de seres, os sistemas de trabalho perturbam o equilíbrio, os líderes faliram em seus generosos sonhos de conquista, e a fome escancarava as fauces, tresandantes de ódios e vinditas. Vence um grupo e cai na odiosidade de outros grupos. Em meio dessa confusão, as massas desvairiam, os homens se dilaceram, suplicando um caminho e uma luz.

E somente adivinham esse caminho e essa luz nos ensinamentos que derramaste, nos braços e nos olhos que nunca foram fechados.

VIII

"Vinde a Mim !" Apõem-te aos salões dos júris, às paredes das assembléias, às escolas. Lá estás com os braços pregados ao Madeiro-Sentença; os homens invectivam-se, invocam-Te e assinam convênios que não podem cumprir; às vezes executados, provocam dissensões. De costas para o Crucifixo, assinam leis e sentenças, condenam inocentes e inocentam criminosos, sinédrios movimentam-se sob conspurcações e subornos; os trinta dinheiros não são empregados, entretanto, para a compra de campo de sangue.

Os Halcédamas têm o nome de campos de concentração, bastilhas, comissões de inquérito, cárceres de punição, tribunais de extermínio.

Esqueceram-se as parábolas aos escribas e fariseus. Milhões de frases evolam-se nos estigmas de condenação, desabando sobre a cabeça de um só os gritos e os rancores das multidões.

É sempre o sacrifício do sangue, antigamente de cordeiros e hoje de homens, é sempre a escravização, antigamente nas galeras e hoje nas cadeias monetárias. Centenas de escravos para a impulsão de uma galera; milhares para o luxo de um só indivíduo.

Mas, naqueles tempos, ainda pré-cristãos, não apareceras com a Tua Redenção; e todos podem orar, nestes dias angustiados, pelo socorro e a voz nos temporais:

– "Vinde a Mim !"

IX

"Quão difícil é entrar no reino dos céus os que confiam no dinheiro-!"

Falaste assim, após a partida desencantada do jovem rico e feliz, que não deixaria os bens materiais para seguir-Te. Porque o dinheiro depositado nos bancos, nas caixas fortes, outra coisa não representa que o suor de milhões, sacrificando a família e a saúde coletivas. Os golpes monetários estrangulando os fracos e fortalecendo os fortes, também atropelam milhões. Uns ainda fitam os seus semelhantes, amparando-os nos embates sociais; outros acumulam para o luxo e a esbórnia, afrontando os desgraçados em loucas dissipações.

Estão mudos e indiferentes, nos mesmos triclínios pagãos, querendo ainda mais, abrindo ainda mais a boca insaciável. Abriam-se aos poderosos para maior perseguição aos pequenos, que os mantêm no poder.

"Vinde a mim ! – Eles não Te procuram, porque, sem sobrecargas de trabalhos e apegados ao dinheiro, não sentem fraquezas, confiantes nas forças materiais da vida.

X

"Vinde a Mim !"

Eles Te ouviram, na passagem pelo mundo, durante 33 anos, e milhares de benemerências praticaste, direta ou indiretamente, aos que Te ouviram e viram. Apareceste com os braços e os lábios entreabertos, sempre abençoando e derramando o perdão. Muito nos ficou de Tua passagem; porém muito se perdeu.

–"Há, – conclui o Evangelho de São João, – porém, muitas coisas que Jesus fez; se elas fossem escritas uma por uma, cuido que nem o próprio mundo poderia conter os livros que deveriam ser escritos".

As parábolas, que nos deixaste, inspiraram bibliotecas, sucedendo-as com as interpretações dos ciclos históricos, e conduzem gerações. Quanta felicidade teríamos, se conhecêssemos todas as coisas que proferiste, capazes de encher o mundo !

Somente nessa expressão – "Vinde a Mim !" – , quantas consolações e quantas energias não emanam de Ti, possibilitando crença e redenção à humanidade desolada !

Quanta segurança e quanta fé não derrama, em messes inesgotáveis, a todas as criaturas !

XI

"Nem todo o mundo poderia conter as linhas que poderiam ser escritas". Não pode conter, porque não compreende, nem as parábolas que se salvaram, os gestos tão envolventes como as palavras, a mansidão que domina situações desesperadas, as marchas pelas estradas, os exemplos desde menino.

Porque os ensinamentos se multiplicaram desde a puerícia, quando vencias os doutores do Templo e sermoneavas leis e princípios eternos às multidões.

Onde estão os conselhos aos humildes, as pregações antes dos Apóstolos, que Te seguiram na fase final?

Falaste pelos gestos; a iridescência dos Teus Olhos acendia parábolas pelos caminhos, e nenhum aceno do Homem Perfeito deveria perder-se, quando sentou às bordas do Poço de Sicar, quando traçou riscos pela areia, depois do encontro com a adúltera, quando levitou nas ondas, quando estendeu os pés a Maria Madalena, quando partiu o pão ou

transformou a água em vinho, quando gesticulou brandamente no Sermão da Montanha.

Se os livros encheriam o mundo, que não os poderia conter, esses gestos formariam novas constelações nas consciências dos homens, tão orgulhosos e tão frágeis. . .

XII

"Vinde a Mim !"

A exclamação puríssima ressoa pela vida inteira, quando abriste os braços à Virgem-Maria, quando perdoaste a adúltera arrependida, quando prometeste a salvação a Dimas, quando fulgiste na ascensão ou apareceste aos Apóstolos.

Ouvem-Te, no final das batalhas, os soldados feridos, que ficam abandonados nas trincheiras, enquanto os exércitos se entredevoram nos recessos da luta.

Ouvem-Te os aviadores perdidos nas alturas e entre montanhas, com os motores girando as últimas reservas de gasolina, sem pista de aterrissagem e salvação. Ouvem-Te os pescadores atingidos pelos furacões, os marinheiros nos sarcófagos dos submarinos, os pais sem alimento para os filhos, os tuberculosos, os operados nos hospitais.

Ouvem-Te as mães generosas, que tem certeza da morte e deixam ao mundo, para os braços de outras criaturas, os filhos que sonharam e geraram.

Ouvem-Te, Senhor, os vilipendiados e injuriados, os desterrados em seu próprio lar, os anavalhados por injustiças e paixões dos que se transviam no poder.

"Vinde a Mim !"

XIII

Porque, sem esses Braços abertos, nós estaríamos trancados em guerras e o mundo seria uma própria guerra;

porque Eles representam a salvação em multidões dementes, desviadas do Bem;

porque, consciente dessa Luz Imortal, o homem pequeno ainda pode resistir ao mal, pelas esperanças da Bondade;

porque deixaste o cântico supremo aos que Te procuram:

– "E todo aquele que viu, e crê em Mim, nunca morrerá".(S. João, XI-26):

porque os que sofrem não Te esquecem um minuto, suprindo os séculos dos que Te olvidam;

porque ainda ouvimos as palavras dos que, no Teu sacrifício, se arrependiam e choravam: "Não choreis por mim; chorai antes por vós mesmos e por vossos filhos";

porque, proferindo a frase imortal – "Vinde a Mim." salvas a humanidade para a eterna luz.

"Vinde a Mim !"

Assim seja, Jesus

XIII

Nas Tendas de Emaús

XIII

Nas Tendas de Emaús

I

Após o enterro, por José de Arimatéia, o corpo envolvido de mirra e aloés, levado por Nicodemus (S. João, 19-40), apareceste a Maria Madalena, aos apóstolos, aos discípulos de Emaús.

> –"... *Viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Jesus diz-lhe: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" Ela, supondo que fosse o jardineiro, diz-lhe: "Senhor, se tu O tiraste, dize-me onde O puseste, e eu O levarei". Jesus diz-lhe: "Maria ! Voltando-se, ela lhe diz: Raboni !"* (S. João, 14-16).
>
> – " ... *E, estando trancadas as portas, onde os discípulos se achavam reunidos, por medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio deles e lhes diz: "A paz seja convosco !" E, dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor".* (S. João, XX-19-20).

Surgiu, posteriormente, a Tomé, o que desconfiava, e aos sete discípulos, junto ao mar de Tiberíades.

– "E eis que dois deles caminhavam no mesmo dia para uma aldeia, chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. Iam, pois, falando um com o outro sobre tudo isto que se tinha passado. E aconteceu que, enquanto iam conversando e discorrendo entre si, o mesmo Jesus aproximou-se deles e os foi acompanhando. Mas os olhos deles estavam impedidos de O reconhecer". (S. Lucas, XXIII-13-16)

Perguntando porque estavam tristes, Cleófas lhe respondeu, enquanto caminhavam para a aldeia de Emaús, onde, no repasto modesto, "tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhos serviu. Então se lhes abriram os olhos e O reconheceram, mas Ele desapareceu de diante dos seus olhos.

Diziam então um para o outro: – "Não se nos abrasava o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as escrituras?" (Lucas, XXIV , 31-32).

Foi assim o encontro com os Discípulos de Emaús e, depois, à mesa de uma tenda.

II

Quando disseste – "Vinde a Mim !" – a todos os desesperados, quando prometeste a presença luminosa, quando eles invocaram pelo Teu nome, estavas assegurando os mesmos milagres de Emaús.

Ninguém Te vê, mas estás presente na prece isolada, nas cerimônias coletivas, na súplica silenciosa por uma cintila do Verbo

Não Te insulas em mosteiros e templos, em cânticos e liturgias soberbas, em harmônios e procissões: surges quando menos se espera, no mendigo faminto que estende a mão, no coração do que não odeia, na mente do que sofre a injúria e o arremesso dos seus semelhantes desassisados, nos que têm fome e sede, insônia e dor.

Aí estás onipresente, como na estrada de Emaús, embora não apareça Cleófas para conversar com o Mestre, porque ficaram bem distantes os acontecimentos do Calvário.

Eram as derradeiras passagens do Homem pela Terra, antes da Ascensão, após a bênção aos discípulos, nos ares da Betânia.

III

– Vês tudo, em toda parte. Mas ficas ao longe, quando ressoa a trombeta dos hipócritas, a fim de serem honrados falsamente pelos homens.

Estás entre os que "dão de beber, ainda que seja um copo de água fria, a um dos pequeninos, na qualidade de discípulos"(Mateus, 10-12): "estás entre os olhos que vêem (Mateus, 13-16), e os ouvidos que ouvem"; estás em qualquer recanto, onde sorriem ou choram lábios de crianças e de sofredores. Já entreviram as Tuas vestes: o "relâmpago que sai do Oriente e aparece até o Ocidente" (Mateus, 24-27). Já está raiando entre os mundos.

Nós Te vemos e ouvimos, Jesus !

Em certos momentos, nas concentrações ascensoriais das preces, falas pela sonoridade quase inaudível das palavras e pelos encantamentos do silêncio.

As Tendas de Emaús abrem as portas em toda parte, – e, em toda parte, parecemos ouvir os ensinamentos de Jesus-Homem, antes da Suprema partida.

IV

Quantos percorreram estradas, rasgadas nas terras, nos mares e nos ares, induzidos por estímulos generosos de holocaustos, e não viram o Teu Vulto, para que lhes mostrasses a rota verdadeira !

Os átrios, os salões, as alfurjas, em que se reuniram para deliberar a melhora do gênero humano, eram Tendas de Emaús, em que sempre estavas presente, influindo divinamente para sonhos generosos e altruísmos infinitos.

Caíam às vezes, embora a idéia ficasse de pé, com uma bandeira em chamas, que passasse a outras mãos. A queda era aparente, determinando triunfos mais positivos. Animavas, em força invisível, os mártires e os incompreendidos, e eles tinham energias para não fugir aos seus programas de fé.

Além dos santos, os descobridores, os cientistas, os apóstolos da assistência social Te sentiram – e, sem essa influência miraculosa, não teríamos chegado ao fim.

Colombo Te viu nos céus, nos instantes mais agudos, quando os demais perdiam a esperança; Pasteur aprendeu os enigmas da salvação,

inspirado pelas Tuas parábolas; Pio XII na hora da morte Te viu e recebeu vida nova.

Falavas assim a todos os que se sacrificavam pela Bondade, a todos quantos não se afastaram da Verdade.

V

O caminho, a palestra, a refeição na estalagem de Emaús não se aplicam somente aos que sabem ler e têm a luz evangélica a infiltrar-lhes coragem.

"Acolhes o que é fraco na fé, não, porém, para julgar as opiniões". (São Paulo – Epístola aos Romanos – 14-1).

Olhas com piedade aqueles irmãos que não aprenderam a ler, vivendo nas solidões das florestas e dos desertos. Eles não têm culpa.

Quando, em meio à sua extrema pobreza, têm a felicidade e o discernimento, de ouvir a palavra divina, se ajoelham com a doçura dos pequeninos; não foi sem erro a criação das leis, que os equipara aos menores.

Imaginemos os agrupamentos religiosos, sejam quais forem os seus credos, nas distâncias sem fim, sem alimentação e medicamentos, resolvendo situações aparentemente incontornáveis!

E eles adormecem tranqüilos, certos de que a Divina Providência resolveu os impasses do dia seguinte. "Olhai os lírios dos campos..."

VI

"Já é a hora de nos levantarmos do sono. Porquanto a nossa salvação está agora mais perto do que quando recebemos a fé. A noite vai adiantada, e o dia vai chegando. Dispamo-nos, pois, das armas das trevas, e vistamo-nos das armas da luz" (S. Paulo – Epístola aos Romanos, 1-12-13). As armas das trevas e as armas da luz ! As improvisações dos homens, adoçadas pelo mal; e o meio de vencê-las, pelas armas de paz, que fortalecem o nosso próprio coração !

As armas das trevas podem ser imensas como o mundo; podem ter o tamanho universal dos mundos. Acham-se à vista de todos, são facilmente penetráveis, porque se escancaram em sortilégios e seduções. As armas da luz apresentam-se aos que esgrimam em pensamento e ação – e, às vezes, basta a força mental para derruir cordilheiras, lavradas de furacões.

Cada ser, Jesus, possui um caminho e uma senda dentro do cérebro; sofremos, mas rezamos, e o Caminho de Emaús surge luminosamente, como um lírio de chamas !

VII

Os discípulos menores perdem-se nos quadrantes e ouvem, quando se encontram, a Tua voz de salvação, no silêncio e no isolamento, nos templos e nas festas. Ouvem ou procuram ouvir Tua voz.

No último grande dia festivo (festa dos tabernáculos), Jesus estava de pé e clamava:

–"Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior emanarão rios de água-viva". (S. João, 7-37-38).

Estás novamente de pé e só, os surdos não Te ouvem, Senhor!

Não precisas clamar, porque, sob os aguilhões de incertezas e fraquezas, rios de água-viva estão emanando para o nosso coração.

Ouvimos, em preces e rumores, os marulhos das águas-vivas, escachoando sons puros, que beneficiam as gerações. Temos, nos organismos frágeis, sínteses de nascentes e cordilheiras, lagos e nevoeiros bem-vindos, que alimentam esses rios.

Os corações representam, nessa admirável imagem de São João, uma vez acreditando em Ti, tendas que valem mundos, onde imperas, onde falas, onde os sedentos vêm beber para serem libertos e consolados.

Rios de água-viva, cedendo ao Evangelho, poderão emanar do nosso mundo interior!

VIII

Apareceste aos apóstolos, na estrada de Emaús, e palestraste na ceia: conheceram-te apenas quando partias o pão e, nesse instante, relembraram, pelas frases anteriores, a Tua origem divina.

Surgiste e surges a vários grupos, que Te sentem nas cidades e nos campos, nos comícios e na solidão, quando Te invocam para vencer as dificuldades e a dor.

Fulgiste aos mártires da Fé, aos iluminados da ciência, aos ingênuos e aos bons, reunidos para a celebração da verdade, consubstanciada em Teu Vulto.

Há, entretanto, os que, sozinhos, estão errando pelas veredas, se sentam às mesas dos albergues, fremindo às irradiações da bondade.

Encontram-se esses humanamente sós, mas estás a seu lado nas Tendas solitárias, em que apelam para a Tua proteção. Estás bem perto de cada um, – e cada um se revigora na tenda do próprio coração.

IX

Queixam-se alguns, blasfemam outros, ou descrêem muitos, porque não ouvem a Tua voz, nem divisam o Teu rosto. Mas não divisam nem ouvem, simplesmente porque não quiseram ou não tiveram fé.

Ou porque não rezam, não se arrependem, não se depuram, não se elevam. Basta que abram os Evangelhos: lá, estás falando, Jesus; lá estás de pé, resplendente de vida e inspiração.

Leiam com fé e Te verão sempre; meditem com profundidade, e Te verão nas estradas, nas cidades, nos triunfos radiosos de Jerusalém e no suplício.

Lá Te mostras de pé, nas encostas do monte, derramando bem-aventuranças para a eternidade das criaturas e dos mundos. Estás vivo e falas: não Te ouvem, nem Te compreendem, os que fecham os corações aos ensinamentos das Tendas de Emaús.

X

Existem, assim, nos palácios e nas tendas, nos cimos e nos subterrâneos !

Onde quer que alguns evoquem a Jesus, onde se reze com fervor, em horas de desesperos, lá estás, Senhor, derramando o olhar compassivo e estendendo as misericordiosas mãos de Salvador.

Milagre e redenção !

Quem realmente crê, embora entre as alegrias das multidões, se vê inteiramente só, se falta o Teu sigma de consolação.

Ao contrário, poderá imergir em florestas e geleiras, sorrindo na invisibilídade, e Te vê luminosamente, como nos dias extraordinários de Tua Vida, em que se concentram milhões de vidas.

Somente de Ti emanam os rios caudalosos e providenciais, cujas águas se transformam em luz para conduzir iluminante e iluminados.

XI

Quem Te enxerga no caminho, embora perseguido e humilhado perante os homens, não teme a condenação do mundo.

Quem não Te enxerga, embora exaltado em suas vaidades, perdeu o caminho e seguiu por estradas tortuosas, que dão para abismos insondáveis.

Quem Te ouve no caminho, embora seviciado pelos iconoclastas e acorrentado em prisões, também ouve teorbas e palinuros, que abrem as portas da salvação.

Quem não Te ouve, seduzido pelos clamores e brados dos poderosos, fica irremediavelmente perdido para eternidade da vida.

Retrocede e percorre, em círculos viciosos, os anos já vividos, as estradas já percorridas, sem estrelas e sem sol.

E todos podem Te enxergar no mundo, e todos podem Te ouvir no deserto e nos tumultos. Vendo-Te e ouvindo-Te, ficarão integrados nesses mundos de Luz e encontrarão as portas da libertação !

XII

Não temos a vidência visual, mas possuímos a intuição, que é a projeção clarividente do espírito.

Nas desobrigas divinas, nas insônias construtivas, que nos abrem a imaginação e o coração para a verdade e a bondade, nós Te sentimos, Senhor, o que importa em instantes de imortalidade sobre nossa miséria.

Como somos pequeninos ! E como são infantis os agitadores que se consideram grandes, em sua soberbia e orgulhos desventurados !

Aqui surge um lar humilde, sem pão e sem roupas, e Tu estás presente; ali está um festim de Sardanapalo, em que a riqueza desvairada humilha os pobres, nega palavras de conforto aos nus de vestes e carinhos, – e Tu não estás presente. Ou, se estás, Teus rosto se anuvia de tristeza.

Aí estão os que não compreenderam a Tua oração no Monte das Oliveiras, nem o Teu sacrifício no Calvário!

XIII

... Porque, lendo as Escrituras, sorveremos as Tuas explicações, e o coração se nos abrasa;

porque pressentimos o relâmpago, que sai do Oriente até o Ocidente;

porque fugimos das trevas e vestimos as armas da luz;

porque sentimos na consciência, quando pensamos em Ti rios de águas-vivas;

porque, em nosso coração, caminhas soberanamente, como na Estrada de Emaús;

porque ouvimos a Tua Voz, explicando o novo Evangelho que emana das Escrituras;

porque esse novo Evangelho, após séculos de incertezas e sofrimentos, é a reafirmação de Tuas parábolas e de Tua vida.

Assim seja!

XIV

... "Manarão rios de água —viva"

...“Manarão rios de água-viva”

I

Lendo essas palavras, venho erguer-Te minha prece, Jesus, à margem de um rio, em plena solidão planiciária do Amazonas. Noite clara, refulgindo nos céus e nas águas; a natureza parece também rezar.

Venho agradecer-Te, nesta hora de ascese, a resignação, que proporcionas nos momentos mais atribulados, e a consciência do meu nada em face do Infinito.

Essa resignação vale incalculáveis tesouros, porque também representa incalculável força no enfrentar obstáculos e atribulações.

Venho agradecer-Te a serenidade ante os tumultos, os anátemas e os vilipêndios, que, ainda nos derradeiros escalonamentos da lapidação, verte a Luz maravilhosa, que devassa os arcanos do espírito, dando-lhe exata mensuração – a sua inanidade perante o mundo.

Essa inanidade é tudo, porque os não revoltados dispõem de reservas milionárias para resistir e vencer. Não reagir à insanidade, não reagir a pedradas, mas a reação do silêncio e da gratidão àqueles que antepuserem embaraços no caminho, por onde passamos cantando, cego aos perigos do dia seguinte.

A barraca é escura, raiada de luar pelas frinchas da palha, mas tem resplandecimentos da Tenda de Emaús.

II

Há criaturas que vão aos templos, murmuram frases, olhando para vários lados, dão esmolas a postulantes, e não rezaram a verdadeira prece, nem deram a verdadeira esmola. Ao impulso de ódios e egoísmos, não proferiram uma palavra de doçura, não conhecem a misericórdia e o perdão. Escutam opiniões contra os pequenos, sem lhes perquirirem as condições humanas: não querem saber se têm coração, se também sofrem, se possuem alma entreaberta às alegrias da vida.

Quando dispõem de uma parcela de poder, extravasam complexos argamassados na perseguição aos humildes. Consideram as leis uma fórmula de perseguição e vingança: lêem os parágrafos punitivos e aceleram medidas de opressão.

São retardatários medievais, egressos da Inquisição; em falta de forcas, garroteamentos, pez fervente, rodas martirizantes, pensam em prisões, fome, infâmias contra os vencidos.

Dá-lhes uma centelha de luz, Jesus, em tamanha escuridão, a fim de que possam enxergar, na rapidez da vida, a escuridão dos ódios e dos erros. Não sabem se verão o ano próximo; não sabem se amanhecem, após noites de insônias destruidoras.

III

Trabalhas: erguem-se, blasfêmias à boca e chicotes à mão, dos que beneficiavas. Sorris, e recebes a saliva e as pancadas.

Cala-te, e até o silêncio não é compreendido, sendo considerado um insulto.

Não te reconhecem o mínimo direito às próprias emoções: tens de despir o corpo e a alma.

Falhos de piedade, exigem tudo. Tens de andar ao sol e à chuva, sob raios e temporais, para que não faltes a rudimentares explosões de egoísmo alheio.

Carregam o prazer do mal. Não se preocupam com o que possas sofrer, ou sofrer os semelhantes iguais na vida e no destino.

Tens de servir sempre às vontades exteriores, disfarçando os protestos da consciência.

Que vale tua consciência ante o egoísmo, a fadiga ante exigências, a saúde ante a escravização?

Continua a trabalhar, – e é uma felicidade o sacrifício; persiste na humilhação, – é um caminho de salvação para o alto; sê resignado, porque podes estar sangrando os derradeiros minutos de paciência e sacrifício.

IV

Segue sempre a estrada estreita, que dá para a porta estreita. Segue sempre na prática do Bem. Lembra-te, minuto a minuto. Não o pratiques pela recompensa, que sempre foge no mundo exterior. Mas pelo mundo interior, pelo teu coração e pela tua tranqüilidade. Lança a

semente...e passa. Não saborearás os frutos, mas terás a iluminação de saber que outros os colherão, alimentando gerações de crianças.

Que importa seja esquecido o bem? É esquecido facilmente, porque deriva do prazer.

Se és culpado de um mal, por mínimo e por minuto, pagalo-ás por anos de sofrimentos; cobrar-te-ão todos os dias e todas horas. Uma hora de esquecimento acarretará o sacrifício da vida inteira. Imolado, sacrificado, injuriado, estareis pagando o mal cometido. Transformado em ouro, em diamantes, em humilhações incessantes, estarás respondendo por aquela hora-perdão. O arrependimento, a resignação, durante anos seguidos, não compensarão aqueles minutos.

Segue a estrada do bem. Pensa contra o mal, até em defesa própria, ou mergulharás em abismos insondáveis.

V

Que importas a perversidade? Essencial é que não sejas perverso. Perdoa sempre — o egoísta, o usurpador, o invejoso, o que deseja perder-te, amarrando-te, como um torturado, aos caprichos individuais.

Arremessaste o teu irmão aos caminhos dos lobos, somente por alimentar pensamentos contrários aos teus: o seu corpo nu, estrelado de ferimentos, rola nas estradas desertas. Abutres revoam baixo, em rondas macabras, aguardando o momento final, em que lhe arranquem as carnes expostas.

Ele caminha, soturno e pensativo, arrimado às muletas dos próprios pensamentos.

Entras, por acaso, em templo abandonado, em hora morta. Templo católico, protestante, judaico, budista, espírita. Não importa. Templo severo para Jesus, que não é propriedade de um culto, mas pertence a todos e em tudo está presente.

Ou podes encontrar o caminhante numa clareira ou num descampado, onde também vem Jesus e onde também podes orar.

– Que fazes aqui? Teu lugar é o cárcere, onde te aguardam camisas listradas, preparadas por mim.

– Ergo preces por ti. Peço redenção para teu espírito, saúde para teus filhos, luar para tua sorte.

– Só isso? Nada pretendes?

– Só e nada. Ou tudo, porque espero a bênção daquela súplica por ti.

VI

Passas, cantando hinos de bondade: atiram-te blasfêmias. Tens todas as moedas e as entregas a teus semelhantes: respondem-te com insultos.

Dás a própria roupa aos que têm frio, – e vergas sob pancadas. A ação produz a reação, quase sempre no mesmo sentido de forças e vinditas. Blasfêmias, insultos, vergastadas ainda mais duras e ferinas.

Seria a culpabilidade, a inversão nos mesmos charcos de perseguição e de retrocesso.

Aquelas pontas-de-fogo, tatuando-te o organismo, representam a experimentação para a vida superior, a conquista da suprema libertação.

Calarás todas as vinditas e mais. Erguerás hinos pelos que te insultarem, orações pelos seus atos, proteção aos seus descendentes.

E, por absurdo que pareça, tu lhes serás grato. Condenando-se a si mesmo pela prática daquelas injustiças, são, na verdade, os juízes para o teu aperfeiçoamento, os dardos de pontas de ferro para tua iluminação.

Respeita a pedra, o tropeço no caminho – e, tropeçando, olha para os céus longínquos, enriquecidos de estrelas no azul e luar nas trevas.

VII

O mendigo, trôpego e quase cego, recolhe as moedas insignificantes, e sorri. Resiste em recanto abandonado, deitado em jornais, ao calor de cobertores esfarrapados. Não apresenta sinais de revolta. Possuiu casa, emprego, parentes –e, quando se viu sozinho, havia perdido tudo. Voltavam-lhe o rosto os beneficiados; caluniavam-no os parentes. Pensou em vinganças, mas recebeu as consolações do alto.

Isolou-se, cada vez mais, longe do mundo. Recebeu o prêmio inigualável – a consolação interior. Almoçou mais feliz que os miliardários, mais alegre que os parentes ricaços.

Trabalhou, alimentou e vestiu os demais. Hoje, sem casa e sem leito, sem roupas e sem amigos, cozinha as magras refeições, e ainda as distribui com os companheiros de pobreza.

De pobreza, não de infortúnios, de pobreza, não de infelicidades. As esmolas multiplicaram-se. E ele dorme tranqüilo, enquanto milhares perdem o sono, em leitos suntuosos.

Mestre Supremo: quanto è forte a paz de consciência e quanto è libertadora a paz da renúncia!

VIII

Freqüentam os templos, batem nos peitos, agitam as "compridas túnicas, e não rezam, porque palavras e gestos nadam à flor do corpo, mas a alma está bem longe, embalando-se nas ilusões mundanas.

Ou rezam sem a autopurificação, sem o banho interior, que representam a lâmpada para iluminar a leitura da prece.

Dirigem-se a Deus, como a um distribuidor de benesses, pedindo sempre e cobrando sempre. Não foi atendida determinada cobrança, baseada, muitas vezes, na injustiça contra os semelhantes, – e Deus não é bom.

Ora, esse mesmo pedido foi haurido por um vizinho, aparentemente sem merecimentos exteriores, segundo observação falsa do ambicioso, – e Deus somente protege os maus.

E não se lembram dos que, sofrendo ao sol e à chuva, sem alimentação e sem conforto, só entreabrem os lábios para agradecer a Deus.

E não se lembram de que a dor é um incentivo no caminho da salvação, e não se lembram de que, no momento da blasfêmia, estão apagando as lâmpadas e escurecendo a estrada por onde terão de marchar.

E não se lembram de que, na mão estendida, pode haver uma ordem de salvação.

IX

Naquela casa, onde uma luz velada vacila, como um olhar de súplica humana, inocentes padecem sob as dormências da paralisia infantil: mãos se retorcem, esperando a redenção nos pulmões de aço e nas vacinas salvadoras.

Naquela outra casa, velhos, deitando sangue dos pulmões, rememoram os anos, como uma projeção para novas vidas.

Nos sanatórios e nos hospitais, corpos enfermos reagem ou os tecidos se dissolvem no velório das transformações. Médicos e enfermeiros defendem a vida, osso a osso, membro a membro, nervo a nervo.

Como fazes, como procedes, em meio a essa tragédias? Divertimentos noturnos, cinemas, prazeres.

E' possível que, no instante preciso de uma gargalhada, uma vida se extinga, vida que se sacrificou por ti, no desgaste das horas sem sono.

Vem! Medita ao clarão daquela luz vacilante. Erguida em teu destino, representa a caridade de Paulo:

. . . "se eu tiver toda a fé, a ponto de remover montanhas, e não tiver caridade, nada sou!"

X

Não cerres as portas do teu coração e da tua casa para ninguém, que apele para teu auxílio, para alguém que te serviu, embalou tua infância, para alguém que encontraste nos vários ciclos da vida. Presta atenção para as afinidades e responsabilidades espirituais !

Muitas vezes, nos traços de um corpo humilde e serviçal, está a tua própria irmã, que se encarnou para purificar erros.

Expulsas, pela incompreensão de um gesto, a tua própria irmã da tua própria casa. Estás abrindo a porta escura em mundos afastados pela distância, mas próximos pelo tempo. Não sabes perdoar, e queres proteção ilimitada; não tens generosidade, presa a grilhões de egoísmo, e queres a conquista da felicidade, resumida em preconceitos.

Lá vai a criatura expulsa, de cabeça baixa, solitária e abandonada. Se dormes tranqüilo, reza para que se reascenda a tua consciência; se tens consciência, brada contra as injustiças, entreabre a porta cerrada aos sopros da bondade.

Não feches as portas do teu coração e de tua casa aos que te serviram !

XI

. . . "Manarão rios de água-viva".

O pensamento, fluídico e indomável, haverá de mover-se em ondas, prendendo ou dissolvendo multidões.

Será impossível, ou difícil, a unificação de suas várias correntes: será o mesmo que submeter o mundo a uma raça única, sob os mesmos pigmentos e traços fisionômicos. Jesus, uno e imortal, ofereceu a vida para que, rebatendo em corações empedernidos, possam drenar fontes puras e rios de água-viva. Fontes e rios provindos de variadas esferas espirituais e religiosas, tendendo para um único oceano de purificação e perfeição.

Não representam, rios e fontes, o domínio exclusivo deste ou daquele dogma, mas a energia em prol de todos os dogmas que percorram o bem e a caridade. Sacerdotes católicos, pastores protestantes, levitas, rabinos, párias do deserto, são correntes espirituais que levam as multidões para Cristo, Cristo-Rei, para a influência universal, Cristo-Humilde, no sentido da igualdade para todos os homens.

As liturgias transformam-se, desaparecem os orgulhosos, morrem sistemas de seitas e formas, mas não atingem o cume material invisível, que sustenta as humanidades e os mundos.

XII

Já se tentou obrigar a crer pela violência e pelo sangue, pela tortura e pela morte. Imolações individuais e coletivas, lutas entre grupos, guerras entre nações, não conseguiram enfraquecer os elos do espírito.

Há pastores que mergulharam na condenação pela tortura de seus crimes, em nome de religiões transitórias, frutos de ambições humanas, e há materialistas aparentes, cujas vidas foram dedicadas aos ensinamentos do Mestre.

Basta consultar, por mera curiosidade ortodoxa, os volumes sucessivos, historiando erros e crimes dos que se imaginaram na pleniposse das religiões, explorando o idealismo cristão.

Folhas e capítulos, em dialética revoltante, para provar que o Mestre Supremo pertence, como um prisioneiro, a este ou aquele culto. Que aceitou as imposições, embora com insuflações de maldade, que foi catalogado com exclusivismos. Mais ainda: quem não se subordina às heresias exclusivistas, cai nas garras de geenas eternas.

Ora, as águas-vivas não manarão de corações fechados, de almas egoístas, de olhares vesgos, conspurcados pelas ambições. Ao contrário, as águas-vivas brotam de nascentes puras e de rios abeberados na caridade...

XIII

Porque, nesta hora angustiosa, estão manando os rios de água-viva, filtrados dos corações feridos pelas injustiças;

porque, na verificação das atitudes, através dos séculos, resistiram à morte os que souberam viver na Bondade e com a Bondade;

porque as águas-vivas refrigeram e iluminam os cegos e os sedentos, os humildes e os sacrificados;

porque os rios poderão fluir de corações pobres de bens materiais e faltar nos pobres de riquezas espirituais;

porque, após os temporais de dois mil anos, os rios nascerão em todos os justos, que Te compreendam e faltarão em todos os que Te negarem;

porque, seguindo-Te, Jesus, seguiremos os rios de água-viva, em busca da eterna libertação;

porque as suas águas, as suas ondas, os seus milagres cairão luminosamente sobre nós.

Que assim seja!

XV

Oração de São Francisco de Assis

Oração de São Francisco de Assis

I

"Senhor,
fazei de mim um instrumento de vossa paz;
onde houver ódio, que eu leve o amor;
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
onde houver erro, que eu leve a verdade;
onde houver dúvida, que eu leve a fé;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver trevas, que eu leve a luz;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Fazei, Senhor, que eu não procure tanto:
ser consolado, como consolar;
ser compreendido, como compreender;
ser amado, como amar.
Pois é dando que recebemos;
é esquecendo-nos que nos encontramos;
é perdoando que somos perdoados;
é morrendo que ressuscitamos para a vida eterna".

II

Assim rezaste, escrevendo o culto a Jesus nesse Evangelho de amor, em que o próprio mal se ilumina, às irradiações da caridade e do perdão. Concentram-se, nessa milionária prece de humildade, os ensinamentos de inúmeras vidas numa única vida, muitas preces, para uma prece, em especial, para a ascensão e a transfiguração.

Para o superdomínio individual e a suprema conquista dessa humildade, impõem-se, preliminarmente, a luta contra o egoísmo, o aprisionamento e a expulsão das feras interiores, açuladas pelo sangue e pelos preconceitos.

Impõe-se essa luta sem complexos, entre os que receberam ou conquistaram o poder, – filtro transformador de temperamentos e de caracteres.

Em verdade, e principalmente nestes tempos, o poder é um mandato de servidão à coletividade, não uma força de servidão ao indivíduo. E' uma senha para obedecer ao direito, no desdobramento de benesses a toda as criaturas, não um látego para perseguir e falsear.

Aniquilam o povo quaisquer atos sedimentados na violência; as repreensões violentas de hoje motivam as revoltas de amanhã. A lei injusta, abatendo a inspiração jurídica, restringe o homem ao primitivismo milenar e importa em covardia do poder. Ainda se justifica o estado de sítio, face à reimplantação da ordem, e unicamente porque respeita a liberdade e a vida, defendendo-as da anarquia e do absolutismo.

Outros, em pertinácia meditada, destroem aos poucos, em doses de veneno, a resistência dos seus governados, reduzindo-os à fome e à inércia.

Mas há o poder verdadeiro, que perdoa para salvar, que salva para erguer, que esquece para reconstruir, que transforma a lei em viático, ao invés de cadinhos preconizados pelos átilas das democracias.

III

Manhã cedo, ainda com o sol envolto em toalha de sombra, ouço o mar bater nas praias, ao longo das muralhas e dos postos de vigilância. Dorme-se nos arranha-céus, onde também se contorcem necessidades e angústias, estrangulando criaturas.

O sol fulge entre ninhos, dominando as névoas da madrugada fria, em meia luz indecisa. Meninos descalços, desajustados dos morros, cochilam em portais, pescando lambugens nas latas fermentadas.

Soltos das correntes, ao longo das praias, cães de raça passeiam, vigiados pelos fâmulos agaloados. Alguns ostentam os pelos cortados e são acarinhados como bebês milionários.

Todos gostam de cães!

E olham os pretinhos encostados aos portais, sem pais, sem canis, sem tonsura nos cabelos.

Há os que despendem milhões com esses cães e negam esmolas mínimas aos órfãos sem lar. Porque há órfãos com lares e órfãos das ruas, mais sofredores do que os vira-latas dos monturos.

Há o irmão-cão e o irmão-homem!

IX

As emoções agitam o organismo, mas podem disfarçar sentimentos prolongados. Ante uma dor torturante, a criatura silenciosa sofre; a criatura estardalhante age sob egoísmos desencantados.

Antes as ameaças do súbito desaparecimento de um ser aparentemente querido, não choram o perigo que o destruirá, mas a falta que ele ocasionará com a sua morte. Não o vazio que ele deixará, a morte impressionante, mas a falta do motor que produzirá dinheiro.

Repete-se o velho refrão egoísta, comum aos velórios: nada deixou para os descendentes facilitarem a própria vida .À herança do bem preferem as heranças dos bens. Dinheiro e ações acima de carinho e dignidades.

Volvidos alguns dias, procuram repartições e amigos. Poucas lembranças do que se foi. Morreu, morreu.

Mais algumas censuras. Não pensou, não deixou nada.

Não te iludas: a saudade em muitos casos é síndrome econômico. Tens de produzir, dar sempre, produzir e dar para além da vida.

Vês aquela mulher chorando copiosamente: pode ser dor emocional, mas também pode ser explosão de egoísmo.

V

Deves ser o agricultor das boas plantações. Ensina teu irmão a semear grãos de generosa produção, que alimenta e dessedenta semelhantes. Procura evitar as negras sementeiras do ódio, que aniquilam e calcinam, matando os canteiros e pomares.

Se ele fincar o ódio, vai arrancá-lo, mesmo que não o veja, nem espere recompensa.

Estuda as criaturas com quem vives, estuda-lhes os recalques, os sentimentos, os motivos que deflagram em raivas incontidas. Não acendas o fósforo, perto da pólvora, nem o atires aos capinzais em rescaldo. Há corações feitos de pólvoras e de capinzais ressequidos.

Há os que se consideram intocáveis, intocáveis os do mesmo sangue. Deixa insultar, ferir, sofre pelos pequenos, humilha-te pelos humilhados, – e estarás servindo a Jesus.

Deixa que se divirtam, que riam, turbilhonem; abre as aldravas da imaginação às conquistas do espírito, ouvindo sempre Jesus !

Acode os que se perdem nas veredas e vive no mundo que tens dentro de ti!

VI

Priva tua língua de comentários contra teus semelhantes e ora pelo teu irmão que te fere e persegue. E tem piedade do maldizente; tem piedade de quem não trepida em ferir, arrancando injustiças, da própria

imaginação, ou espalhando calúnias, ouvidas nas esquinas nos ajuntamentos.

Há criaturas tão viciadas nesses comentários, que lembram os vivissecadores de múmias: levam, por onde passam, bafios ascarentos de cadáveres embalsamados.

Ou lembram as bocarras das hienas, que devoram animais mortos. Tresandam fedor sacrílego, mesmo quando tentam sorrir. Há os que se escoram nos próprios templos, espalhando sânie, enquanto os demais rezam; trituram as recordações dos que se foram, enquanto os demais choram; moem atos e recordações para ferir e denegrir. O coração é um moinho de ódios e vinganças.

Deves ser como os jardineiros dos rosais, que, como urnas, espalham perfume em suas vestes humildes. Tua boca tem de ser assim, – espalhando sempre o odor da caridade e da bondade, de tolerância e sacrifício.

VII

"As leis do Bem e do Mal (Tolstoi – "Ana Karenina") – reveladas ao mundo, constituem a prova incidente, irrecusável da presença de Deus. Essas leis, eu as encontro bem no fundo do meu coração, unindo-me, dessa forma, bem ou mal, aqueles que também as receberam. E todos os seres humanos, que precisam como eu, formam uma igreja. E' uma igreja sem dogmas e sem rituais. Não possui torres,

sinos, vitrais. Somente numa igreja assim, cristãos, judeus, muçulmanos, budistas poderiam se compreender. Deus revelar-se-ia à humanidade inteira".

À luz desses pensamentos, fulgurando à mente de um personagem atormentado, meditava o pensador da Isnaia Poliana:

– "A minha vida interior obteve a sua libertação. Não mais estará à mercê dos acontecimentos. De agora em diante, cada minuto de minha existência terá um sentido profundo e incontrastável. Estará em minhas mãos, enquanto eu viver, a imprimir o bem em cada uma de minhas ações".

VIII

Não cessou ainda, através de tantas guerras e holocaustos, a luta das religiões pela posse revolucionária de Jesus, a luta pelo domínio de guias iluminados.

Há insanos, que Lhe suplicam o amparo, no sentido de esmagar os adversários.

Suplicam a ação dos gládios de São Jorge e São Miguel, até em orações distribuídas coletivamente, para a destruição dos elementos contrários. Em vez de implorarem fonte de iluminação, apelam para destruição. Maldade, em vez de fraternidade.

Ora, a igreja católica e o templo protestante, a mesquita e a sinagoga, a catedral suntuosa e a tenda humilde são meros altares para

culto ao Senhor, – e há muitas vezes, mais força espiritual num subterrâneo, num ermo, do que nos preconceitos de liturgias. desviadas pelo luxo e pelo ódio dos homens.

Lembra-te: Jesus pregou nos caminhos e nas ruas, nas colinas e nos desertos, de preferência aos templos.

E, pela única vez em que brandiu o azorrague, estava num templo...

IX

Ninguém possui o monopólio da salvação. Os iluminados e os simples são meros veículos, entre o nada e o tudo.

As "compridas túnicas" não operam milagres sem a inspiração da alma. O coração bom, sob vestes pobres, vale mais do que o coração orgulhoso, sob batinas vaidosas. Olha, com respeito íntimo, todos os templos. Descobre-te, guarda silêncio, ante a alma que se concentra em preces, estarás também rezando, estarás também contribuindo para a súplica de um ser por outros seres.

Guarda silêncio ante o mendigo que reza numa esquina solitária, ante o padre, o pastor, o rabino. E' possível que, nessa hora, o Senhor esteja ouvindo, – e tu poderás também ser ouvido. Mantém esses propósitos onde estiveres, – a bordo de um avião, ou de um navio, à margem de um caminho, num salão. Aí estará Jesus.

A Terra é pequena para Sua adoração e, no futuro, novas humanidades e novas vidas se entenderão para agradecer melhor ao Homem-Deus.

Prepara-te pela força da oração. Que vales? Cada hora vivida representa um retrocesso no tempo material e uma arrancada para encurtar dias de tantas provações. Ouve, no badalar do relógio e nos cronômetros do coração, rituais de aproximação para outras vidas.

X

Renuncia sempre, ereto ante a injustiça, quando vibrada contra teus irmãos. Baixa a fronte às injustiças somente contra a tua pessoa: deixa que te maltratem, te vilipendiem e te firam. Pensas que, no desembesto das ambições, variaram os processos de aniquilamento? Variaram, em relação ao corpo; aumentaram, talvez, em relação à alma. Antigamente, o adversário em movimento era arremessado às feras no circo, que o estraçalhavam, sob apupos da multidão.

Outrás vezes, nos desertos, sofria vergastadas que lhe estigmatizavam o rosto e a costa, até a morte. Vieram os machados, as forcas, os fuzilamentos, as guilhotinas, os linchamentos, as tenazes candentes, as fogueiras, os campos de concentração, as cadeiras elétricas, as incinerações. Virão, naturalmente, os processos atômicos.

Ontem e hoje, quase as mesmas punições.

Mata-se a alma civil, trucida-se a alma sentimental.

Compara bem. Colocava-se o paciente no patíbulo; organiza-se modernamente a sistemática do vilipêndio. Arrancam-se-lhe os derradeiros jatos de espírito, mesmo preparado para o holocausto.

Circo romano: – "às feras!"

Inquisição: – "à fogueira!"

Conversão dos Direitos do Homem: – "à guilhotina!"

Tribunal de Nuremberg: – "à forca!"

Comícios da democracia: – " mata ! ao poste ! enforca o ladrão !"

Púlpito da demagogia: "eu venci, sou tudo ! ele caiu, é o diabo !"

Punições de acordo com as épocas, injustiças que terás de combater, embora com a tua própria imolação !

XI

Renuncia a fim de evitares surpresas fatais! Nas horas mais agudas, nos momentos mais despendidos, não percas o autodomínio !

As festas de hoje poderão ser o preparativo para uma situação completamente diversa num amanhã bem próximo. As pedras atuais poderão acender flamas de resistência. As mãos, erguidas nas aclamações, mantêm as mesmas posições na condenação.

Hosana ao Filho de Deus, palmas ao Homem-Deus, em que se transformaram? Eram sinais de crucificação.

Os vivas transmudaram-se em morras, ao arbítrio das ambições contrariadas.

Quando te levantas, a caminho para o cimo de montanha, todos os olhares te vêem, e todos te aclamam, porque estás blindado de sol. E o sol tem fulgor de moedas novas. E quase esperam chuvas materializadas.

Quando desces, vais desamparado na sombra.

Nada mais podes dar – e muitos esperam a queda final nos subterrâneos. Se envelheceres pobre de bens materiais, estarás mutilado e cortado para o mundo.

Só o espírito ainda te salvará. A renúncia será a grande força para a salvação.

" Nada quero" – eis tudo!

Ainda assim, há os que te desejam a morte para colher cinzas e húmus para seus jardins e roseirais.

XII

Educa-te sempre em força para servir . Servir sempre sem pedir jamais.

Porque, mesmo com essa renúncia de servir, ainda há quem te condene e julgue culpado.

Pelos teus atos, pelos atos dos outros.

Há indivíduos que se sentem infelizes com a felicidade alheia, em psicoses incuráveis. Mensuram a sua tranqüilidade na desgraça dos seus semelhantes, imaginando blasfêmias e vinganças. São fogueiras que alimentam destruindo.

Serve sempre sem pedir jamais e aceitando, como prêmios, as injúrias e os complexos ferinos. E deves ser feliz com a ventura do teu semelhante, com o sorriso de quem te fez mal.

Deplora-o, em vez de amaldiçoá-lo. Pode ser que o mal cometido coloque pontas de ferro à sua cabeceira.

Ele se arrependerá, nesta ou em outras vidas: ocuparás o seu lugar, se lhe desejares mal ou praticares vinditas.

Suplica a Jesus que o ilumine e o salve.

Será esse o maior pedido, o maior serviço a ti mesmo, o teu supremo triunfo sobre a vida.

XIII

... Porque "transformado num instrumento de paz", Jesus te proporcionará a escada suprema da salvação;

porque, sendo instrumento de paz, tens de considerar haustos de libertação as injustiças que sofres em silêncio;

porque, suportando invectivas, estás marchando para mundos iluminados;

porque, instrumento de paz, dás sem receber, amas sem ser amado, morres sem ferir ninguém;

porque, agindo assim, terás ouvido a prece de São Francisco de Assis e caminhas para Jesus.

Que assim seja!

XVI

Laudes da Renúncia

Laudes da Renúncia

I

Os gritos e as pedradas contra um inocente atingem o corpo e magoam a alma, porém valem por uma reintegração à humildade. Estavas distante dessa humildade e do necessário retraimento; caminhavas sob refletores mundanos, que te envolviam e repartiam em policromias de ilusões. Nesse momento, quando resvalaste, vozes desvairadas te acusaram, mãos ferozes te arremessaram ao escárnio e à humilhação. Além do assassínio moral, jorrava o teu sangue.

Tiveste ímpetos para reagir, no impulso de qualquer mortal, contra aqueles que te acidavam os dias, em obediência a determinismos superiores. Triste revolta, a princípio; depois, meditando, caíste nas bênçãos de tua inutilidade, no encantamento da resignação.

Contraíste uma pesada dívida com os agentes daqueles berros e lapidações, que representam chamas para teu julgamento. Graças a esses anátemas, viste com "olhos de ver" e reentraste na perene alvorada, de que te afastaras ao sopro de ambições terrenas.

Abençoa a peregrinação, as traições, os insultos, as felonias: representam o brazido que escande o ferro, as labaredas que limpam os roçados, arrumando coivaras para as queimadas purificadoras, anulando os detritos que somente servem para sujar os ventos e empoeirar as árvores...

Abençoa! Eras o barco encalhado na praia e, agora, voltas ao mar alto, entre grandes nuvens e grandes céus!

II

Agora, calcinadas as impurezas por essa aspersão, perscrutas os quadrantes em que te agitas: não são os mesmos, porque as revoltas cederam para transformar-se em preces a prol dos que te perseguem e difamam, improvisando uma neblina gelada, através da qual, sob aromas interiores, refletes as irisações da nova vida.

Olhas os caminhos percorridos e sentes que nenhuma blasfêmia queimou a tua garganta, nenhuma nódoa agitou o teu coração, e respiras com força maior e sob forças maiores.

Dormes o mesmo sono antigo sem remorsos; despertas com orquestrações dentro da alma. Marchas, e nada te pesa, porque não arremessaste a pedra acusadora; porque tudo enfrentaste, curvado às responsabilidades dos teus e dos erros alheios, sem denunciar ninguém; porque, à sombra do teu sacrifício, muitos prosperaram na luta pela existência.

Queixas e invejas, vinditas e ódios? Por quê? Por que perturbar quem se encontra feliz, felicidade a seu modo, – mais feliz do que tu?

Merecia, por certo, uma prova de consolação, que lhe ilumina os estádios desta passagem transitória: deves considerar-te feliz, porque foste a energia impulsionadora daquelas vitórias.

III

Demais, a vida é um rodízio de sentimentos, uma intercanalização de vasos comunicantes. Todos têm lampejos de consciência, passados ímpetos e entrechoques, arrependendo-se do braço que movimenta a pedra, do olhar que desferiu lâminas de ódio. Pensam, nesses momentos, nos meandros para os mundos eternos.

Sob o império do orgulho e da vingança, da inveja e da traição, acordam como quem acorda de um pesadelo e observam o mal praticado: espalharam a miséria, denegriram, mancharam a reputação alheia, conspurcaram famílias, na ilusão do mando e do mundo. Tonitroando sempre, cataram os dejetos dos vocabulários, na embriaguez de que se dirigiam a retardados. Volvendo à claridade, vêem, então, que nada edificaram. As vaidades profundas queimaram transitoriamente, mas também os queimaram para sempre.

Pelas transformações do ambiente, tais miragens passam, como passam as tiranias. E a verdade espiritual se desenvolve, em perenes deslumbramentos, até o infinito...

IV

Imensa riqueza é reconhecer o próprio desvalor, é saber que, no oceano da vida, o homem representa uma simples onda, vaporizável por espirais de calor ou sopros de vento. Saber que, exatamente nesse nada,

nessa manifestação de consciência, há uma força que a anima, proporcionando a alegria interior, a calma para a salvação na hora do naufrágio, o isolamento em meio aos triunfos e competições. Saber que a convicção desse desvalor cancela ódios, entreabre os lábios para a prece em bem de amigos e inimigos, dos seus filhos e dos seus entes queridos, e abre o coração para a beleza extraterrena, que não morre jamais.

Quando todos esbravejam em vinditas, calúnias e perseguições, aquele aviso sideral é o farol dentro das tempestades, o sol na vacilação dos cegos, a bóia salvadora entre os escarcéus.

Quem vive dentro da consciência sorri aos insultos, recusa a venda no cadafalso, sem recriminações nem protestos, e se desfaz em perdão pelos injustos e caluniadores.

Quem não vive assim vegeta para o mal, protelando os juramentos perante os céus, juramento fementido do juiz, do médico, do advogado, da enfermeira, do soldado, falseando a própria vida!

V

Somente Tu, Senhor, governas as nossas vontades!

Somos crianças trôpegas ao resplendor dos Teus passos!

Sofremos provações, como um aviso, – tropeço que anuncia o abismo escancarado pouco adiante, relâmpago que entremostra a tempestade e os nevoeiros.

Ora, muitas vezes, a uma simples vontade contrariada, maldizem-Te alguns, com arrogância e descrença, – "perdi a fé, rezei tanto, não mereço tanta injustiça, os maus são atendidos, não creio em Deus!" Certos atropelos são exatamente desafios para que se comprove a fé, para que não se deserte o templo da Fé.

Que importam desesperos neste mundo, se, espiritualmente, vivo à porta de mundos diferentes? Que importam calúnias, se não calunio também os caluniadores e os bendigo? Que importam maldições, se peço benesse para as suas cabeças? Só há um receio verdadeiro – o receio de perder os rumos traçados em ciclos anteriores, o roteiro desta vida para outras vidas, ao sopro obscuro de paixões obscuras.

VI

Renuncia!

Bendito o que é insultado, e esclarece, mas não insulta; o que, por absurdo contra o Evangelho, poderia apedrejar, superior em forças ao seu adversário, e não apedreja; o que luta, recebendo afrontas, ou vence e não humilha o vencido. Esse vai na esteira incompreendida das Bem-Aventuranças. Bendita a criança, que estende as mãos magras, não pode dormir por subnutrição, recebe pancadas e ainda reza pelo espancador; bendito o pai, impedido de alimentá-la, em torturas e sem citar o nome do perseguidor, que o reduziu à fome!

Bendito o inocente, que tem provas contra o inimigo e não o denuncia, sofrendo seguidamente, sem protestos contra a injustiça; bendito o que tomba no caminho e, à aproximação do guarda, não mostra o assassino que o esfaqueou.

Bendito o que, pelas ruas e casas, arde sob calúnias, injúrias, retransmitidos de boca em boca, em sussurros velados ou vaias coletivas, e passa em silêncio ante os insultadores sem piedade.

E bendito o que, sem luz e longe do lar, esfacelado e em agonia, perdendo criaturas amadas, ainda entreabre os lábios em defesa dos maus, exaltando os Teus ensinamentos, – Jesus!

VII

Se renuncias, em ascensão iniciática, sem aperfeiçoamentos essênios, nenhuma queixa deve sair de teus lábios. E nenhum ressentimento.

Às mesmas horas, em segregamentos dramáticos, gemem criaturas sem pão, arrastam-se mães com os seios esterilizados pelas subnutrições, velhos sem direito de rogar esmolas, à porta de uma igreja, coletividades despojadas de seus direitos, povos que perderam sangue e foram roubados em suas aspirações, homens chicoteados no corpo e na alma, somente porque pregaram a liberdade.

Se renuncias, nenhuma queixa deve fugir de teus lábios. E ressentimento algum! Há mundos mais iluminados do que este mundo, em que foram eliminados ódios e ambições.

A dor é uma experiência e uma experimentação: queima para comprovar a resistência. É nessas horas que o espírito se revela melhor, genuflexo ante Jesus, porque não é por desajustamentos que se atinge as esferas da libertação.

Mas curvando a fronte ao sofrimento, o coração à punhalada, o corpo ao fuzil, a dignidade ao vilipêndio.

– Sê assim, em oferta a Jesus!

VIII

Age com renúncia, pela renúncia, dentro da renúncia!

Age de tal forma que o teu sono atual seja de uma criança, sem um protesto violento por injustiças, ainda que lhes sintas os acicates na alma.

Acompanha, de lâmpada às mãos, as mutações do juiz que trai os códigos, que se atrelou ao poder, que profanou a toga e conspurcou a lei, que não trepida em transacionar a consciência, contrabandeando as constituições. Acompanha o professor que ministra ensinamentos envenenados, o cirurgião que opera sem necessidade, somente por dinheiro, o jornalista que transforma a pena em bisturi de retaliações. Não importa. Enganará a todos, menos a Deus: pode beber o vinho oriundo da

venalidade, porque, em meio aos vapores das festas e gargalhadas, verá o vulto dos inocentes que sacrificou à sanha dos poderosos. Hoje ou amanhã, na claridade ou na treva. Será um vencido, que não poderá olhar para dentro de si mesmo, porque suas decisões e diagnósticos foram inspirados pelo ódio, pelo suborno e pela vingança.

Segue o teu dever, segue a estrada da consciência e renuncia sempre. Renuncia por ti. Mas não renuncies em prejuízo dos demais, porque a renúncia, nessa hipótese, é uma fuga e constitui um crime!

IX

"Amai os vossos inimigos, fazei bem e confortai sem esperança de remuneração".

Procede como o lavrador que vai semeando sempre e não volta nunca, a fim de colher o que plantou pelas estradas. Não faz mal que os caminhantes recolham frutos e flores, acossados pela fome. O semeador sabe, já muito longe das covas floridas, que alimentará viajantes retardados, crianças e necessitados, que não têm onde repousar a cabeça.

Plantou, abriu clareiras, deixou árvores e hortas! Outros, beneficiados nas colheitas, bendirão o que por ali passou um dia, sem egoísmo, cuidando que, em sua vida, só havia um compromisso – caminhar sem ambições, servir sem recompensas, sempre caminhar e sempre servir! É um operário que recebeu a missão de suar e trabalhar, sem pedir e nem receber pagamentos. E continua a semear. Não importa

que os premiados o amaldiçoem, lhe mordam a ausência, porque não trabalhou ainda mais, e não blasfemou. Poderia revidar, mas não revidou. "Dai de graça aquilo que recebeis de graça". E deu até o que não recebeu de graça.

Renuncia e semeia, porque pensa dever sempre: transformadas em anos todas as suas horas, não pagaria aos seus semelhantes. Renuncia, abençoando mãos e gestos que o ampararam e corrigiram, – no berço, na infância, no decorrer dos ciclos de existência.

Renuncia, abençoando também mãos e gestos futuros, fechando-lhe os olhos, carregando-o para a vala niveladora, quando não mais poderia agradecer em palavras humanas, mas em orações silenciosas, mais poderosas do que frases tumultuantes.

Renuncia e agradece qualquer punição ou imolação porque somente Deus lhe conhece os motivos: bem podia ser os degraus de fogo para libertações mais puras!

X

Suprema renúncia, – viver pelos outros, morrer pelos outros, derramar sangue pelos outros.

Vale a pena traduzir um soneto de Ramon Pina Benedi: Pátria. São dois holocaustos, duas criaturas que se imolaram pela Pátria, no momento da partida suprema e da absolvição, últimos pensamentos

presos ao infinito. Soldado e sacerdote foram atingidos em combate, ambos ardendo em fé:

Feridos por estilhas de granada,
um soldado infeliz sofre no leito.
A seu lado também geme desfeito
um sacerdote em luta amargurada...

Os dois caíram sobre a mesma estrada,
por metralhas iguais ferido o peito
pela Fé, pela Pátria... E, em laço estreito,
a Cruz cintila na sangrenta espada.

– "Ouve-me, Padre! – o militar dizia –
morrer sem confissão, Deus de perdão!
Tem piedade de mim, Virgem Maria!"
. .

E, em meio aos estertores da agonia,
o sacerdote levantou a mão
e morreu sobre o herói que absolvia...

XI

– "Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para a outra".

Lá estão estas palavras, no Evangelho dos Mestres, reproduzindo os pensamentos do Mestre Supremo. Aí está uma lição de renúncia. Palmilhas o chão de tua Terra, trabalhas numa cidade anos seguidos, ofereces todos os teus dias para a luta – e és seviciado pela maldade.

Trazes o benefício para todos, perdoas os inimigos, preconizas a liberdade, – e és arrastado nas vaias das turbas.

Dás assistência, dás sem que te peçam, suplicas a tranqüilidade para todos os lares, – e és enxotado.

Que fazer? Tens de renunciar, ainda pelo bem-estar alheio, tranqüilidade, posição, relações, lembranças, – e procura outra cidade, forja novo abrigo, onde serás estrangeiro, terás de recomeçar tudo, mas possas fitar o céu.

– Se zombam de tuas palavras –por que falas?

– Se desdenham do teu sacrifício – por que persistir?

Foge daquela cidade ou daquela casa, porque estás demais e procura o deserto, (é sempre um deserto a mudança total dos rumos e dos anos), em plena renúncia de ti mesmo, – e encarna a sombra protetora dos que necessitam, não importa sejam bons ou transviados.

Foge, não por medo ou indiferença, mas para não atiçar olhos fuzilantes de ódios: és uma folha a mais na árvore coletiva, e desaparece engastado nos temporais! Poupa aos demais a tua presença, embora pequena, e desaparece!

Renuncia, não por orgulho, mas ainda por humildade e, ao fim, com a existência em declínio, ainda poderás abençoar o teu povo, através

da distância, imitando São Francisco: "Voltai-me para o lado da cidade!" Estava cego e abençoava ainda, em meio às recordações de tantos anos e tantos sofrimentos.

Era, é um santo, nem tens poder para imitá-lo. Mas, dado o exemplo, cidadãos de Assis se erguem em todos os pontos do mundo.

XII

Veda a olhos profanos tua renúncia!

Nenhuma palavra, porque, se falasses, pareceria uma irreverência, uma cobrança aos serviços prestados. Levanta as vistas para as alturas e recebe as provações com espírito alegre, — bombeiro insultado ao prestar socorro, no meio das labaredas, nadador condenado porque salvou o inimigo, perdido em naufrágios.

Renuncia sorrindo! Convence-te deste valor — nada vales, mas nada em nada e de nada. E demora a atenção neste antigo raciocínio: — "se o contendor me ofende, é para ensinar-me a autodisciplina e dar-me o cautério que martiriza, mas cicatriza o ferimento".

Renuncia e parte: tua presença pode causar constrangimento aos próprios amigos, alvejados pelo mundo em revulsões, quando, porventura, te estendam a mão. Quando tomba uma criatura e nada mais pode dar, materialmente, — dá o máximo com a sua ausência. Se os Apóstolos sofreram, após a denúncia de Judas, os Apóstolos que sorveram a essência mental de Jesus, — que será de ti, meu irmão? Renuncia a tudo e a todos — às festas, às glórias fúteis, às posições, certo

de que, somente pela força da renúncia, ainda serás um forte: vencerás os derradeiros degraus, ascendendo aos ensinamentos do Mestre.

E pensa:

"Se não vos receberem, ou não escutarem vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés".

Sacudindo a poeira, ainda proferes uma Ave-Maria de renúncia!

XIII

Porque se impõe a renúncia de provas, abeberadas, em fortes iniciativas, para a salvação de milhares;

porque, abatidas as florestas, as árvores permitem clareiras para os arbustos que não podiam crescer, permitindo-lhes o sol, e vão perfumar lares pobres, alimentar turbinas, – e deves ser também uma árvore humana;

porque o "homem bom, de bom terreno em seu coração, dará coisas bôas";

porque, pela renúncia, moldarás o coração numa lâmpada, para clarear a estrada sagrada", onde os justos aspiram pervagar;

porque, gota de chuva que se desfaz para umedecer uma corola ressequida, – pela renúncia total estás rezando, trabalhando e caminhando para Jesus!

Que assim seja!

XVII

"Levanta-te e Caminha!"

– "Para onde viajou a alma de Lázaro, sepulto na Betânia, antes de Cristo o ressuscitar?

A vida, para ele, também, era morte.

E a morte em vida, por conseguinte.

Porque ele vivera enquanto morto. Seu coração pulsava, seus pulmões respiravam.

Só seus ouvidos não ouviram, nem seus olhos enxergavam".

Gondim da Fonseca.

"Machado de Assis e o Hipopótamo" - (p. 183).

***

–"Haverá tormento maior, na terra, que esse de ficar um homem prisioneiro, com a sua inteligência encarcerada no seu próprio corpo, como um espírito num cadáver ou um pássaro num cofre fechado?"

Humberto de Campos.

"Diário Secreto" – I, p. 96.

***

"O ancião que, na política, nas letras, ou na sociedade, persiste em ficar ao lado dos moços, deve sentir intimamente a amargura daquele

Lázaro de Léon Dieux, que, no silêncio da noite, ia rondar o cemitério da sua aldeia, saudoso do túmulo, de onde o Nazareno o tirara..."

(Humberto de Campos.
"Diário Secreto", I – p.152).

***

"Certa vez, em seus dias de estudante, ouviu um velho missionário pregar acerca da ressurreição de Lázaro: como Cristo se detivera diante do sepulcro selado e ordenara que o mesmo fosse aberto, para que o cheiro da podridão se desfizesse no ar parado e seco do verão; como Lázaro, atendendo ao chamado, saíra para fora, a tropeçar na mortalha, e ficara de pé, a piscar sob o sol. Que sentira ele naquele momento, indagara o velho? Que preço havia ele pago por aquela volta ao mundo dos vivos? Acaso continuou para sempre, depois, estropiado, de modo que cada rosa lhe cheirasse a podridão e cada jovem doirada lhe parecesse um esqueleto desengonçado? Ou caminhou cheio de deslumbramento diante das novidades das coisas, o coração terno de piedade e amor pela família humana?"

(Morris West –
"O advogado do Diabo"(p. 4).

"Levanta-te e Caminha!"

I

Quando ouviu a Voz Divina – "Levanta-te e Caminha!" – o espírito de Lázaro, entontecido e inquieto, soldou-se ao corpo, imobilizado há quatro dias e envolto em sudário. Voltara ao encarceramento humano e trazia, embora no curto prazo desses quatro dias, o esplendor dos invisíveis mundos percorridos.

Saíra da Betânia: sonhara em Jerusalém; sentira as caravanas, os simuns do deserto; bebera movimentos nas ondas do Mediterrâneo e estacara na quietude do Mar Morto. Com a alegria da liberdade, como quem abandona uma caverna escura, retornou ao corpo, desta vez sombrio e entristecido, sem compreender o contentamento de Marta e de Maria.

Continuar ali depois do que admirara e pressentira?

Depois de ver a diferença entre os espíritos, na glória dos céus, e os homens, nas ambições da terra?

Ter sorvido, nesses quatro dias, a doçura imortal de que não fruíra um rastilho em todos os anos de ambições terrenas, e encontrar-se novamente naquela Betânia, articulado a um organismo sem infância, sem aspirações, sem vibração?

Vira claramente o que não poderia anteriormente ver antes da morte: a tragédia do Calvário, a morte da Santíssima Virgem, a expulsão

da Betânia, a viagem até Marselha, o seu apostolado de Bispo, a fundação de uma Comunidade de Virgens pela futura Santa Marta.

II

Naquelas poucas horas, esvoaçando entre almas de eleição, arrastado de claridade em claridade, como em degraus de pedrarias, vira e ouvira o que se passava lá embaixo.

Ouviu o diálogo oculto da ingratidão entre os homens, as calúnias que não se denunciavam em palavras, prontas para explosões em gargantas roucas, as mãos que se enclavinhavam.

– Hosana! Hosana!

Agitaram-se as criaturas, na ilusão da vida, materialmente; todas se aproximavam do Imortal Renovador, pela revolução da bondade. Em contraste, como pródomos da injustiça milenar, o desmentido de Pedro, a sentença dúbia de Pilatos, o Calvário.

Os que entoaram hosanas, arrependidos ante o poder momentâneo dos homens, fugiam ou apedrejavam, – desapareciam ou insultavam. Tentavam recomendar-se ao triunfador, sabujando na infâmia, perseguindo o Vencido que não podia resistir.

Dirigiram-se aos espiões do Templo:

– "Olha! Eu também estou injuriando, estou escarrando no Réu. Espero recompensa".

Lázaro ouvia, entre palavras envenenando o vento, o clamor da turba, que se transformaria em condenação ultrajante:

– Hosana! Hosana!

Via e ouvia ao desenrolar dos séculos, nos estágios de idades e civilizações, em apogeus e quedas de impérios, na sucessividade de reis e chefes militares. Fratricídios e infanticídios, tragédias individuais e coletivas.

Adquiriu o poder de visionar as verdades mais escondidas em rostos de aparente inocência, ou nas frases mentirosas, – e estremecia entre irmãos que sorriam, disfarçando as punhaladas de amanhã.

Havia, por outro lado, a infindável turma dos sacrificados, dos que se imolam pela tranqüilidade alheia, sem interesses pessoais, dos que tudo oferecem e nada recebem, dos que opõem o silêncio ao insulto.

As fogueiras, as guilhotinas, as forcas, os fuzilamentos, os campos de concentração, os cárceres gelados, – os crimes e erros praticados em nome da justiça dos homens, mentindo quase sempre à justiça de Deus.

Ouvia e via os dramas da fome, como através de vidros transparentes, – quando recebeu ordem para reentrar no organismo semidecomposto e voltar aos mundos de onde partira:

– "Levanta-te e Caminha!"

III

Levantou-se, entre espanto e alegria dos que estavam em redor.

– "Desatai-o e deixai-o ir!"

Obedeceram; obedeceu.

Desataram-no e partiu, porém mais algemado do que antigamente. Porque, ressurgindo na segunda encarnação do mesmo organismo, inédita nos tempos, trouxe o estonteamento de um estágio que não conhecia, inexecutável na vulgaridade das incompreensões, que teria de suportar por mais alguns anos.

Profunda melancolia desceu sobre Lázaro, como um pesadelo profundo, porque não constituíram surpresa os Passos do Mestre, também reduzido a condições humanas para sofrer, ser traído, sentenciado por magistrado vacilante, símbolo prematuro de juízes vindouros, e tombar como os demais viventes, embora elevado pela clamorosa injustiça...

Hienas togadas do Sinédrio, como sói acontecer, poderosos transitórios, julgavam haver transformado as condições do mundo com a monstruosidade da sentença. Não sabiam que lavraram a sua eterna condenação. As moedas retiniram com a imolação do Justo; trompas soariam, como um funeral; o vinho correria, entre festins. Durante o dia, durante as festividades.

À noite, quando sós, os responsáveis pela espoliação e assassínio não podiam dormir, com brasas na consciência, que não se apagariam em suas presentes existências e outras existências.

— "Levanta-te e Caminha!"

Findo o Suplício Divino, Lázaro seria expulso da terra natal, como seriam expulsas suas irmãs Madalena e Marta.

Iriam viver e pregar a Fé em outras terras, às margens do Ródano. Os barcos para a viagem, de incrível fragilidade, venceriam as tempestades. Iriam ancorar em angra estrangeira...

IV

Lázaro recordava...

Trouxera a recordação encantada daqueles quatro dias encantados. E, para que os reconquistasse, teria de passar os anos da segunda vida em permanente vigilância, sem desvio na semeadura para que fora escolhido e designado.

Teria de seguir os ensinamentos do Mestre Divino e dos Guias Iluminados, sorrindo aos verdugos, quando, pedindo água, Lhe dessem vinagre para beber, mesmo no instante da morte.

Sem apego material às correntes humanas, fitando, sem ambição de espécie alguma, as ambições que desnorteiam e fascinam, teria de fatigar-se entre pagãos e transviados, imolando deuses pelo Deus verdadeiro.

Fora testemunha do Mestre, – sentira-O, ouvira-O, beijou-Lhe as mãos e o Sangue: poderia falar, agir, conduzir – e novamente morrer para eternamente viver...

V

Marta, que tanto se preocupara com a residência da Betânia, iria também semear a caridade nas margens do Ródano e fundar a primeira Comunidade de Virgens.

Vencera, por sua vez, os temporais do Mediterrâneo; levaria o mastro da Cruz e a potencialidade do Calvário.

Betânia teria de reviver.

Anunciara a morte de Lázaro a Jesus; recebera, como dever, o dever de seguir-lhe nas preparações e trabalhos, pelos dias afora.

Ainda recordava a súplica:

— "Senhor! Se estivesses aqui, ele não morreria!"

Deu-lhe o Mestre palavras de esperança, — e a esperança era Lázaro redivivo, esperança em sangue, caminhando entre dois mundos e duas vidas.

VI

O mesmo espírito, integrado ao mesmo corpo, iria aumentar a adoração ao Mestre, mas trazia, após quatro dias de morte e iluminação, o holocausto do homem pelo homem. De que valeriam aqueles restos?

Sem as palavras milagrosas de Jesus, seriam poeira na poeira universal. Somente a alma teria valor para sentir e disciplinar. Mais tarde, na segunda morte, seria uma criatura que morreu duas vezes, sempre seguindo o caminho traçado pelo Redentor.

E por que vaidade com o corpo? Talvez por ser a sede transitória da alma, que partiu, certa vez, como em observação e passeio, e recebeu ordens para reocupar a casa abandonada. Ouvia sempre aquela voz, ao mesmo tempo voluntariosa e caridosa:

— "Levanta-te e Caminha!"

VII

Ouvira, no tumulto ou no silêncio das idades, o que se passou com o Cordeiro Divino.

Descido da Cruz, foi carregado para o túmulo e o esquecimento. Mas a realidade falou.

Alguns juízes precisavam agradar o Sinédrio: injuriavam o Desaparecido.

Tentavam esmagar a verdade e, uma e outra vez, ouviam.

– Estás mentindo. Basta de infâmias contra Quem foi vencido e morreu. Deixa-O em paz!

Não faz mal. Os grandes ficam satisfeitos. Podem pisar-me, cuspir-me no rosto. Quero apenas dinheiro e posição.

O pão do trabalho lhes parecia amargo e duro.

Lázaro via o mesmo espetáculo através dos tempos, mais acerbos quanto mais adiantados os homens. O poder exigiria holocaustos.

VII

Por outro lado, na mesma seqüência, sentia ardor de fogueiras, quedas de guilhotinas, ranger de forcas, estalar de metralhas. Cabeças rolando, no desespero de homens contra homens, para que fosse implantada a justiça.

Num e noutro ponto, ante multidões vociferantes, um mártir que se sacrificava para não falsear a verdade.

Na implantação da Doutrina Divina, missionários se internariam nas selvas e montanhas, dividindo o cristianismo por ambições e divergências. A Luz do Mestre era uma única – só e intangível.

Cada grupo divergente queria acendê-La a seu modo, julgando-se o detentor dos Seus ensinamentos, até criando religiões para novas interpretações...

IX

Lázaro viu que Ele dera o exemplo da eternidade aos milhões de homens dos agitados séculos futuros. Sua Alma fora a energia da inspiração, como Seu Corpo o círio para atrocidades e vinganças.

Apoiadas ao ódio, à inveja, ao suborno, milhões imolariam a alma e o Justo seria o culpado, embora fosse o espelho fulgurante da inocência. Seria sempre o escolhido para motivo dos ataques sem piedade, pequenos ante a escalada... Abrira os céus, mas a terra ficara fechada. Saqueada a Sua Memória, seria, entretanto, a salvação dos pequenos, dos perseguidos, dos assassinados, dos sem-pão e sem-direito.

X

Quando defendia os direitos das turbas, todos acompanharam o Divino Mestre, porque semeava a esperança de um mundo melhor e porque enfrentara o furor das autoridades – judaicas ou romanas.

Transmudou-se o cenário e, excetuando raros, todos fugiram.

O Corpo Sacrificado, como o grão de trigo, precisaria desfazer-se para florir e frutificar, precisaria ser queimado para rebentar em luz.

Dera exemplo aos que, no decorrer dos tempos, se imolaram à liberdade, enfrentando falsos tribunais, acreditando em caifases e pilatos. As trinta moedas ficariam como uma irrisão, ante os milhões que surgiriam depois em pecúnia, em imóveis afrontando o povo humilde e faminto. Enforcando-se, Judas provaria arrependimento. Os Judas futuros, cobertos de milhões, embrulhadas em togas de carnavais, só se

enforcariam em libações como um disfarce à insônia, provocada pelos crimes contra os inocentes.

XI

Antes do milagre, vivia tranqüilamente na casa da Betânia, servido por Marta e Maria. Nada lhe faltava; foi um desespero quando desencarnou. Na modéstia dos seus dias, viviam bem, como flores na sombra, principalmente quando viam o que se passava com os altos dignitários da Judéia.

Lembrou-se de Moisés Bem-Levi. Rico e poderoso, não podia mover-se nas ruas e templos, tal a adulação de grandes e pequenos. Faliram os negócios e caiu na pobreza. Nada tinha, nada mais podia dar, e estava demais. Ainda surgiram alguns, raspando as derradeiras gotas da cisterna. Nada mais havia. Começaram a acusá-lo pela água que bebia, gratuita nas fontes, pelo ar que sorvia, solto nos espaços, pelo chão que pisava, imóvel às suas plantas.

Esqueceu-se de armazéns, riquezas materiais – e caiu entre os seus semelhantes, sempre em busca de novas presas, como os lobos nos montes. Dera tudo e se esvaziara; nem os lobos o farejaram mais...

XII

Visionava os séculos vindouros.

Via inocentes apedrejados, porque distribuíam a verdade; via tiranos endeusados, porque ofereciam dinheiro.

Via mártires degolados, porque não fugiam ao compromisso da lei.

Via juízes engalanados, porque se curvavam aos poderosos, vendendo essa mesma lei, pelo mercadejamento das sentenças. Transacionavam as volições do povo, jurando em falso com as mãos no peito.

Banqueteavam-se noite a dentro, e compareciam, na manhã seguinte, a liturgias puras, ouvindo as orações proferidas pelos sacerdotes e pelos inocentes, em frente ao Mestre que os seus antepassados venderam implacávelmente...

Łázaro tombou em desespero e meditação...

XIII

...Porque viu, através dos tempos, novas crucificações e novos Calvários para Jesus;

porque ouviu negações, como a de Pedro, seu arrependimento, partidas até dos próprios emissários de sua doutrina;

porque se acenderiam ódios e desentendimentos entre os seus próprios emissários, desviados pelas paixões terrenas;

porque as Suas Palavras, fortalecidas pelos exemplos, sofreriam os combates da heresia e as traições dos próprios legionários, jurando sobre a Cruz;

porque o Mestre vencerá, e vencerá ainda mais, mesmo com a divergência e a descrença, germinando em todas as civilizações;

e, porque, apesar de tudo, era bendito o sofrimento de Lázaro e dos Lázaros que surgirem pelos tempos.

Que assim seja!

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA